

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

MARCELO SIEBEN

ELEMENTOS DE UMA TEOLOGIA DA ECOLOGIA:
ASPECTOS ECOLÓGICOS DOS PROJETOS LACHARES E CAPA NO
CONTEXTO DA IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO
BRASIL

São Leopoldo

2010

MARCELO SIEBEN

ELEMENTOS DE UMA TEOLOGIA DA ECOLOGIA:
ASPECTOS ECOLÓGICOS DOS PROJETOS LACHARES E CAPA NO
CONTEXTO DA IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO
BRASIL

Dissertação de Mestrado
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação
Área de concentração: Teologia e
História

Orientador: Roberto Ervino Zwetsch

São Leopoldo

2010

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S571e Sieben, Marcelo

Elementos de uma teologia da ecologia: aspectos ecológicos dos projetos Lachares e Capa no contexto da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil / Marcelo Sieben ; orientador Roberto Ervino Zwetsch. – São Leopoldo : EST/PPG, 2010.

114 f. ; il.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2010.

1. Ecologia – Aspectos religiosos – Cristianismo. 2. Posse da Terra – Aspectos religiosos - Cristianismo. 3. Igreja e problemas sociais – Igreja Luterana. 4. Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – História. 5. Obras da Igreja junto aos trabalhadores rurais. 6. Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor – História. 7. Lar da Cultura e Harmonia de Reintegração Social – História. I. Zwetsch, Roberto. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

MARCELO SIEBEN

ELEMENTOS DE UMA TEOLOGIA DA ECOLOGIA:
ASPECTOS ECOLÓGICOS DOS PROJETOS LACHARES E CAPA NO
CONTEXTO DA IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO
BRASIL

Dissertação de Mestrado
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação
Área de concentração: Teologia e
História

Data:

Roberto Ervino Zwetsch – Doutor em Teologia – EST

Flávio Schmitt – Doutor em Teologia – EST

José Ivo Follmann – Doutor em Sociologia – UNISINOS

AGRADECIMENTOS

Um projeto e a vontade de executá-lo não são suficientes para a realização de uma pesquisa. Importantes são as pessoas e as instituições que permitem e ajudam a concretizá-lo. Desta forma, agradeço...

À família, em especial meus pais, Eugênio e Lori, a quem devo todo conhecimento vivencial do ambiente rural da pequena propriedade;

A Joelma, minha companheira especial, pelo incentivo incansável na construção da dissertação;

Aos professores, em especial, ao professor orientador Dr. Roberto Zwetsch que, prestativo, ajudou a tornar mais expressivas as descobertas desta pesquisa;

Aos colaboradores do Jorev Luterano, por facilitarem o acesso e a pesquisa dos volumes da década de 1970 e 1980 deste periódico;

Ao Programa de Pós-Graduação em Teologia da Faculdades EST que, devido à sua ênfase na Teologia Latino-Americana, acolheu o Projeto desta dissertação;

E ao apoio da Evangelisches Missionswerk (EMW) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), sem os quais não seria possível a realização da pesquisa.

Dedico esta pesquisa aos pequenos agricultores e agricultoras que, junto à igreja, persistiram na experiência de uma agricultura de futuro, uma agricultura ecológica.

RESUMO

A Teologia da Terra surge na década de 1970 como uma iniciativa das Igrejas na América Latina que se confrontavam, desde longa data, com a realidade dos problemas emergentes no campo. Assim como a Teologia da Libertação, a Teologia da Terra abordava em sua metodologia a análise sócio-histórica onde pode ser observada a emergência da reflexão ecológica e o seu gradual desenvolvimento até os dias atuais. Na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) esta Teologia se expressou na organização e no desenvolvimento de projetos que visavam o acompanhamento, o apoio e a resistência dos pequenos agricultores para que permanecessem no meio rural. No âmbito da Terceira Região Eclesiástica (RE III) da IECLB, noroeste do RS e oeste de Santa Catarina, foi organizado, em 1978, o CAPA (Centro de Aconselhamento ao Pequeno Agricultor, renomeado posteriormente como Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor) com o objetivo de assistir aos agricultores com orientações técnicas, econômicas, jurídicas, de classe e de cooperação. Esta orientação visava também a difusão de alternativas ecológicas de produção com alimentos mais saudáveis e menos dependentes dos insumos industrializados que encareciam os custos. A efetivação do CAPA guarda relação com iniciativas oriundas do desenvolvimento da reflexão a respeito das mudanças sociais no Brasil no âmbito da IECLB e da sua relação com outras Igrejas. A missão entre povos indígenas, o êxodo rural, a mobilização dos agricultores sem terra que resultará no MST e a colonização das Novas Áreas, no centro oeste e norte do país, passaram a ser relevantes nos encontros de lideranças eclesiais e leigas nesse período. As obras de Sílvio Meincke, pastor que atuou na RE III, resgatam aspectos desta reflexão que precedeu a organização do Centro e a sua posterior difusão na Região Sul do Brasil. À organização do CAPA, também precede o LACHARES (Lar da Cultura e Harmonia de Reintegração Social), uma iniciativa do pastor Silvino Schneider na metade da década de 1970 no município de Rancho Queimado, Santa Catarina. Com formação catequética, porém em função pastoral, Schneider atuou primeiramente em Burití-RS. Tanto em Burití quanto em Rancho Queimado, ele sempre esteve comprometido com mudanças em favor dos/as agricultores/as. Percebeu que o avanço da modernização da agricultura causara mudanças na vida dos pequenos agricultores de Rancho Queimado e região, no sentido da dependência econômica aos bancos e ao comércio (adubos e produtos químicos). Como alternativa, ele propôs a difusão da Agricultura Biológica ou Biodinâmica como prática amenizadora destes problemas. O LACHARES iniciou as atividades em 1976 e, em 1979, Schneider passou a publicar no Jornal Evangélico artigos com o título Teologia da Terra, contemplando as práticas deste Lar. As mudanças sócio-históricas que precedem estes projetos são expostas nesta pesquisa a partir de estudos da História Ambiental e Agrária, assim como de fontes da Antropologia e Arqueologia. A Literatura Regional aparece na dissertação como fonte importante de constatação das mudanças ambientais que envolvem a agricultura. A ecologia subjacente às práticas difundidas pelo CAPA e pelo LACHARES se concentra nos estudos da ecologia agrária. A reflexão sobre Elementos de uma Teologia da Ecologia diz respeito à ecologia praticada na pequena propriedade rural ou Agricultura Familiar e procura resgatar a fundamentação teológica da ação pastoral transformadora.

Palavras-chave: Teologia da Terra. Teologia da Ecologia. Ecologia. LACHARES. CAPA.

ABSTRACT

Theology of the Earth arises in the 70's as an initiative of the churches in Latin America who had been facing the reality of emerging problems in the countryside for a long period. Alike Liberation Theology, the Theology of the Earth approached, through its methodology, the socio-historical analysis through which it was possible to observe the emergency of an ecological reflection and its gradual developments up to the current days. In the Evangelical Lutheran Church in Brazil (*IECLB*) this Theology expressed itself through the organization and development of projects which sought to provide attendance, support and resistance to the small farmers so that they would keep living in the rural area. In 1978, in the sphere of the Third Ecclesiastical Region (*RE III*) of *IECLB*, northwest of *Rio Grande do Sul (RS)* state and western of *Santa Catarina* state, an organization called *CAPA* (Advice Center for Small Farmers; later, it was renamed and became Support Center for Small Farmers) was created, and its objective was to assist farmers with technical, economical, juridical, class and cooperation orientations. This approach also aimed at disseminating ecological alternatives to produce healthier food, which would be less dependent on industrialized products that made the costs rise. The effectiveness of *CAPA* is due to initiatives originated from the development of reflections on social changes in Brazil in the scope of *IECLB* and from the relationship with other churches. The Mission among indigenous people, the rural exodus, the landless farmers' mobilization, which will result in the *MST* (Landless Farmers' Movement), and the colonization of the New Areas, in the central-west and north of the country, became relevant issues in the meetings of ecclesiastical leaderships and laypersons in that period. The works of Sílvio Meincke, a pastor who served in the *RE III*, rescue aspects of this reflection which preceded the creation of the Center and its late dissemination in the southern region of Brazil. The creation of *CAPA* was also preceded by *LACHARES* (Home of Culture and Harmony of Social Reintegration), an initiative of Pastor Silvino Schneider which took place halfway through the decade of 1970 in *Rancho Queimado* county, *Santa Catarina* state. With catechetical formation, but serving as a pastor, Schneider first served in *Burití, RS state*. Both in *Burití* and in *Rancho Queimado*, he was always committed to promote changes in favor of the farmers. He noticed that the progress of modernization of agriculture had caused changes in the lives of those small farmers in *Rancho Queimado* and its region in terms of economical dependency on banks and commerce (fertilizers and chemical products). *LACHARES* started its activities in 1976 and in 1979 Schneider began publishing articles in the Evangelical Journal with the title of Theology of the Earth, contemplating the practices of this Home. The social-historical changes that precede these projects are shown in this research study and are based on studies concerning Agriculture and Environment History, as well as sources of Anthropology and Archaeology. Regional Literature appears in the thesis as an important source to find the environmental changes concerning agriculture. The ecology that underlies the practices disseminated by *CAPA* and by *LACHARES* focuses on studies about agricultural ecology. The reflection on Elements of a Theology of Ecology concerns the ecology that is practiced on small farms or through Family Farming and seeks to recover the theological foundations of transforming pastoral acts.

Key words: Theology of the Earth. Theology of Ecology. Ecology. *LACHARES*. *CAPA*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 O PROCESSO DE OCUPAÇÃO DAS MESORREGIÕES NOROESTE DO RIO GRANDE DO SUL E OESTE DE SANTA CATARINA.....	13
1.1 A Região de referência: 3ª Região Eclesiástica (RE-III) da IECLB.....	17
1.2 Precedentes da colonização na região de referência: os grupos indígenas....	19
1.2.1 Os Guaianás.....	20
1.2.2 Os Guaranis (Mbyá – Chiripá)	21
1.3 A colonização portuguesa	22
1.3.1 O caboclo.....	22
1.3.2 Os portugueses	24
1.4 A ocupação do noroeste gaúcho e oeste catarinense por colonos europeus .	26
1.4.1 A ocupação na perspectiva da História Ambiental: precedentes	27
1.4.2 A ocupação na perspectiva da História Agrária e Regional	31
1.5. Os colonos entre índios e caboclos.....	36
1.6 A literatura enquanto expressão da realidade agrária e ambiental	38
1.6.1 Charles Kiefer	38
1.7 A síntese do processo de ocupação.....	46
2 A TEOLOGIA DA TERRA E DA ECOLOGIA NA CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA PAISAGEM.....	50
2.1 Contextualização histórica de um processo eclesial	51
2.2 Os inícios de uma Teologia da Terra.....	61
2.2.1 <i>O Lachares: uma proposta alternativa na IECLB</i>	62
2.2.2 <i>Os primeiros passos para uma Teologia da Terra</i>	66
2.3 Elementos de uma Teologia da Ecologia	82
CONCLUSÃO	90
REFERÊNCIAS	93
ANEXO	101

INTRODUÇÃO

Ao tratar nesta dissertação sobre *elementos de uma Teologia da Ecologia*, destaco que estes elementos estiveram vinculados à Teologia da Terra¹ subjacente à criação e desenvolvimento do Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor (CAPA) e do Lar da Cultura e Harmonia de Reintegração Social (LACHARES), ambos projetos de iniciativa da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB).

Motivado a tratar da relação ecologia/teologia, levando em consideração o fato de ser filho de pequenos agricultores na Região Noroeste do Rio Grande do Sul, abordei, assumi e aprofundei no primeiro capítulo da dissertação o que pode ser considerada a maior contribuição da Teologia da Terra para a relação ecologia/teologia: a análise sócio-histórica com ênfase na ecologia, principalmente na prática ecológica.

A expectativa de encontrar na história da IECLB projetos agrícolas que ajudaram os pequenos agricultores a resistir diante das mudanças na política agrícola na última metade do século XX integra, também, uma busca pessoal: por ter sofrido, ainda na infância, envenenamento por agrotóxicos, busco enfatizar os projetos de agricultura alternativa e que excluem o uso destes produtos químicos.

Em resposta à expectativa anterior e em consonância com o aprofundamento da análise sócio-histórica no primeiro capítulo, pude constatar que a emergência da reflexão ecológica abrange não apenas as iniciativas da agricultura alternativa, mas também o surgimento e organização de movimentos sociais, de classe e de cooperação, nos quais se inserem importantes implicações ecológicas.

Estas implicações foram sendo explicitadas levando em conta uma região específica, a 3ª Região Eclesiástica (RE-III) da IECLB, onde surgiu o CAPA. Ao buscar aspectos históricos desta região, antes mesmo da constituição da IECLB, convencionou-se tratar a área da mesma como *região de referência*. Em sequência, no mesmo capítulo, dialoguei com diferentes perspectivas históricas, sem perder o foco na questão ecológica da *região de referência*.

¹ A expressão *Teologia da Ecologia* foi a que melhor contemplou os aspectos da pesquisa. Esta expressão é rara, mas foi usada em: BONDER, Nilton. Por uma teologia da ecologia. *Comunicações do ISEER*, v. 11, n. 40, p. 16-19, 1992.

Com a *ecologia agrária*, que tem por objetivo tratar das mudanças agrícolas e ecológicas, constatei que tanto os projetos de iniciativa da IECLB quanto os movimentos sociais de acesso à terra constituem-se em formas de resistência ao modelo de melhoramento ou desenvolvimento da agricultura.

Este modelo de agricultura se caracteriza, já no início do século XX, pela monocultura e latifúndio especializado na produção de algum produto, orientado para a diminuição da mão de obra e a substituição da adubação orgânica pela química, rompendo assim com aquela economia de interdependência entre a plantação diversificada e a criação de animais, rotina comumente conhecida dos camponeses e pequenos agricultores. A política agrícola do Brasil no período do pós-guerra, principalmente entre 1965 e 1985, apoiou, com a concessão de crédito, a assistência técnica e com o avanço das fronteiras agrícolas, apenas aquela forma de agricultura moderna.

Com a História Agrária e Ambiental, tratei, ainda no primeiro capítulo, da ocupação e colonização europeia da *região de referência*, destacando que o processo ocorreu em terras de grupos indígenas, onde caboclos, antes mesmo da instalação de portugueses e colonos europeus, desenvolviam uma agricultura de subsistência e de coleta da erva-mate. Observou-se que o domínio das terras para a colonização favoreceu, num primeiro momento, os colonos europeus ou os seus descendentes que, na maioria, se encontravam como proprietários de terras em meio aos caboclos e indígenas desapropriados.

Em convergência com estas constatações, foi abordada a Literatura Regional a partir das obras de Charles Kiefer, escritor que nasceu na *região de referência*. A maior parte de suas obras destaca as mudanças recentes na agricultura e as formas que envolveram os colonos, pequenos agricultores, em dificuldades inerentes à política agrícola do Brasil, assim como suas consequências ambientais. Suas obras reforçam o caráter *trágico* da colonização, na medida em que contemplam a situação do colono endividado, vendo suas terras esgotadas. Reforçam também a matança e expulsão de grupos indígenas e dos caboclos e, em *Quem faz gemer a terra* (1991),² destaca a presença dos personagens teuto-brasileiros junto a caboclos no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

² KIEFER, Charles. *Quem faz gemer a terra*. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.

(MST). Outra característica interessante nas obras de Kiefer é a forma de expressão da cultura teuto-brasileira, da educação, religião e relações pessoais.

Com este aprofundamento sócio-histórico, com ênfase na ecologia, foi possível identificar que, com o processo de modernização da agricultura, emergem, de longos anos de resistência, para a luta os movimentos de acesso a terra, as organizações de classe e de cooperação. E é neste contexto que surgem os projetos LACHARES e CAPA.

No segundo capítulo, procedi de forma a identificar as possibilidades e origens de uma Teologia da Terra no contexto protestante para, em seguida, tratar dela como teologia subjacente às iniciativas da IECLB para com os pequenos agricultores. Para isso, passei a relacionar como aquelas mudanças identificadas no primeiro capítulo foram tratadas na IECLB. Constatei que, durante a década de 1970, ocorreu uma progressiva absorção das questões do campo na pauta das reuniões e nos meios de informação organizada entre os obreiros: movimentos dos agricultores sem terra e reforma agrária, questão indígena, empobrecimento e êxodo rural dos pequenos agricultores.

Foi através do destaque da obra de dois obreiros, Silvino Schneider e Sílvio Meincke, que tratei da organização do LACHARES e do CAPA. Observei que ambos, Schneider e Meincke, desenvolveram uma Teologia da Terra com ênfase ecológica, a partir de perspectivas distintas: enquanto Schneider identifica uma prática pastoral e missionária baseada também na assistência e difusão da Agricultura Biológica, Meincke ressalta uma reflexão e engajamento sociopolítico com os movimentos e as lutas do campo.

Silvino Schneider, apesar de não desenvolver uma Teologia da Terra de forma sistemática, foi muito preciso ao identificar as dificuldades dos pequenos agricultores e o interesse do governo com a modernização da agricultura. Ele entendeu que, com a Agricultura Biológica, o agricultor pode cessar sua dependência ao crédito e aos produtos químicos para o cultivo de seus alimentos. A *Teologia da Terra* de Schneider foi publicada em artigos do *Jornal Evangélico* e neles está registrada a prática do LACHARES, criado com a sua iniciativa em 1976.

Sílvio Meincke atuou na RE-III no período que precede a criação do CAPA. Assim como Schneider, ele percebeu que as mudanças na agricultura não

prejudicaram apenas os pequenos agricultores. Em suas obras, evidenciou-se uma reflexão da realidade de forma mais profunda, sendo tratados mecanismos político-econômicos e sociais que envolvem o empobrecimento do agricultor, o êxodo rural, as dificuldades impostas pelo latifúndio e a luta pela terra. Embora Meincke não tenha tido ligação direta com a criação do CAPA, foi a difusão e o compartilhar desta perspectiva histórica na igreja que permitiu a conscientização e necessidade da criação do respectivo centro no âmbito da RE-III. Assim, o CAPA, apesar da amplitude das questões sociais referidas, atuou inicialmente apenas junto aos pequenos agricultores, assistindo-os no objetivo de permanecerem em sua propriedade, cultivando alimentos saudáveis e sem agrotóxicos, além de conscientizá-los da necessidade de participarem nos sindicatos e nas cooperativas.

Há uma infinidade de práticas ecológicas que foram difundidas a partir destes dois projetos.³ Uma delas, em especial, diz respeito a ambos os projetos, resguardando suas características: trata-se do aproveitamento do esterco da criação de animais para adubação orgânica. Enquanto no LACHARES se resgatou esta prática milenar, conhecida dos camponeses, o CAPA aprimorou a proposta do resgate, incentivando a instalação de um biodigestor para, com o respectivo esterco, dispor de uma fonte de energia e de adubação, tratando assim de encaminhar a independência do agricultor e de sua propriedade.

Com a constatação de que práticas como estas foram observadas e defendidas como necessárias à sobrevivência da pequena propriedade e do respeito à natureza, é possível afirmar que alguns elementos de uma Teologia da Ecologia estiveram presentes na reflexão da Teologia da Terra. Estes elementos estão relacionados à análise sócio-histórica e que nos dias atuais não pode excluir a perspectiva ecológica, principalmente as práticas ecológicas. Neste sentido, um resgate sócio-histórico em diálogo e na perspectiva da ecologia constitui-se num passo importante para constatar os elementos de uma Teologia da Ecologia em determinado contexto e uma forma de contribuir para o diálogo Teologia/Ecologia.

³ Em relação ao CAPA, encontra-se em anexo uma tabela contendo os títulos de artigos e informes do Nova Paisagem, um Suplemento Técnico do Jornal Evangélico, com ênfase ecológica.

1 O PROCESSO DE OCUPAÇÃO DAS MESORREGIÕES NOROESTE DO RIO GRANDE DO SUL E OESTE DE SANTA CATARINA

No presente capítulo, trato do aspecto sócio-histórico de um contexto geográfico delimitado que denomino *região de referência*, que abrange os limites que compreenderam a 3ª Região Eclesiástica (RE-III), uma delimitação administrativa e de organização da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) entre o período de 1969 a 1997. Com a exposição, busco resgatar aspectos que possibilitem compreender as mudanças ambientais que envolvem a modernização da agricultura, a organização de movimentos sociais e de classe que precedem e concorrem com a organização do Lar da Cultura e Harmonia de Reintegração Social (LACHARES) e do Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor (CAPA), ambos oriundos de iniciativas da IECLB.

A exposição referente ao contexto sócio-histórico⁴ e geográfico integra os passos metodológicos da Teologia da Terra. Esta Teologia foi constatada de forma explícita nas fontes pesquisadas, principalmente nos artigos de Silvino Schneider publicados no Jornal Evangélico e nas publicações de Sílvio Meincke. Durante a redação da dissertação, contemplei, assumi e aprofundei este passo metodológico, uma vez que o desenvolvimento desta Teologia da Terra, como um todo, contribuiu para a emergência da perspectiva ecológica na reflexão teológica, especialmente no âmbito da Teologia da Libertação e nos eventos ecumênicos atuais, como no caso da organização e realização do III Fórum Mundial de Teologia e Libertação (2009).⁵

Lembro que recentemente (2007) a *Teologia da Terra* foi sugerida como tema deste Fórum que, no entanto, não teve respaldo em virtude da compreensão e sentido do termo *terra* na língua inglesa (*Earth* – como totalidade- ou *Land*- como propriedade).⁶ A organização do evento, mediante o diálogo, firmou como tema a expressão “água, terra, teologia para outro mundo possível” e tratou, a partir deste aspecto, a emergência da reflexão ecológica.

⁴ MEDINA, 1991, p. 28. Esta é uma das três dimensões ou horizontes da Teologia da Terra que deve “partir da história da humanidade compreendida do ponto de vista dialético, destacando especialmente os conflitos pela terra e a luta pela sobrevivência em torno deles”.

⁵ FÓRUM Mundial de Teologia e Libertação. Disponível em: <<http://www.wftl.org/default.php?lang=pt-br&t=padrao&p=noticias11&m=padrao>> . Vários acessos.

⁶ FÓRUM Mundial de Teologia e Libertação. Disponível em: <<http://www.wftl.org/default.php?lang=pt-br&t=padrao&p=noticias11&m=padrao>> . Vários acessos.

Portanto a Teologia da Terra está, desde as suas origens, intimamente ligada à emergência da reflexão ecológica⁷. Seu objetivo foi e continua sendo o de “descobrir, analisar e aprofundar o modo como a fé se relaciona com a vida e as lutas do homem do campo”.⁸ Esta descoberta passa pela pesquisa do contexto histórico e geográfico, e leva em conta a origem, a cultura, a fé e o gênero humano que vive da/na terra.

Pressupõe-se que há, portanto, sujeitos privilegiados na reflexão da Teologia da Terra: ela pode ser indígena, negra, camponesa ou feminista. Cada uma com especificidades em sua reflexão teológica e concepções distintas a respeito da *Terra*. Estas teologias e concepções a respeito da terra podem resguardar uma relação de convivência que o ser humano mantém com o meio ambiente, mas também pode sustentar formas de relação sem interação dialética com a realidade.

No que se refere ao *espaço*⁹ da região de referência, destaco, no decorrer do capítulo, que ele já fora ocupado por grupos indígenas e caboclos antes mesmo de ser colonizado por imigrantes alemães, italianos e poloneses. Todos estes grupos humanos mantiveram relações distintas com o meio ambiente e viveram, com maior ou menor violência, um processo de políticas governamentais que tinham a pretensão de construir uma nação coesa e desenvolvida, fomentando mudanças na *paisagem* desta região de referência.

Para tratar da relação entre o ser humano e o meio ambiente presente nestes grupos humanos e as mudanças na paisagem, foi realizada pesquisa bibliográfica que teve por critério identificar esta relação, mas também onde esta relação foi sendo privada, como nos casos da expulsão dos indígenas e caboclos das terras em que viviam. Com a presença da universidade no contexto da região de

⁷ MEDINA, 1991, p. 18. “Tentando fazer um exercício prático sobre o que poderíamos chamar incipiente produção teológica coletiva em torno de um tema específico, integrando os aspectos bíblico, teológico e pastoral, *escolhemos, de comum acordo, trabalhar a problemática ‘ecologia’, pela íntima relação que tem com a Teologia da Terra*” (grifo meu).

⁸ CPT: *Pastoral e compromisso*, apud MEDINA, Alfredo Ferro (Org.). *A Teologia se fez Terra*. Primeiro Encontro Latino-Americano de Teologia da Terra. São Leopoldo: Sinodal, 1991. p. 27.

⁹ Para Milton Santos, a *paisagem* é uma das dimensões do *espaço*: ela é “como um palimpsesto, isto é, o resultado de uma acumulação, na qual algumas construções permanecem intactas ou modificadas, enquanto outras desaparecem para ceder lugar a novas edificações. Através deste processo, o que está diante de nós é sempre uma paisagem e um espaço”. SANTOS, Milton. *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional*. São Paulo: Hucitec, 1994. p. 33. Este autor conceitua *espaço* como “o meio, o lugar material da possibilidade dos eventos”. SANTOS, 1994, p. 19.

referencia,¹⁰ constatou-se que atualmente há pesquisas disponíveis em História Agrária Regional e História Ambiental que muito contribuíram no desenvolvimento do presente capítulo.

Abordei, permeando o capítulo, também a Literatura Regional¹¹ a partir das obras Charles Kiefer,¹² além do relato do agrimensor Maximiliano Beschoren,¹³ por ambos descreverem¹⁴ muitos detalhes a respeito das mudanças na paisagem e dos grupos humanos que nela viviam. Por se tratar de uma região onde viveram, e ainda vivem os grupos indígenas Guarani e Kaingáng, também foi importante a consulta de obras em Antropologia e Arqueologia.¹⁵

¹⁰ Refiro-me à Unijuí e à URI.

¹¹ A literatura pode expressar o diálogo e o elo do ser humano com a natureza. Assim se expressam Eduardo Gudynas e Graciela Evia ao tratar de um fragmento da obra *Grande Sertão: Veredas* de Guimarães Rosa. GUDYNAS, Eduardo; EVIA, Graciela. *La praxis por la vida: introducción a las metodologías de la Ecología Social*. Montevideo: Editor, 1991. p. 42-43. Os autores literários, segundo Franco Ferrarotti, têm a capacidade de captar aspectos de sua época e realidade e transmiti-los em suas obras. FERRAROTTI, Franco. A contribuição dos clássicos. In: FERRAROTTI, Franco et al. *Sociologia da Religião*. São Paulo: Paulinas, 1990. p. 15-42. Ainda, em caráter ambíguo, este sociólogo afirma: “um poeta pode ensinar-nos mais a respeito da qualidade de uma época e das suas carências do que um exército de sociólogos. Por quê? Porque o poeta, o grande escritor, está diretamente ligado à consciência do problema, capta níveis mais profundos e menos transitórios, exprime tensões permanentes mais verdadeiras do que as informações de superfície, muitas vezes precisas e corretas, mas não necessariamente relevantes, podendo fornecer estatísticas, correlações e análises sociológicas mesmo quando são exatas e diligentes. Estas últimas são instrumentalmente insuficientes e incapazes de atingir o âmago do problema. Limitam-se a delinear, muitas vezes de forma louvável, sua forma exterior, sua sombra”. FERRAROTTI, 1990, p. 17.

¹² KIEFER, 1991. KIEFER, Charles. *Valsa para Bruno Stein*. 4. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990. KIEFER, Charles. *A face do abismo*. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994.

¹³ BESCHOREN, Maximiliano. *Impressões de viagem na Província do Rio Grande do Sul*. 1875-1887. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1989.

¹⁴ Na História Ambiental, há respaldo para o uso e apreciação de relatos de viajantes estrangeiros que passaram pelo território brasileiro num passado distante. WORSTER, Donald. *Transformaciones de la Tierra*. Biblioteca Latinoamericana em Ecologia Política. p. 53. Disponível em: <<http://www.ecologiapolitica.net/worster/WorsterTransformacionesTierra.pdf>>. Vários acessos. DRUMMOND, José Augusto. História Ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, 1991, p. 183. Disponível em: <<http://www.virtualbib.fgv.br/index.php/reh/article/view/2319/1458>>. Vários acessos. É Juliana Bublitz que trata da obra de Maximiliano Beschoren na perspectiva da História Ambiental. BUBLITZ, Juliana. Forasteiros na floresta subtropical: notas para uma História Ambiental da Colonização Alemã no Rio Grande do Sul. *Ambiente & Sociedade*, Campinas, v. 11, n. 2, p. 323-340, jul./dez. 2008. Disponível em: <<http://www.ibcperu.org/doc/isis/10285.pdf>>. Vários acessos. Através dos relatos de viajantes, é possível identificar as mudanças na paisagem sem, no entanto, esquecer que tal paisagem é descrita na concepção de um estrangeiro.

¹⁵ BECKER, Ítala B. El índio y la colonización: charruas y minuanes. *Pesquisas*, São Leopoldo, 1984.

Considero fundamental, ainda que emergente, a *ecologia agrária*¹⁶ para a presente dissertação. Ao identificar, conforme a reflexão predominante no diálogo teologia-ecologia, a importância de Ernst Haeckel como aquele que conceituou o termo *oekologia*, observei que pouco se ressalta o fato de que no mesmo período e contexto das pesquisas deste naturalista a agricultura passava por várias mudanças em virtude dos experimentos realizados principalmente por estudiosos dos solos, e cientistas químicos.¹⁷

Através dos estudos da *ecologia agrária*, é possível afirmar que na origem de algumas práticas difundidas pelo LACHARES e CAPA está o modelo de uma propriedade agrícola autossustentável, em que o fluxo de energia¹⁸ tende a nela circular através da diversificação das culturas e criação de animais, reaproveitamento orgânico e preservação do meio ambiente. Tal modelo foi ignorado no desenvolvimento da agricultura química, cujo passo decisivo foi a obtenção do adubo NPK (Nitrogênio, Fósforo e Potássio).¹⁹ A ascensão da agricultura química segue de acordo com os interesses britânicos²⁰ e com o auxílio da modernização

¹⁶ Segundo Humberto Miranda do Nascimento, a ecologia agrária “visa ao exame das transformações agrárias e ecológicas, inseparavelmente, nas regiões rurais ao longo do tempo”. NASCIMENTO, Humberto Miranda. Economia, sociedade e natureza pelos pioneiros da ecologia política agrária. In: VEIGA, José Eli da (Org.). *Economia socioambiental*. São Paulo: SENAC, 2009. p. 69.

¹⁷ Nascimento resgata, na obra de Jean Paul Deléage (*Historia de la ecología: una ciencia del hombre y la naturaleza* Montevideo: Içaria; Nordan, 1993), o pioneirismo ecológico da escola russa dos estudos do solo, tratando de personalidades como Wladimir I. Vernadsky, Sergei Podolinsky, Vassilii V. Dokuchaev, Pavel A. Kostychev e Sergei Nikolaievich Winogradsky. O autor relaciona também o conceito *metabolismo* que Justus von Liebig (1803-1873) desenvolve em seus estudos sobre a fertilização dos solos e que foi usado, não sem críticas, por Karl Marx e Friedrich Engels para entender as trocas metabólicas entre sociedade e natureza e apontar o fato de que no desenvolvimento do capitalismo os componentes da terra são consumidos sem algum retorno ou reparo, o que seria necessário para a manutenção da fertilidade do solo. NASCIMENTO, 2009, p. 49-70.

¹⁸ É Sergei Podolinsky quem observa, numa perspectiva macroeconômica, a atividade agrícola ou a economia agrária com base na noção do fluxo de energia já em 1880. Cf. NASCIMENTO, 2009, p. 55.

¹⁹ Foi Justus von Liebig quem chegou a esta descoberta, motivado pela necessidade de aumento na produção de alimentos. No mesmo período, outro pesquisador, Julius Hensel defende a fertilização do solo com farinha de rochas, argumentando que este foi, até então, o processo de fertilização natural dos campos da Europa. A pesquisa deste último é ignorada e até mesmo repudiada na academia em virtude das disputas com Liebig. A respeito destes fatos, ver a *Justificativa da reimpressão* da obra: HENSEL, Julius. *Pães de Pedra: Brot aus Steinen, durch mineralische Düngung der Felder*. Fundação Juquira Candiru, 2003. p. 5-14.

²⁰ Foi o agricultor e agrônomo inglês J. B. Lawes quem, em 1842, conseguiu solubilizar o fosfato, o que permitiu que em 1843 construísse uma fábrica para a produção de fertilizantes. Cf. NASCIMENTO, 2009, p. 59. Para Ademar R. Romeiro, a adubação química foi referendada por lei (*The Agricultural Holding Act*, de 1909) que “eliminou os últimos empecilhos legais à prática da monocultura ao tornar se efeito as antigas normas sobre o método de cultura contidas nos contratos de arrendamento”. ROMEIRO, Ademar R. *Meio ambiente e dinâmica de inovações na agricultura*. São Paulo: Annablume, 1998. p. 70.

das máquinas para o campo. Tal desenvolvimento está diretamente ligado ao controle das terras coloniais e das técnicas de produção,²¹ à redução da mão de obra envolvida com os cuidados destas terras²² e conseqüente distanciamento daquele modelo de agricultura almejados hodiernamente pelo CAPA e pelo LACHARES.

Esta modernização da agricultura, embora com características distintas e com apelo tecnológico mais abrangente, estará presente também no Brasil a partir da década de 1950 e nela está, portanto, inserida a questão ecológica; e neste contexto, a perspectiva ecológica toma outras dimensões que incluem a questão indígena, a luta pela terra e as iniciativas de resistência dos pequenos agricultores, incluindo os projetos de agricultura alternativos no âmbito da IECLB.

1.1 A Região de referência: 3ª Região Eclesiástica (RE-III) da IECLB

A IECLB foi constituída em 1968, a partir da caminhada da Federação Sinodal de 1946 e que, em 1954, adotou a designação de Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil.²³ Com a mudança em 1968 a configuração em Sínodos é abolida e surgem as Regiões Eclesiásticas, estruturadas em Distritos Eclesiásticos a partir das Paróquias e das Comunidades. Na época, organizaram-se quatro Regiões Eclesiásticas. O objetivo, neste capítulo, é tratar da área da RE-III, antes e durante sua colonização por imigrantes europeus, principalmente os alemães e teuto-brasileiros.

Segundo relato do Pastor Germano Burger, de 1970, a

Região Eclesiástica III tem uma área de aproximadamente 60.000 Km². Seus pontos extremos, as cidades de São Borja, ao sul, junto com a

²¹ O proprietário das terras não necessita morar na propriedade; pode morar no centro urbano ou na metrópole e dirigir-se ao campo em períodos determinados para acompanhar ou realizar o cultivo. O uso de agrotóxicos e sementes geneticamente modificadas são avanços recentes deste modelo de agricultura.

²² A adubação química permitiu o rompimento da relação que existia entre os animais criados, em virtude da produção de adubo orgânico para a terra. O compromisso diário de cuidado a estes animais deixa de existir, assim como a mão de obra encarregada desta função. Estas características, no entanto, ainda permanecem na agricultura da pequena propriedade.

²³ FISCHER, Joaquim. A presença Luterana. *Presença Luterana 1970: uma coletânea de informações sobre a vivência dos evangélicos luteranos no Brasil*. São Leopoldo: Sinodal, 1970. p.15. Do mesmo autor, sobre a formação da IECLB, ver: FISCHER, Joachim. *Comunidades, Sínodo, Igreja Nacional: o povo evangélico de 1824 a 1986. Simpósio de História da Igreja: realizado a 23-24 de maio de 1986, em São Leopoldo, por ocasião do centenário de fundação do antigo Sínodo Riograndense*. São Leopoldo: Sinodal, 1986. p. 11-22.

fronteira da Argentina; e Lagoa Vermelha, a leste, distam 350 Km em linha aérea. As cidades catarinenses de Caçador, a noroeste, e Guarujá do Sul, a oeste, já próximo do encontro das fronteiras com a Argentina, Santa Catarina e Paraná, são separadas por cerca de 300 Km de matos, campos e lavouras, com estradas ainda precárias²⁴ [grafia da época].

A região envolvia, portanto, a fronteira noroeste e norte no atual Estado do Rio Grande do Sul e parte do oeste de Santa Catarina que fora colonizado por algumas famílias *teuto-gaúchas*.²⁵ Sobre o passado desta região, denominada doravante como *região de referência*²⁶, deter-se-á o desenvolvimento deste capítulo, sem ignorar sua relação no contexto maior da América Latina.

A respeito de uma visão geral da história da América Latina bem se expressa o escritor cubano José Martí ao escrever, ainda no século XIX, uma página que antecede a história da colonização deste território pelos europeus:

Roubaram os conquistadores uma página do Universo! Aqueles eram os povos que chamavam a Via Láctea de 'o caminho das almas' e aos quais o Universo estava cheio do Grande Espírito, em cujo seio se encerrava toda a luz, do arco-íris coroado como de uma crista, rodeado, como que por colossais faisões, aos cometas orgulhosos que passeavam por entre o sol a dormir e a montanha imóvel, até o espírito das estrelas; estes povos não imaginavam, como os hebreus que a mulher fosse feita a partir de um osso e o homem do barro, mas ambos nascidos ao mesmo tempo da semente da palmeira.²⁷

A “página do Universo” a que se refere Martí torna-se cognoscível através de pesquisas que situa inclusive a *região de referência* cada vez mais próxima ao

²⁴ BURGER, Germano. A Região Eclesiástica III. *Presença Luterana 1970: uma coletânea de informações sobre a vivência dos evangélicos luteranos no Brasil*. São Leopoldo: Sinodal, 1970. p. 46.

²⁵ A expressão é usada por Clarissa Mombach, a partir de referência à obra de Irmgart Grützmann, *Entre o Cruzeiro do Sul e a Ursa Maior: o imigrante na literatura de expressão alemã no Brasil*. MOMBACH, Clarissa. *Representação da cultura teuto-gaúcha na literatura sul-rio-grandense contemporânea*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. p. 50. Para a autora, o *Riograndenser Hunsrückisch*, um dialeto próprio do Rio Grande do Sul, adaptado do dialeto alemão Hunsrück e do português, é considerado a maior herança desta cultura no Estado.

²⁶ Este “recorte” regional tem por objetivo facilitar a pesquisa uma vez que “RE III” diz respeito à uma forma de organização eclesial recente. Este recorte não tem a intenção de ignorar ou sobrepor-se às percepções geográficas que existiram e ainda existem na compreensão da cultura e dos povos indígenas que nela habitaram desde longa data.

²⁷ MARTÍ, José. *Nuestra América*. Venezuela: Biblioteca Ayacucho, p. 423. Disponível em: <<http://www.bibliotecayacucho.gob.ve/fba/index.php?id=103>>. *Robaron los conquistadores una página al Universo! Aquellos eran los pueblos que llamaban a la Vía Láctea “el camino de las almas”; para quienes el Universo estaba lleno del Grande Espíritu, en cuyo seno se encerraba toda luz, del arco iris coronado como de un penacho, rodeado, como de colosales faisanes, de los cometas orgullosos, que paseaban por entre el sol dormido y la montaña inmóvil el espíritu de las estrellas; los pueblos eran que no imaginaron como los hebreos a la mujer hecha de un hueso y al hombre hecho de lodo; ¡sino a ambos nacidos a un tiempo de la semilla de la palma.* [tradução própria]

contexto dos fatos “roubados”. Recentemente foram achados na região do rio Canoas, Santa Catarina, resquícios de milho queimado junto a um pedaço de cerâmica. Os achados apontam para o fato de que grupos *ameríndios* praticavam a agricultura há mais de 2.320 anos. Para além deste período, vestígios como cinzas de fogueiras e pedras lascadas dão indícios da presença humana na região do atual município de Itapiranga (Santa Catarina), próximo ao rio Uruguai, há aproximadamente 8.640 anos atrás.²⁸

Pesquisas como estas guardam relação com outras descobertas. O litoral sul do Brasil e a região da bacia hídrica dos rios Paraná e Uruguai, que abrangem outros países como a Argentina, o Uruguai e o Paraguai, estiveram ocupados por grupos *ameríndios* há mais de 8.000 anos. A descobertas desafiam os arqueólogos e antropólogos, principalmente os últimos que muito contribuem para resgatar a história da América do Sul que precede a colonização europeia. No momento a maior parte dos estudos diz respeito a período dos primeiros contatos dos europeus com os ameríndios.

1.2 Precedentes da colonização na *região de referência*: os grupos indígenas

A respeito deste período, mais recente, Ítala Irene Basile Becker trata dos grupos indígenas identificados na região pouco antes da chegada dos europeus:

A faixa de terra entre o Rio Uruguai e o mar, a antiga Banda Oriental do Uruguai, abarcando a República Oriental do Uruguai e o estado brasileiro do Rio Grande do Sul [...] estava povoada por grupos indígenas que, desta forma podem ser rapidamente esboçados: no planalto sul brasileiro os *Guaianás, coletores, caçadores com alguns cultivos; nas florestas da margem do planalto e nas margens dos rios Uruguai e Jacuí os Guaranís, agricultores com certa eficiência; nos campos do Rio Grande do Sul, Uruguai e parte da Argentina, os Charruas, Minuanos e outras denominações de caçadores e coletores; no estuário do Prata também os Chanaes que eram agricultores.*²⁹ [grifo meu]

²⁸ Os dados foram extraídos da *Revista Unidasul*, Tubarão, ano 1, n. 2, 2006, p. 30-33. No artigo, o pesquisador Marco de Masi ainda observa que no Estado do Piauí há constatações de ocupação humana datadas para o período de 60 mil anos atrás.

²⁹ BECKER, 1984, p. 22. *La faja de tierra entre el Río Uruguay y el mar, la antigua Banda Oriental del Uruguay, abarcando la República Oriental del Uruguay y el estado brasileño de Rio Grande do Sul [...] estaba poblada por grupos indígenas, que así pueden ser rápidamente esbozados: en el planalto sur brasileño los Guayanás, recolectores, cazadores con algún cultivo; en las florestas de la orilla del planalto y de las márgenes de los ríos Uruguay y Yacuí los Guaranís, agricultores con cierta eficiencia; en los campos de Rio Grande do Sul, de Uruguay y parte de la Argentina, los Charrúas y Minuanos y otras denominaciones de cazadores y recolectores; en el estuario del Plata también los Chanaes que eran además agricultores.* [tradução própria]

Portanto, antes mesmo da constituição do domínio espanhol nesta bacia hídrica, os Guaianás e os Guaranis habitavam a *região de referência*, sendo que os Charruas e os Minuanos também podem ter disputado, em algum momento, o espaço ocupado pelos Guaranis.

1.2.1 Os Guaianás

Segundo Métraux, os Guaianás formavam um ramo linguístico e cultural da Família Jê na região meridional do Brasil, na “área compreendida entre o rio Tietê (São Paulo) e os territórios interiores do Paraná, Santa Catarina e fronteira setentrional do Rio Grande do Sul”.³⁰ O Kaingáng, denominação usada desde 1882, “nada mais é do que o possível representante do antigo Guaianá”,³¹ pois “quase na mesma região, onde no século XVII deixamos os Guaianá no Rio Grande do Sul, encontramos-os com o nome de Kaingáng em meados do Século XIX”.³²

Além da migração de alguns destes grupos de Santa Catarina para o Rio Grande do Sul,³³ é possível que a Argentina também tenha sido o destino (ou origem) de alguns grupos da região oeste deste Estado,³⁴ que fora habitado pelos mesmos antes das incursões portuguesas e espanholas.

³⁰ GALVÃO *apud* BECKER, Ítala B. O Índio Kaingáng e a Colonização Alemã. *Separata de Anais do 2º Simpósio de História da Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, [s.d.]. p. 47.

³¹ BECKER, [s.d.], p. 47.

³² TESCHAUER *apud* BECKER, [s.d.], p. 48.

³³ BECKER, [s.d.], p. 49- 50. “A permanência Kaingáng em Nonoai vem do Século XIX e quiçá, como Guarita, retroceda ao Século XVIII. O grupo tem suas origens no Estado de Santa Catarina, onde o cacique Nonohay ocupava, como também Condá, as matas da margem direita do Rio Uruguai, compreendidas entre os rios Peperi-Guaçu e Canoas. Vizinhava com Nicofé, que ocupava as matas da margem direita do Rio Uruguai, entre os rios Canoas e Pelotas. Estes chefes viviam aí sem se hostilizarem (Mabilde in Serrano 1957 VII: 171). De Santa Catarina, o cacique Nonohay, com sua grande tribo e mais caciques subordinados, atravessou, antes de 1811, o Rio Uruguai, pelo Passo do Goyo- em (Jacques 1912 in 1957 VIII:65). Estabeleceu-se na região de Nonoai, onde hoje ainda está o Posto Indígena do mesmo nome. Mais tarde, ao que tudo indica, em 1847, já estaria também na mesma área o cacique Victorino Cundá, que exercia a função de bugreiro a mando das autoridades provinciais (Moreira Neto 1971: 395). Posteriormente (1849), a área indígena de Nonoai é alcançada pelo missionário Jesuíta Pe. Parés, que entra neste campos por causa de um chefe, Nonohay, que contava então com 120 anos”. Em Santa Catarina, além do grupo étnico Kaingáng, também foram identificados os Xokleng (na região município de Ibirama), e os Tupi-Guarani, conforme WIRTH *apud* ALTMANN, Lori. *Memória, identidade e um espaço de conflito: a comunidade de Nova Teutônia no contexto de disputa por terra com a comunidade Kaingáng da Área Indígena Toldo Pinhal*. Tese (Doutorado em Teologia) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2009. p. 97.

³⁴ EIDT *apud* RAMBO, Lorival Inácio. *Um outro olhar sobre a colonização: a relação homem/natureza*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Comunitária Regional de Chapecó, Chapecó, 2007. p. 152. “Os *bugres* se afastaram para a reserva florestal da Argentina, que fazia

1.2.2 Os Guaranis (Mbyá – Chiripá)

Geralmente é aceito que a ocupação Guarani ao longo dos rios que desembocam na Bacia do Prata ocorreu através de um lento processo de migração oriunda da região amazônica e litoral atlântico.³⁵ Com a expansão do domínio espanhol e da atuação dos jesuítas, a maior parte da população Guarani, dispersa há muitos anos nesta região do Prata, foi *reduzida* em Missões localizadas nos atuais estados do Paraná e oeste do Rio Grande do Sul. Posteriormente, nas disputas territoriais entre portugueses e espanhóis, estas Missões ao leste do rio Uruguai são destruídas e os Guaranis passam a ser “sistematicamente ignorados e expropriados”³⁶ até os dias atuais.

Observo que tanto os Guaranis quanto os Kaingáng cultivavam a terra. O milho e a mandioca eram os principais cultivares. A caça e a pesca eram partes da subsistência Kaingáng, uma vez que estes viviam na região de matas e próximos a rios de corredeiras (o que facilitava a pesca). Plantas como a erva-mate e a araucária podem ser identificadas como integrantes das culturas Guarani e Kaingáng, respectivamente. No entanto, outras plantas, como o sassafrás (sua casca é usada para chás), o goimbé (usado para artesanato de cestos), a *urtiga brava* (fibras para as flechas),³⁷ e o bambu (artesanato), fazem parte de um número imenso de plantas importantes para os índios, mas que ainda não mereceram a devida atenção de outros grupos étnico-culturais.³⁸ As terras, que permitiram o desenvolvimento destas plantas, foram sendo privatizadas e ocupadas pelos caboclos e colonos europeus, mesmo com a delimitação legal de seus territórios antes do período republicano.

divisa com Porto Novo, e dali só saíam para negociar artesanato com os migrantes e prestar serviços sazonais aos colonos”.

³⁵ SCHALLENBERGER, Erneldo. Estudos missioneiros: temas e abordagens. *São Francisco Xavier: nos 500 anos do nascimento de São Francisco Xavier: da Europa para o mundo, 1506-2006*. Porto: Centro Universitário de História da Espiritualidade, 2007. p. 28.

³⁶ GARLET, Ivori; ASSIS, Valéria S. de. Diagnóstico da População Mbyá-Guarani no Sul do Brasil. *Cadernos do COMIN*, São Leopoldo, n. 17, dez. 1998, p. 14-15.

³⁷ Quem chama a atenção para estas plantas é Maximiliano Beschoren, na passagem pelo Nonoai na década de 1880. BESCHOREN, 1989, p. 39-40.

³⁸ Estas plantas, comuns na cultura indígena, não foram encontradas nas obras literárias de Charles Kiefer, quem cita algumas, mas na perspectiva da cultura teuto-brasileira.

1.3 A colonização portuguesa

Com a fronteira noroeste da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul confirmada em 1801, no limite do Rio Uruguai, o contorno sudeste da referida RE-III, passa a ser ocupado por portugueses e caboclos³⁹ que buscavam, respectivamente, a erva-mate e o gado que estiveram, anteriormente, aos cuidados das missões guaranis. Para tratar a respeito destes grupos, far-se-á uso de pesquisas recentes, tratando da *História Agrária Regional* de alguns municípios da *região de referência*.⁴⁰

1.3.1 O caboclo

Geralmente ignorado na historiografia da região (tanto do Rio Grande do Sul quanto de Santa Catarina), este sujeito, também conhecido como *brasileiro*, ocupou as regiões de erva-mate nativa, ou seja, a região da mata, onde vivia da extração e venda dos ramos e folhas da respectiva planta, além de cultivar alimentos para sua subsistência.⁴¹

Se a historiografia está a descobrir este sujeito recentemente, na Literatura regional ele é lembrado de longa data. No romance de Charles Kiefer, *A face do*

³⁹ ARDENGHI, Lurdes Grolli. *Caboclos, ervateiros e coronéis: luta e resistência em Palmeira das Missões*. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2003. p. 16. “Temos presente na designação de caboclo, componentes étnicos, socioeconômicos e culturais. Referimo-nos aos moradores das áreas rurais, que se dedicavam às atividades extrativistas - especialmente a erva-mate e/ou relacionadas a culturas de subsistência, em roçados de pequeno porte. Trata-se de pequenos proprietários, agregados ou arrendatários, com significativa carga étnica, fruto da mestiçagem do índio, branco e mesmo do negro, apresentando um modo de vida típico do meio rural. Enfim, considera-se caboclo o *homem da terra* com uma cultura própria, vinculada a práticas coletivas e atividades econômicas relacionadas ao setor primário”. Ainda sobre a denominação *caboclo*, *nacionais* ou *brasileiros*, ver p. 48-50. Sobre a presença do caboclo no noroeste gaúcho, ver também: OLKOSKI, Wilson. *História Agrária do Médio Alto Uruguai – RS: colonização, (re)apossamento das terras e exclusão (1900 – 1970)*. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Vale dos Sinos, São Leopoldo, 2002. p. 97: “quanto à questão do caboclo no Rio Grande do Sul, ele foi visto de forma preconceituosa ou simplesmente ignorado pela historiografia. Nesta última, Jean Roche é um exemplo quando trabalha a imigração alemã como sinônimo de sucesso de colonização e simplesmente ignorou a contribuição do caboclo. Porém, este estava integrado ao processo de colonização, aparecendo em forma de várias categorias como agregado, roceiro, posseiro, intruso, ervateiro e lavrador nacional”.

⁴⁰ São pesquisas recentes que tratam da Região Noroeste do Estado, e do antigo município de Palmeira das Missões do qual se originaram a maior parte dos municípios do noroeste do Estado. Com relação ao oeste de Santa Catarina, salvo engano, ainda não há pesquisas disponíveis nesta área, que merecerá, portanto, menor atenção, mesmo porque a organização do Distrito Eclesiástico Uruguai em 1953 guarda relação com a emigração de teuto-gaúchos em direção ao oeste de Santa Catarina.

⁴¹ ARDENGHI, 2003, p. 48. “A forma como o governo tratou a ocupação das áreas de mata leva a crer que eram tidas como vazias demograficamente, sem considerar a presença dos extrativistas de erva-mate e cultores de roças com produtos de subsistência ou sobrevivendo dos recursos da natureza. Constituíam uma população cabocla que, freqüentemente, é ignorada pela historiografia, assim como foi ignorada pelo governo ao designar essas áreas para colonização”.

abismo, os termos *brasileiro* e *caboclo* são sinônimos para uma mesma personagem, e o sentido dos termos ressalta as diferenças culturais e étnicas da região de referência, aos olhos de uma teuto-brasileira:

O sangue de Laura agitou-se nas veias – o sangue que sua mãe dizia puro, teutônico, que não conhecia mistura, e que só recebera permissão para misturar-se ao sangue de Gumercindo porque o dele também já não era um sangue tão puro assim, dado que sua mãe era alemã – e fez o coração bater mais forte de encontro às costas daquele *brasileiro*, daquele *caboclo*, como sua mãe dizia entre soluços e maldições.⁴²

Em relação à região norte da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, antes da colonização por colonos, data de 1815 o povoamento de “Vilinha” que se emancipou em 1874, como Palmeira (das Missões). Este povoamento constituiu-se de arranchamentos de ervateiros oriundos de Cruz Alta, município do qual Palmeira (das Missões) se emancipara.⁴³

A coleta da erva-mate era feita pelos caboclos em terras públicas (possivelmente também em terras privadas) as quais também passaram a ocupar. No entanto, com a instalação dos ervateiros e das fazendas, ocorreram mudanças que resultaram na exclusão do caboclo em virtude da restrição ao acesso de terras e das matas que estes ocupavam anteriormente. *A privatização das terras e florestas*,⁴⁴

foi realizada, especialmente, a partir da segunda metade do século XIX. Até essa época ocorreu de forma pacífica, pois havia abundância de terras florestais. Com a Lei de Terras, de 1850, as terras devolutas passaram a ser vendidas pelo governo, o que dificultou o acesso às camadas pobres da população. No entanto, facilita às elites locais a regularização de suas propriedades e a incorporação de novas áreas, acirrando dessa forma os conflitos entre extrativistas e latifundiários.⁴⁵

Na região oeste de Santa Catarina, com o avanço tardio da colonização⁴⁶ feita principalmente através de colonos alemães e teuto-brasileiros oriundos do Rio

⁴² KIEFER, 1994, p.16. A primeira edição é de 1988. Kiefer, numa cronologia em relação às personagens de seu romance, identifica o fato com o ano de 1928.

⁴³ ARDENGHI, 2003, p. 28-29.

⁴⁴ A expressão *privatização dos ervais públicos e das terras de floresta* é de Paulo Afonso Zarth e citada por ARDENGHI, 2003, p. 40.

⁴⁵ ARDENGHI, 2003, p. 40.

⁴⁶ A região estava, antes, em disputa pelas coroas espanhola e portuguesa, mas também entre Brasil e Argentina. Posteriormente, as disputas foram travadas entre os estados de Santa Catarina e Paraná, com o *Contestado*.

Grande do Sul, os caboclos “foram sendo ‘empurrados’ cada vez mais, primeiro às terras consideradas impróprias, e após, a outras regiões”.⁴⁷

A este respeito no romance de Arno Ecke, *No reino do agricultor* (1972), é possível contatar a situação dos *brasileiros*, como *intrusos*. Mesmo que o autor deste romance transmita a falta de condições e assistência a estes sujeitos, ele reforça a perspectiva dos órgãos colonizadores:

Vá à comissão de Terras, pergunte pelos moradores de derrubada, para ouvir o que dirão. Os chamam de intrusos, que precisam dar um jeito para legalizar as suas situações, que devem deixar de estragar o mato. Nos últimos 30 anos ele vem fazendo a sua peregrinação, atravessando o campo, começando vida nova, no mato, em terras férteis e virgens, desbravando-as. Anos depois, vêm agricultores da Colônia Velha, compram-lhes o direito, a desistência, às vezes, também uma benfeitoria, tudo por um bom dinheiro, eles erguem a mochila e rumam ao sertão, em busca de um novo lar, de uma nova terra. De minhas observações, podemos concluir, que sempre cabe aos intrusos, a tarefa mais árdua, a entrada na selva, a que sempre se dedicam. Porque ninguém os orienta? A quem atribuir a culpa? A maior parte da culpa é deles mesmo, porque têm exemplos em toda a parte, como deve ser administrada a gleba própria.⁴⁸

Assim se observa que com o passar do tempo, teremos estes caboclos ocupando áreas cada vez mais ao norte, no Rio Grande do Sul, e oeste, em Santa Catarina, já em áreas indígenas, e posteriormente, integrando os movimentos de luta e acesso à terra ou integrando o contingente do êxodo rural.

1.3.2 Os portugueses

Com a conquista definitiva das Missões por José Borges do Canto, a região de campo nos contornos da mata passa a ser ocupada sob os estímulos da coroa portuguesa e formaram-se os primeiros latifúndios de pastagens nativas para a pecuária extensiva.⁴⁹

⁴⁷ RAMBO, 2007, p. 42. A observação é feita a partir da obra de RENK, Arlene. *A luta da erva: um ofício étnico no oeste catarinense*. Chapecó: Grifos, 1997. A ocupação do oeste catarinense foi feita, segundo Silvio Coelho dos Santos, por três frentes: a pastoril (Campos de Palmas, onde se dará a disputa do Contestado), a extrativista (de erva-mate) e de expansão agrícola com a colonização de origem alemã e italiana. SANTOS, Silvio Coelho dos. *Índios e brancos no sul do Brasil: a dramática experiência dos Xokleng*. Porto Alegre: Movimento; Brasília: Minc/Pró-Memória/INL, 1987. p. 17.

⁴⁸ ECKE, Arno. *No reino do agricultor*. Ijuí: Michaelson & Hass, 1972. p. 51. A referida obra começa a ser escrita pelo autor na década de 1940.

⁴⁹ ARDENGHI, 2003, p. 46.

A abertura do caminho para o território, onde posteriormente formou-se o município de Palmeira das Missões, foi realizada pelo alferes Athanagildo Pinto Martins, em cujo relato da 'exploração da abertura do caminho das Missões', assim denominada por ele, descreve o percurso realizado na região, em 1816, realizando uma incursão de cunho militar. [...] Iniciava-se, assim, a ocupação do território da futura 'Vilinha da Palmeira', seguido por outros pioneiros como o paulista Coronel Joaquim Thomaz da Silva Prado e o Major Antônio Novaes Coutinho, português de nascimento, que, vindos de São Paulo, deram início ao povoamento das áreas de campo.⁵⁰

Poucas destas terras foram obtidas por sesmarias: a maior parte foi concedida por autoridades militares locais. "As áreas consideradas devolutas foram vendidas, sem distinguir se pertenciam ou não à comunidade dos índios. Era mais fácil adquirir terras, por baixo preço, das autoridades locais do que a obtenção de sesmarias".⁵¹

Além das fazendas de Cruz Alta, também as regiões de Passo Fundo e Vacaria, no limite leste da *região de referência*, foram ocupadas por paulistas⁵² para a criação de gado e extração de erva mate. Este grupo de fazendeiros ocupará a estrutura governamental, como no caso do Município de Palmeira das Missões, e o domínio político local em disputas com os caboclos⁵³ até o início do século XX.

A posse de latifúndios e o domínio político caracterizam um poder real e simbólico nas mãos de luso-brasileiros; porém, há resistência. Esta é, de maneira sintética, a situação que precede a colonização da região de referência por colonos europeus.

⁵⁰ ARDENGHI, 2003, p. 46. Esta autora enfatiza que há diferenças entre os portugueses *paulistas* e aqueles que ocuparam a região da Campanha gaúcha no fim das disputas territoriais entre os países da região sul da América. A estes últimos, os da Campanha, ela denomina de *coronéis caudilhos* (ao qual o *poder do mato* se alia), e aos primeiros, de *coronéis borgistas* (*poder do campo*).

⁵¹ ARDENGHI, 2003, p. 47. A autora remete ao estudo de Zarth sobre a questão da posse de terras, que observa: "em 1822 cessa a concessão de sesmarias". ZARTH, Paulo Afonso. *História agrária do planalto gaúcho - 1859-1920*. Ijuí: UNIJUÍ, 1997.

⁵² Jean Roche identifica *três elementos, todos de origem lusitana*, que atuaram na ocupação do território da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: *lagunistas*, *açorianos* e *milicianos*. Há a possibilidade dos *lagunistas* terem trazido consigo escravos negros. Sobre os *milicianos*, Roche afirma que se originavam também de capitânicas de Minas Gerais. ROCHE, Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Tomo 1. Porto Alegre: Globo, 1969, p. 24.

⁵³ Trata-se da disputa entre o *poder do mato* (integrado por caboclos, ervateiros e chacareiros e, estando à frente do grupo estava Leonel Rocha que era identificado com os Maragatos) e o *poder do campo* (composto por estancieiros, líderes políticos regionais no início do século XX, coadunados com o modelo *borgista* – Borges de Medeiros – positivista/autoritário) pesquisado por Lurdes Grolli Ardenghi, e tratada em FÉLIX, Loiva Otero. *Coronelismo, borgismo e cooptação política*. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 1996; e por Mozart Pereira Soares, na obra *Santo Antônio da Palmeira*.

1.4 A ocupação do noroeste gaúcho e oeste catarinense por colonos⁵⁴ europeus

A subjugação dos povos indígenas, o esgotamento do solo e dos recursos naturais, o êxodo rural, o Movimento dos Agricultores Sem Terra (MST) e a industrialização consumidora e destruidora dos recursos naturais são constatações do período hodierno na RE-III, que foi desde 1997 dividida em quatro Sínodos.⁵⁵ Como observado na seção anterior, os problemas atuais foram desencadeados desde o período da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul. A colonização e ocupação européia da Província radicaram processos sucessivos de transformação do meio ambiente da região e dos seres humanos que a habitavam, ou que nela passaram a habitar. Da mesma forma, o meio ambiente também exerceu sobre eles influências.

Desde as pesquisas históricas, de abordagem metódica e objetiva como a de Jean Roche sobre *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*, até a Literatura Regional e Contemporânea, como as obras do escritor Charles Kiefer, dedicadas ao ambiente rural, é possível identificar fontes que descrevem e presenciaram estas mudanças ambientais. Trata-se de mudanças que continuam a ser ignoradas em favor de diferentes formas de colonialismo. Este colonialismo esteve vinculado à exploração dos recursos naturais existentes na *região de referência*. Os sujeitos *privilegiados*⁵⁶ para esta exploração foram os colonos europeus, alemães, italianos, poloneses e russos, ou seus descendentes.

Consecutiva a esta primeira fase de ocupação e exploração dos lotes de terras, outro momento, o da modernização da agricultura, permitiu o comércio, a

⁵⁴ O termo *colono*, segundo Jean Roche, deriva de *colonização*, que foi a forma adotada pelo Governo Imperial para explorar as diferentes regiões do país, através de imigrantes. “Estabelecidos nas terras concedidas, os imigrantes foram, primeiro, agricultores e artesãos rurais como se lhes pedia, *colonos*, isto é, homens ligados à terra que exploravam”. O autor ainda observa que, do ponto de vista do imigrante alemão, o termo *Kolonist*, designa “o homem que desbrava e cultiva a terra”. ROCHE, 1969, p. 2-3. Porém, o termo *colono* também pode referir-se ao imigrante italiano e seus descendentes, conforme observa Carlos Wagner que distingue este grupo (descendentes de alemães e italianos) de outro, os de ‘pêlo duro’, provável referência ao que no desenvolvimento da primeira seção foi identificado como *caboclo*.

⁵⁵ A RE-III abrangia a região dos atuais Sínodos: Noroeste Gaúcho, Planalto Rio-grandense, Nordeste Gaúcho e Uruguai.

⁵⁶ O termo *privilegiado* pode parecer ambíguo, em virtude das dificuldades inicialmente encontradas pelos colonos para instalarem-se nas terras. No entanto, a estrutura administrativa do governo foi organizada em favor deste tipo de ocupação, que negligenciava a presença do caboclo, tratando-o como *intruso*, e avançava sobre áreas indígenas já demarcadas anteriormente, assim como facilitava o arrendamento das mesmas.

nível mundial, da produção agrícola em troca de máquinas e tecnologias que, além do alto custo em relação ao produto cultivado, aumentaram o poder de interferência humana no meio ambiente. Neste processo, o colono imigrante deixa de ser um *privilegiado* e passa a ser explorado, junto com sua terra.

Em virtude da temática da colonização far-se-á neste tópico uma síntese, tratando das colônias na área da *região de referência*, destacando os núcleos de ocupação e desenvolvimento, na perspectiva da História Ambiental e Agrária.

1.4.1 A ocupação na perspectiva da História Ambiental: precedentes

Em princípios da década de 1970, começa-se a conceber uma historiografia preocupada com a interação entre seres humanos e o meio ambiente.⁵⁷ Trata-se da História Ambiental ou, por vezes, também denominada História Ecológica. Donald Worster observa que a iniciativa dessa *história* tem a pretensão de responder a três grupos de perguntas:

O primeiro trata do entendimento da natureza propriamente dita, tal como se organizou e funcionou no passado; incluímos aí tanto os aspectos orgânicos quanto inorgânicos da natureza, inclusive o organismo humano, que tem sido um elo nas cadeias alimentares da natureza, atuando ora como útero, ora como estômago, ora como devorador, ora como devorado, ora como hospedeiro de microorganismos, ora como uma espécie de parasita. O segundo nível da história ambiental introduz o domínio socioeconômico na medida em que este interage com o ambiente. Aqui nos preocupamos com ferramentas e trabalho, com as relações sociais que brotam desse trabalho, com os diversos modos que os povos criaram de produzir bens a partir de recursos naturais. Uma comunidade organizada para pescar no mar pode ter instituições, papéis de gênero ou ritmos sazonais muito distintos dos de um povo que se dedica a criar ovelhas em pastagens nas altas montanhas. [...] Por fim, formando um terceiro nível de análise para o historiador, vem aquele tipo de interação mais intangível e exclusivamente humano, puramente mental ou intelectual [...] Embora possamos, para efeito de clareza, distinguir esses três níveis de estudo ambiental, eles de fato constituem uma investigação única e dinâmica, na qual natureza, organização social e econômica, pensamento e desejo são tratados como

⁵⁷ “A idéia de uma história ambiental começou a surgir na década de 1970, à medida que se sucediam conferências sobre a crise global e cresciam os movimentos ambientalistas entre os cidadãos de vários países. Em outras palavras, ela nasceu numa época de reavaliação e reforma cultural, em escala mundial. A história ambiental nasceu portanto de um objetivo moral, tendo por trás fortes compromissos políticos, mas, à medida que amadureceu, transformou-se também num empreendimento acadêmico que não tinha uma simples ou única agenda moral ou política para promover. Seu objetivo principal se tornou aprofundar o nosso entendimento de como os seres humanos foram, através dos tempos, afetados pelo seu ambiente natural e, inversamente, como eles afetaram esse ambiente e com que resultados”. WORSTER, Donald. Para fazer história ambiental. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, 1991, p. 199.

um todo. E esse todo muda conforme mudam a natureza e as pessoas, numa dialética que atravessa todo o passado e chega até o presente.⁵⁸

O alcance de respostas satisfatórias aos observados grupos de perguntas importa no caráter interdisciplinar da pesquisa em história ambiental.⁵⁹ Além da necessária amplitude de conhecimento do pesquisador ou pesquisadora, a grande quantidade de material disponível que contempla as alterações climáticas e ambientais nem sempre pode ser contemplada. José Drummond sugere como objetivo da pesquisa identificar

em escala regional e local, que tipos de sociedade se formaram em torno de diferentes recursos naturais, que permanência tiveram essas sociedades e que tipo de conseqüências elas criaram para os seus ambientes sustentarem outros tipos de sociedade.⁶⁰

O interesse pela História Ambiental no contexto desta pesquisa justifica-se pela produção recente de artigos da autoria de Juliana Bublitz. Para a pesquisadora, no “caso do Rio Grande do Sul, é mais do que oportuna uma revisão historiográfica do seu processo de colonização, em que a dimensão ambiental se aproxime da dimensão sócio-econômica da história do desenvolvimento”.⁶¹

Os artigos de Juliana Bublitz restringem-se ao primeiro século da colonização e imigração alemã⁶² e precede, portanto, aspectos da colonização da região de referência. A pesquisadora enfatiza a relação dos sentimentos de *medo* e *fascínio* dos primeiros colonos que empreenderam aquilo que ela considera de *desmantamento civilizador*.

Os imigrantes alemães chegaram à, então, Província de São Pedro do Rio Grande do Sul para povoar as terras acidentadas e ainda cobertas pela flora e fauna.⁶³ Embora descendentes de camponeses, nem todos eram agricultores e,

⁵⁸ WORSTER, 1991, p. 202.

⁵⁹ “A história ambiental é, portanto, um campo que sintetiza muitas contribuições e cuja prática é inerentemente interdisciplinar. A sua originalidade está na sua disposição explícita de ‘colocar a sociedade na natureza’ e no equilíbrio com que busca a interação, a influência mútua entre sociedade e natureza”. DRUMMOND, 1991, p. 184.

⁶⁰ DRUMMOND, 1991, p. 194.

⁶¹ BUBLITZ, Juliana. Desmatamento Civilizador: a História Ambiental da Colonização Européia no Rio Grande do Sul (1824-1924). *III Encontro da ANPPAS*. Brasília, mai. 2006, p.15.

⁶² BUBLITZ, 2008.

⁶³ “No Rio Grande do Sul do século XIX, a política de incentivo à imigração européia tinha por objetivo, dentre outros aspectos, povoar terras consideradas desabitadas e pouco aproveitadas, que se estendiam do centro ao norte da província. Em virtude de seu relevo acidentado e da predominância de matas, essa região era preterida pela elite latifundiária regional, que tinha como

mesmo aqueles que se dedicavam ao cultivo da terra, estavam habituados às áreas antropizadas (áreas que sofreram algum tipo de intervenção do ser humano)⁶⁴ da Europa.

Portanto, para Bublitz, a impressão que a mata causava nos imigrantes era ambígua: variava entre *medo* e *fascínio*. O medo estava vinculado à imponente da floresta, composta por plantas de considerável altura, à densidade e diversidade de sua população e ao vigor com que a mesma se recuperava após a derrubada.⁶⁵ Porém, à floresta estavam vinculados, também, outros aspectos: a resistência dos povos nativos (Charruas, Minuano, Guarani e Kaingáng) à ocupação de seu território e aos animais que atacavam aqueles já domesticados assim como as primeiras plantações.⁶⁶

A floresta exercia fascínio e encantamento nos imigrantes alemães na medida em que estes passavam, com a derrubada da mata, a ser proprietários das terras. Tratava-se de uma relação predatória, sempre com nova

migração rumo à fronteira verde, a fim de conseguir novas terras, já que as antigas havia se tornado pequenas demais para o grande número de filhos

base econômica a pecuária e possuía grandes propriedades de terras na Campanha, ao Sul”. BUBLITZ, 2008, p. 323.

⁶⁴ “Dos primeiros 43 imigrantes chegados a São Leopoldo, a maioria vinha do Noroeste da Alemanha (Hamburgo, Holstein, Hanover, Mecklenburg) e, dentre as profissões conhecidas, havia sete agricultores, dois carpinteiros, um pedreiro, um ferreiro e um empregado da indústria de papel. Na segunda leva, constituída de 81 pessoas, havia pelo menos 16 agricultores, mas também um pedreiro, um pintor, um ferreiro, quatro carpinteiros e um sapateiro, dentre outras profissões”. BUBLITZ, 2008, p. 323-324.

⁶⁵ “O colono, muitas vezes, sentia-se um escravo da floresta. [...] Era preciso trabalhar com afinco, em uma luta sem tréguas, para derrubar a vegetação e impor o domínio sobre a natureza. Floresta derrubada era um sinônimo de civilização, de progresso. Era a garantia, enfim, de sucesso na nova pátria”.

⁶⁶ A autora traz alguns relatos: “em uma carta datada de 27 de novembro de 1850 o sub-diretor da colônia alemã de Santa Cruz, Evaristo Alves D’Oliveira, escrevia sobre um desses perigos ao presidente provincial, José Antônio Pimenta Bueno. Oliveira (1850) registrava que ‘tigres incomodarão nas habitações, matando os cães, que se acham presos em correntes’ e que, diante do pavor experimentado pelos colonos, procurou ‘evitar que eles deixassem suas famílias expostas às feras’. [...] Os chamados ‘*wilden Menschen*’, ou homens selvagens, como escreveu o alemão Mathias Franzen (1924), instalado em 1832 em São Leopoldo, eram na maioria dos casos considerados um grande mal pelos colonos. Na sua carta à família, Franzen contou que os indígenas ‘há muito tempo vêm tornando inseguras as matas, já tendo tirado a vida de 21 de nossos co-irmãos alemães’”. BUBLITZ, 2008, p. 327-329. Becker, porém, observa que ocorreram diversas tentativas de grupos organizados em afastar, prender e matar os indígenas, como é o caso da Companhia de Pedestres presente no Aldeamento de Nonoi desde o ano de 1848. BECKER, [s.d.], p. 55.

gerados no Brasil, e degradadas demais, a ponto de já não fornecerem alimentos como antes.⁶⁷

Este processo Bublitz identifica como *desmatamento civilizador*, ou seja, a transformação que os imigrantes infringiram ao território que por eles foi sendo ocupado. Resgatando aspectos culturais da Europa cristã, a autora observa que a floresta era tida como o local que fugia do controle empreendido pela coesão social promovida pela Igreja Católica desde a Idade Média: tratava-se do local que não era possível ser manipulado, uma vez que estava fora dos muros das cidades e era considerado “o abrigo de marginais, loucos, fugitivos, selvagens e hereges”.⁶⁸

O domínio e controle da mata começavam com a derrubada. Com ferramentas rústicas como o machado, a foice e a serra braçal, a mata foi dando lugar às pequenas roças, com tocos e raízes das árvores caídas e, portanto, incapaz de ser trabalhada com os costumeiros arados, empregados nas terras européias. E, ainda que fosse possível, o gado usado para a tração era escasso nos primeiros anos das colônias.⁶⁹

Outra técnica para a constituição da roça, apropriada da cultura indígena, passou a ser usada pelos imigrantes de forma desmedida: tratava-se da queimada.⁷⁰

⁶⁷ Ainda sobre o desmatamento e posse de terras: “segundo um manuscrito de março de 1851, redigido pelo agente intérprete da colonização, Pedro Kleugden, ‘os colonos que dentro do prazo de dois anos não tiverem cultivado ao menos a oitava parte das terras concedidas, não residirem nelas e não edificarem, perderão o direito às mesmas’”. BUBLITZ, 2008, p. 331.

⁶⁸ “Os muros do feudo excluíram a floresta, que passou a ser *foris*, significando literalmente *fora* e denotando perigo e insegurança. Condenados ao fogo do inferno estariam aqueles que se rendessem aos demônios e espíritos da floresta – e a Igreja tinha boas razões para difundir esse terrorismo, pois as seitas pagãs permaneciam vivas na memória popular e ameaçavam a expansão da civilização judaico-cristã. Como afirma [R. P.] Harrison, para a Igreja, as florestas representavam o lado obscuro do mundo ordenado, e os seus padres trataram de popularizar tal posicionamento”. BUBLITZ, 2008, p. 329-330. A autora observa, porém, que a impressão de ambiguidade que a floresta causa nos imigrantes está presente, também, no cristianismo. Isso porque a floresta também já foi tida como local de eremitas em busca de retiro espiritual.

⁶⁹ SOUZA MORAES, Carlos de. *O colono alemão: uma experiência vitoriosa a partir de São Leopoldo*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1981. p. 86. Segundo este autor, as “reses de criar que a Imperial Fcitoria do Linho Cãnhamo abrigava ao ser extinta, conforme inventário de sua existência realizada a 18.1.1824, seis meses, portanto, antes da chegada dos primeiros imigrantes, talvez tivessem sido consumidas, desviadas ou vendidas, senão todas, pelo menos grande parte, o que teria, por certo, dificultado o impulso inicial da colonização que se ia iniciar, apesar das mais seguras promessas do governo imperial”. O autor ainda observa as demais necessidades alimentares pelos quais passaram os imigrantes no início da colonização. SOUZA MORAES, 1981, p. 82-99.

⁷⁰ “Quando finalmente compreenderam os métodos mais eficazes para realizar as derrubadas, os colonos também passaram a aplicar a técnica da queimada, ensinada pelos diretores e inspetores coloniais, repassada pelos pioneiros aos imigrantes recém-chegados e transmitida de geração em geração. [...] Mas os colonos, no início, relutavam em adotar tal procedimento – especialmente aqueles que já atuavam como agricultores em sua terra natal, conforme seus relatos. [...] Tratava-

No entanto, a queimada representava, além da perda da fertilidade do solo que era consumida pelo fogo, o risco de não consolidar uma área agricultável: na pressa e necessidade de lançar as sementes de sua alimentação, os colonos, não raras vezes, induziram o fogo nas áreas com plantas recentemente derrubadas e, portanto verdes.

O insucesso na constituição de uma propriedade, o progressivo esgotamento do solo e as subdivisões das propriedades constituídas em virtude da herança familiar traduziam-se no abandono da área rural, no êxodo e ocupação de novas áreas para recomeçar o processo.⁷¹ Desta forma, surgem, com as últimas levas de imigrantes europeus, as colônias mistas (protestantes e católicos de origem italiana e alemã, mas também eslavos), na região setentrional do Estado, denominado, desde a Proclamação da República, Rio Grande do Sul.

As constatações de Bublitz, apesar de relacionarem-se aos primeiros anos da colonização europeia, são importantes na medida em que o processo de *desmatamento civilizador* tem continuidade e se estende à região de referência em períodos mais recentes.

1.4.2 A ocupação na perspectiva da História Agrária e Regional

No romance *A face do abismo*, Kiefer faz alusão ao que foi o início de uma cidade fictícia, no noroeste do Rio Grande do Sul, com a colonização:

Fazia uma noite luminosa, um céu coalhado de estrelas, a lua esparzia filetes de luz gelada, que se refletiam nas ondulações das águas e nas minúsculas gotículas de orvalho dependuradas nas folhas das árvores e nos talos de capim. O silêncio descera sobre a mata não como o orvalho, mas de súbito, abrupto e imprevisto como um punhal repentino, e vibrava de expectativa, como quando a natureza inteira se aquieta na iminência dum temporal. E o temporal sobreveio, não através dos ventos e dos raios mas pelo fogo das armas, dos facões sibilantes e do ódio humano, demasiadamente humano. Os índios que não foram trucidados ou

se, sim, de se conceber uma nova relação com a natureza, diferente daquela vivenciada na Alemanha”. BUBLITZ, 2008, p. 333.

⁷¹ “Devido às queimadas e derrubadas, Lopes [José Joaquim Rodrigues Lopes, funcionário do Ministério dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas] calculava que São Leopoldo tinha ‘mais de um terço de sua superfície desaproveitado’, pois os lotes que no passado foram intensamente cultivados jaziam degradados em 1867, tornando-se ‘campos artificiaes’. Ainda conforme Lopes ‘com quanto esses campos artificiaes se prestem às pastagens, [...] entretém-se n’elles muitos animaes, que difficultão de dia em dia a alimentação do gado, até que o criador diz por seu turno – o campo não presta mais, e se foi bom, hoje está doente’. A despeito disso, as queimadas e derrubadas continuaram, em escala crescente, rumo a outras regiões da província – e do Brasil –, deixando para trás um rastro de destruição”. BUBLITZ, 2008, p. 338.

esmagados pelos cascos dos cavalos morreram queimados no interior das ocas incendiadas.⁷²

Confere que, antes da chegada dos colonos, a maior parte da região do Planalto do Rio Grande do Sul era coberta por densas florestas⁷³ da Mata Atlântica, aparecendo, ao nordeste, espécies subtropicais como as araucárias. Esta região estava, portanto, ocupada por índios e caboclos. A este respeito, é possível observar que Kiefer ainda destaca aspectos importantes da chegada dos colonos, logo após a matança de indígenas:

[Ao descer das carroças] Aquelas setenta e seis pessoas deram-se as mãos e rezaram, cercadas pelas araucárias, pau-d'arco, paus-ferro, canjaranas, canafistulas, tipuanas, louros, guatambus, guabijus, camboatás, aratincuns [...]. Terá sido então que o Espírito Santo os inspirou a contruírem primeiro a Casa do Senhor? Assim que o círculo se desfez, e as mulheres foram para as carroças preparar a primeira refeição na nova terra, depois de ordenares às crianças que não se afastassem porque a mata estava infestada de cobras, onças e índios, os homens tomaram os machados e foices e iniciaram a derrubada.⁷⁴

Com as derrubadas, as antigas “picadas” feitas por índios e caboclos, e que davam para alguns povoados e colônias portuguesas recentes,⁷⁵ foram dando lugar a verdadeiras clareiras.

⁷² KIEFER, 1994, p. 19-20.

⁷³ A descrição de Beschoren, na década de 1880: “É magnífica floresta que cobre muitas léguas à margem do rio Uruguai e seus afluentes. A maior parte da floresta é de mato branco, perto dos campos e florestas de araucárias nas elevações, formando ilhas dentro do extenso mar de floresta de folha caduca”. BESCHOREM, 1989, p. 104. Jean Roche observa em um subtítulo de sua obra que a área oferecida à colonização era ocupada por *floresta virgem*. ROCHE, 1969, p. 41-42.

⁷⁴ KIEFER, 1994, p. 25-26.

⁷⁵ A Colônia militar do Alto Uruguai, criada por lei em 1879, ficou apenas no planejamento, segundo ROCHE, 1969, p. 110. Ainda, sobre esta colônia: “a colônia militar do Alto Uruguai foi fundada pelo governo imperial a 25/12/1879, sendo dividida em 437 lotes, dos quais foram distribuídos apenas 212 (18 urbanos e 194 suburbanos). Em 1912 contava com 1060 habitantes. Pela lei nº. 2738 de 07/01/1913 a colônia foi emancipada pelo governo federal e entregue pelo chefe do Exército Alfredo Augusto Corrêa ao representante do Governo do Estado Lindolfo A. Rodrigues da Silva, que envia à Diretoria de Terras e Colonização um detalhado relato das condições em que se encontra a Colônia, conforme constatou ‘in loco’. Anexa quadros dos lotes e faz previsão de gastos para melhorar a comunicação, que considera o principal problema. Informa que para ligar com a estrada de ferro, indo por Palmeira a distância é de 185 quilômetros, com estrada em péssimas condições. Um automóvel utilizado para transporte, como experiência, ficou inutilizado”. ARDENGHI, 2003, p. 41. Na obra de Maximiliano Beschoren, é mencionado o povoado de *Rincão do Guarita* (onde travou-se, até 1840, constates embates entre colonizadores e indígenas. BESCHOREN, 1989, p. 87.), o *Rincão do Herval Seco* (com estabelecimento de um moinho de erva-mate por Evaristo Teixeira do Amaral), e o *Rincão da Fortaleza* (“Os primeiros habitantes que se estabeleceram nesses campos, sentiram a necessidade de se resguardar dos constantes ataques dos índios...”). BESCHOREN, 1989, p. 88. Sobre a região denominada Fortaleza, atual Seberi, há relatos que foi ocupada por *intrusos*, ou seja, caboclos, que se estabeleceram na região desde o período revolucionário. ARDENGHI, 2003, p. 43. A região foi ocupada por luso-paulistas, e constituiu-se um ponto de referência para três “picadas” que levavam às “Águas do Mel” ou

A região oeste de Santa Catarina, cujo limite foi oficializado posteriormente ao da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, também era coberta por florestas, uma vez que esta região integra a Mata Atlântica. A exploração da madeira desta mata foi feita, como forma de subsistência, por caboclos e, intensivamente através do deslocamento com balsas no Rio Uruguai, pelos colonos.⁷⁶

Dessa forma, a ocupação da área da região de referência através da colonização não ocorreu com uniformidade. Isto em virtude das propriedades particulares já existentes, da falta de controle das terras devolutas, além do fato de terem sido organizadas colonizações particulares e oficiais, envolvendo colonos alemães, teuto-brasileiros das Antigas Colônias, e italianos.⁷⁷

A respeito de São Borja, o limite sudoeste da *região de referência*, Jean Roche relata que foi o destino de alguns imigrantes alemães que restaram de um grupo destinado a povoar São João das Missões em 1824. Pouco antes, em 1822,

o Planalto Setentrional conta só uma dezena de milhares de habitantes, dos quais 6750 nas Missões, e o resto nos Campos de Cima da Serra, ao redor de Vacaria. Esta região estava ligada administrativamente a Santo Antonio da Patrulha, mas eram mínimas as trocas entre o Planalto [...] e o resto do Rio Grande.⁷⁸

Entre 1848 e 1894, foram “criadas as colônias de São Francisco de Assis (1857), Santo Ângelo (1857), São Luiz Gonzaga (1859), Santiago (1866) e Júlio de Castilhos (1870); no centro, Cruz Alta (1834) e Soledade (1846); a leste, Lagoa Vermelha (1845), Vacaria (1950) e São Francisco de Paula (1852)”,⁷⁹ a partir de ocupação luso-brasileira. Os primeiro núcleos oficiais para a colonização foram Ijuí (1890) e Guarani (1891), que sofreram, no início, com a demora de sua passagem para a administração local.⁸⁰ Esta ocupação marca o que pode ser identificado como o *contorno* sul da *região de referência*.

minerais, descobertas em 1912. Nesta região, constituir-se-á o atual município de Iraí. Quem passa por Iraí é João do Prado, maragato foragido, que instala-se em 1916 em uma região de caça e pesca abundante, tomada por barro e água: trata-se das águas minerais da atual cidade de Vicente Dutra. OLKOSKI, 2002, p. 70-71.

⁷⁶ “A madeira que não tinha sido tirada antes da colonização, foi tirada após, ou para a venda via balsas ou para estruturação da propriedade e o restante, foi abatido e queimado à medida que as famílias iam crescendo ou outras áreas se tornassem menos produtivas”. RAMBO, 2007, p. 149.

⁷⁷ Há também referências a escravos.

⁷⁸ ROCHE, 1969, p. 39.

⁷⁹ ROCHE, 1969, p. 112.

⁸⁰ ROCHE, 1969, p. 125. O autor divide a organização e implementação da colonização em três fases, de acordo com a legislação e as mudanças no governo. A primeira fase está compreendida

Em continuidade, o Governo Geral criou, no município de Passo Fundo, os núcleos de Gerisa (1904) e Erechim (1908); no de Santo Ângelo, os núcleos de Ijuizinho (1910) e São João Batista (1912). A colonização por empresas e sociedades particulares pode ser destacada nos municípios de *Cruz Alta* – com os núcleos de Colorado (1897), Boi Preto (1987) e Neu Württemberg (1899) – *Santo Ângelo* – Ijuí Grande (1892), Vitória (1900), Buriti (1908), Timbaúva e Boa Vista (1912) e Steglich, *São Luiz Gonzaga* – Cerro Azul (1902) – *Passo Fundo* – Bela Vista (1903) e Dona Júlia (1912) – e no de *Erechim* – Rio do Peixe (1911).⁸¹

Em relação às colônias particulares, há algumas especificidades: são ocupadas por imigrantes e colonos oriundos de outras áreas do sul, que buscam reunir-se de acordo com a origem étnica e confessional. Segundo Roche,

os italianos convergiram para o Norte e Nordeste do Planalto, os alemães para o Norte-Noroeste; entre estes, os católicos agruparam-se em colônias como Boa Vista e Cêrro Azul, criadas por organismos ao mesmo tempo profissionais e confessionais (Deutsche Bauer Verein), conservando o zêlo tanto pela religião como pelas tradições germânicas, ao passo que os protestantes se dirigiram, de preferência, para Neu Württemberg e seus satélites, as colônias-modêlo fundadas por H. Meyer.⁸²

Entre 1914 e 1945, são ocupadas as últimas áreas de colonização. Santa Rosa, conhecida como *14 de Julho*, é fundada em 1915 pelo governo, como medida para regular a situação de *intrusos* que destruía a floresta nas mediações da colônia Guarani. “A colonização oficial estendeu-se para Porto Lucena, Tucunduva e Laranjeira, prolongando-se, depois, por um contrato com a firma Dahne e Conceição que em 1943 concluiu a colonização no Uruguai”.⁸³

entre os anos de 1824-1889 e está sob as subvenções do Império (com três períodos distintos: entre 1824 a 1847, que foi interrompido pela suspensão da colonização a partir de 1830; o segundo período, de 1848 a 1874 com a legitimidade, por parte do Governo Central, da Colonização Provincial; e o terceiro período, entre 1874-1889, que o autor caracteriza como o abandono da administração local e a sua condução feita, sobretudo, pelo Governo Geral). A segunda fase, a partir de 1890, com a atribuição, ao Governo do Estado, de desenvolver as colônias fundadas e criação de novas (identificam-se dois períodos, em continuidade à primeira fase: o quarto período, entre 1890-1914, é marcado por disputas de competência administrativa entre os Governos central e local, mas com a predominância de atuação do poder local; é neste período que são criados os núcleos de Ijuí e Guarani. O quinto período, a partir de 1914, que marca o fim da colonização e dos limites da área disponível, e se estende até o período da Segunda Guerra Mundial. Nestes dois últimos períodos é que se concentram a ocupação da região de referência, com a participação da colonização por empresas particulares.

⁸¹ ROCHE, 1969, p. 130.

⁸² ROCHE, 1969, p. 130.

⁸³ ROCHE, 1969, p. 137-138.

A última área florestal, que envolvia parte dos municípios de Palmeira, Erechim e Lagoa Vermelha, foi ocupada por colonos de origem alemã, italiana, eslava e luso-brasileira.⁸⁴ Assim, na *região de referência*, não se identifica “um bloco de colônias teuto-brasileiras comparável ao que se constituiu na borda da Serra, entre Rolante e Sobradinho”,⁸⁵ mas colônias mistas que delimitavam com algumas colônias particulares com ascendência étnica e confessional.

Em relação às terras do oeste de Santa Catarina, estas eram, até 1910, majoritariamente estatais. Foram concedidas a uma companhia americana para colonização que, por sua vez, negociou-as com “empresas colonizadoras brasileiras, dentre as quais, algumas de caráter confessional”.⁸⁶ Porto Feliz e Porto Novo constituíram as colônias com características confessionais, sendo que a primeira foi o destino de católicos, e a segunda o destino de protestantes.⁸⁷ No restante dos municípios do oeste catarinense, a colonização foi realizado sob a forma mista, com imigrantes “alemães, italianos e poloneses, descendentes da segunda e terceira gerações de imigrantes que povoaram a Encosta Inferior do Rio Grande do Sul e Santa Catarina no século XIX”.⁸⁸ Assim, alguns colonos do oeste de Santa Catarina⁸⁹ mantiveram relações com os de Rio Grande do Sul, em virtude do parentesco e da forma de ocupação da terra.

⁸⁴ “Enquanto nas colônias de Santa Rosa e do Alto Uruguai há preponderância do elemento de origem germânica, a última zona é de povoamento misto [...] É nessa região que se encontra a maior parte dos municípios criados em 1954-1955: Cêrro Largo, Pôrto Lucena, Santo Cristo, Giruá, Três de Maio, Horizontina, Criciumal, Tenente Portela, Frederico Westphalen, Aratiba, Tapejara, Sananduva”. ROCHE, 1969, p. 138.

⁸⁵ ROCHE, 1969, p. 185.

⁸⁶ As terras “foram cedidas para a empresa americana *Brazil Railway Company* e controladas pela sua filial brasileira *Brazil Development & Colonizations Company* (BDCC) em troca da realização de obras públicas pelo país. A proprietária americana, no final da segunda década do século XX, negociou as terras da região para empresas colonizadoras brasileiras, dentre as quais algumas de caráter confessional. As companhias colonizadoras fragmentaram o território até então sem fronteiras e passaram a agir sobre parcelas dele”. RAMBO, 2007, p. 10-11.

⁸⁷ “Porto Novo, atuais municípios de Itapiranga, São João do Oeste e Tunápolis, e Porto Feliz, hoje municípios de Mondaí, Iporã do Oeste e Riqueza, situados no Extremo Oeste de Santa Catarina”. RAMBO, 2007, p. 10.

⁸⁸ RAMBO, 2007, p. 10.

⁸⁹ O oeste catarinense foi incluído na região de referência em virtude da abrangência da RE-III e da importância que o atual Sínodo Uruguai (desmembrado com a constituição dos Sínodos em 1997), que abrange o Oeste de Santa Catarina e parte do Rio Grande do Sul, tem junto ao projeto do CAPA em Erechim, RS. No entanto, a constatação da situação agrícola entre os membros da IECLB, que se desenvolverá em capítulo posterior, dará prioridade à área que compreende o Estado do Rio Grande do Sul.

1.5. Os colonos entre índios e caboclos

Nesta seção, foi empreendida uma síntese sobre a colonização do Planalto Setentrional do Rio Grande do Sul e do oeste de Santa Catarina. A partir de pesquisas da História Ambiental, observou-se a instalação do imigrante alemão no início da colonização alemã, no ano de 1824, em meio às matas e florestas das primeiras colônias da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul. Desta forma, foram apontadas as primeiras dificuldades dos imigrantes em terras desta Província,⁹⁰ especificamente em suas relações com a floresta e com o indígena que nela vivia. Entre os confrontos com os grupos indígenas e a formação de áreas cultiváveis, estes colonos foram ocupando as áreas que lhes foram sendo destinadas pelo governo local ou nacional, dirigindo-se ao Planalto Setentrional do Rio Grande do Sul ou ao oeste de Santa Catarina.

O Planalto Sentrional do Rio Grande do Sul foi colonizado pelos governos e por empresas particulares, principalmente a partir do período republicano. Como observado na seção anterior, esta região, assim como o oeste catarinense, também estava ocupada por indígenas, caboclos e luso-brasileiros. Portanto, identificar o desenvolvimento desta área com a colonização de algum grupo étnico, como o faz Jean Roche,⁹¹ não condiz com as relações de troca e de trabalho empreendidas entre estes grupos: se nas primeiras colônias próximas a São Leopoldo o desmatamento foi realizado pelos próprios colonos, no Planalto gaúcho e no oeste

⁹⁰ As dificuldades que precederam e, de certa forma, ajudaram na imigração alemã estão ligadas à região da Europa que abrangia a Prússia. Para Martin N. Dreher, “a imigração em massa verificada na Alemanha do século XIX foi, em última análise, consequência dos desníveis sociais e econômicos existentes no país”. Entre os fatos históricos apontados pelo autor estão: o Bloqueio Continental de Napoleão Bonaparte, seguido das guerras de libertação e abertura dos mercados alemães e empobrecimento das populações rurais; a partir de 1940, com a industrialização, os artesãos são afetados; ocorre, junto à industrialização, o aumento da população no Sul e Sudeste alemão; as terras, em virtude das heranças, estavam tão fracionadas que já não permitiam o sustento do proprietário; em 1807, a libertação dos agricultores deixou-os com uma área 1/3 menor que antes da libertação; também estão, na abordagem, a propaganda dos agentes de imigração e os motivos religiosos. DREHER, Martin N. *Igreja e germanidade: estudo crítico da história da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1984. p. 33-38.

⁹¹ A constatação é semelhante à da pesquisa de Olkoski: “nesta última, Jean Roche é um exemplo quando trabalha a imigração alemã como sinônimo de sucesso de colonização e simplesmente ignorou a contribuição do caboclo. Porém, este estava integrado ao processo de colonização, aparecendo em forma de várias categorias como agregado, roceiro, posseiro, intruso, ervateiro e lavrador nacional”. OLKOSKI, 2002, p. 97.

catarinense o desmatamento contará com a ajuda e exploração dos caboclos e indígenas.⁹²

Aos processos de exploração da mão de obra local, da construção da via férrea⁹³ e rodoviária, pode ser identificado o desenvolvimento dos municípios de Ijuí, Guarani, Erechim e Santa Rosa. No entanto, a exploração agrícola (cultivo de alimentos e produtos para a indústria) e o deslocamento dos recursos naturais, como a madeira, através destas vias já dava sinais de esgotamento das terras em Ijuí⁹⁴ e Erechim.⁹⁵ Também os colonos passaram a sofrer prejuízos com o preço baixo pago a seus produtos e com a intermediação comercial que aumentava com a instalação de indústrias próximas às cidades.

Na colonização do oeste de Santa Catarina, algumas empresas particulares usufruíram seus direitos de promover a colonização, derrubando as árvores e vendendo a madeira antes mesmo da chegada dos colonos. A faixa lateral que acompanhava a via férrea de conexão entre São Paulo e Rio Grande do Sul também foi desmatada em virtude da construção da via férrea e das instalações para a colonização. Com estas observações a respeito da colonização da *região de*

⁹² “Como exemplo, encontramos um grupo de kaingáng que não aceitava viver no toldo de Nonoai e, desde 1850, haviam se instalado na área da reserva indígena de Nonoai, na divisa com o município de Rodeio Bonito. Esses índios formavam a comunidade *péi-kâr* e foram liderados pelo cacique Canheró que, conforme consta, faleceu em 1984, com 135 anos e chefiou a aldeia por 100 anos. Esse grupo vivia da plantação de produtos de subsistência e trabalhavam também como peões nas lavouras de colonos vizinhos, como ainda hoje fazem”. OLKOSKI, 2002, p. 90. Sobre o caboclo, também ZARTH *apud* OLKOSKI, 2002, p. 97: “estes camponeses nacionais, considerados isolados e indesejados, na verdade formavam no Rio Grande do Sul um contingente populacional que fornecia peões para as estâncias e para o trabalho de desmatamento inicial das colônias oficiais e particulares. Quando se fala do árduo trabalho de desmatamento realizado pelos colonos imigrantes, não se pode esquecer que em muitas delas o caboclo é contratado para a demarcação dos lotes, a abertura de estradas, as construções de prédios oficiais”. Olkoski ainda destaca que só em 1922 os “camponeses nacionais” serão contemplados por leis que lhes garante direitos de propriedade nas terras ocupadas com o preço reduzido em 20%; mas isto se elas forem públicas e se forem requeridas pelo próprio”.

⁹³ ROCHE, 1969, p. 126. Sobre o desenvolvimento de Guarani, “mas no momento em que a via férrea foi prolongada em direção a Santo Ângelo, começou a receber cêrca de 2500 imigrantes por ano, progredindo rapidamente”.

⁹⁴ ROCHE, 1969, p. 188. Em relação a Ijuí e à compreensão de desenvolvimento do próprio autor: “a intensidade da exploração trouxe o empobrecimento da agricultura, resultado paradoxal da relativa facilidade de comunicações de que a colônia gozou: ligada à linha de estrada de ferro de Cruz Alta em 1911, possui de imediato excelente rêde de rodovias e caminhos que se prolongam para além da zona de campo e a tornam o centro comercial das colônias do Uruguai”.

⁹⁵ ROCHE, 1969, p. 283. “A decadência desta é iminente: os rendimentos já marcaram uma pausa. Erechim chega à idade em que Ijuí começou a esclerosar. Da técnica empregada à evolução das culturas praticadas, tudo leva a crer que as mesmas causas produzirão em breve os mesmo efeitos, a menos que intervenha uma revolução agrária, que nada deixa prever”.

referência, pode-se partir para a próxima seção, que trata da literatura regional e contemporânea enquanto constatação da realidade agrária e ambiental.

1.6 A literatura enquanto expressão da realidade agrária e ambiental

Franco Ferrarotti, em artigo recente, atenta ao fato de que os autores literários têm a capacidade de captar aspectos de sua época e realidade e transmiti-los em suas obras.⁹⁶ No entanto, esta realidade pode ser apreendida de acordo com a perspectiva do autor literário que pode identificar, em sua obra, a trajetória das personagens fictícias com fatos reais, conforme já expresso anteriormente. Neste sentido, esta seção trata de duas obras Charles Kiefer, que nasceu na *região de referência*.⁹⁷

1.6.1 Charles Kiefer

Charles Kiefer é natural de Três de Maio,⁹⁸ ou seja, da região onde surge o CAPA com a iniciativa da IECLB. Parte de sua obra é dedicada ao contexto rural. Para Clarissa Mombach,

Charles Kiefer, em seus romances *Valsa para Bruno Stein* (1986), *A face do abismo* (1988) e *Quem faz gemer a terra* (1991) transmite o legado colonial. Em *A face do abismo*, faz um apanhado histórico da imigração, que abrange quase todo o século; nos outros mostra o descendente alemão situado num contexto temporal mais atual e próximo da cultura brasileira. Seus personagens tais como Bruno Stein, já se apresentam bastante adaptados à

⁹⁶ FERRAROTTI, 1990, p. 15-42. Ainda, em caráter ambíguo: “um poeta pode ensinar-nos mais a respeito da qualidade de uma época e das suas carências do que um exército de sociólogos. Por quê? Porque o poeta, o grande escritor, está diretamente ligado à consciência do problema, capta níveis mais profundos e menos transitórios, exprime tensões permanentes mais verdadeiras do que as informações de superfície, muitas vezes precisas e corretas, mas não necessariamente relevantes, podendo fornecer estatísticas, correlações e análises sociológicas mesmo quando são exatas e diligentes. Estas últimas são instrumentalmente insuficientes e incapazes de atingir o âmago do problema. Limitam-se a delinear, muitas vezes de forma louvável, sua forma exterior, sua sombra”. FERRAROTTI, 1990, p. 17.

⁹⁷ Além de Charles Kiefer, há, sobre a região de referência, obras importantes da autoria de Arno Ecke, inclusive já citada anteriormente. Estas obras são relevantes, pois contemplam aspectos da região entre as décadas de 1930 e 1970. Ecke foi professor e diretor da escola comunitária (Deutsche Evangelische Schule – escola evangélica alemã) de Belo Horizonte, atual município de Horizontina, na década de 1930. O mesmo professor e escritor teve atuação política na emancipação deste município e exerceu um mandato de vereador naquela cidade. Em suas obras, *No reino do agricultor* e *O encontro (dilema)*, é possível identificar as perspectivas políticas que o escritor transmite às personagens, assim como o ambiente rural de municípios como Horizontina, Três de Maio, Dr. Maurício Cardoso, Três Passos e Tenente Portela. Sua obra, no entanto, pouco trata da presença indígena na região.

⁹⁸ Sobre o autor e sua obra, ver: CHARLES KIEFER. Disponível em: <<http://www.charleskiefer.com.br>>. Vários acessos.

cultura gaúcha: tomam chimarrão e comem churrasco. Em *Quem faz gemer a terra*, narra a história de Mateus, cuja família perdeu suas terra e se juntou ao Movimento Sem Terra (MST).⁹⁹

Além da obras observadas por Mombach, também *O pêndulo do relógio*, do mesmo autor, retrata a vida e o suicídio do personagem, um pequeno agricultor, que não consegue quitar suas dívidas com o banco. Embora todas estas obras tratem do contexto rural, *Quem faz gemer a terra* e *Valsa para Bruno Stein* têm suma importância para esta pesquisa, uma vez que nestes romances constatam-se fatos coerentes com as pesquisas feitas sobre a região e com as mudanças agrícolas nela ocorridas envolvendo os descendentes de imigrantes alemães.

Quem faz gemer a terra trata, sobretudo, da narrativa que o personagem Mateus faz de seu passado, a partir da prisão. Esta narrativa é rica em detalhes da vida rural, conforme se observa na passagem em que são destacadas algumas mudanças histórico-sociais no campo:

Em casa, no começo, se plantava milho, arroz do seco, mandioca, batata-doce, feijão e cana-de-açúcar. Dia que eu mais gostava era dia de fazer melado. Eu levantava com o sol ainda dormindo, botava a junta de bois na canga, enganchava ela na corrente dependurada na roda da moenda e tocava a espremer as canas no moinho. [...] Um dia, o pai chegou da cidade com a idéia de plantar soja. “Agora vamos para frente”, ele disse. Na outra semana, derrubamos o resto de mato que havia na propriedade. Nem vendemos a madeira. O dono de uma serraria se encarregou de destocar a roça nova em troca das canafistulas, paus-d’arco, cedros, canjaranas e louros que as motosserras tinham derrubado. [...] Plantamos soja em toda a terra. Nesse tempo, meu pai não sabia nada de curva de nível, de conservação do solo, erosão, essas coisas. Com as chuvas, a roça ficou lavada, sem força. Tivemos de comprar adubo, calcário, semente selecionada. O pai emprestou dinheiro do banco, para pagar na safra. Quem podia imaginar que ia ser um ano de seca? [...] Daí vendemos a terra.¹⁰⁰

Com esta narrativa de Mateus, o autor destaca a realidade dos pequenos agricultores ludibriados pelo cultivo da soja e conseqüente desmatamento da área a ser cultivada. A erosão, consecutiva ao desmatamento, causou a dependência da família de Mateus ao comércio e ao sistema bancário em virtude dos gastos com fertilizantes. Esta dependência foi o motivo pelo qual o pai de Mateus vendeu a propriedade e uniu-se ao acampamento do Movimento dos Agricultores Sem Terra

⁹⁹ MOMBACH, 2008, p. 63.

¹⁰⁰ KIEFER, 1991, p. 31-33.

(MST). As mudanças, neste caso, podem ser identificadas com os projetos de desenvolvimento implantados pelo Governo Federal desde as décadas de 1940.¹⁰¹

A organização da colonização do Planalto Setentrional do Rio Grande do Sul previa a promoção da pequena propriedade¹⁰² que, em virtude da grande procura e da ocupação irregular no início do século XIX, baixou a média das áreas para menos de 25 hectares.¹⁰³ Após aberta a primeira *roça*¹⁰⁴ nestas propriedades, fazia-se o cultivo das culturas de subsistência: milho, arroz do seco, mandioca, batata-doce e feijão.¹⁰⁵ Já o cultivo da soja, o emprego de máquinas pesadas para o desmatamento, assim como o uso de calcário, adubos químicos e sementes selecionadas são indícios do processo denominado *Revolução Verde*, que contou com a promoção do Governo Federal e Estadual.

¹⁰¹ As associações de cunho étnico, mas também confessional, como o *Bauerverein* e o *Volksverein* que fomentaram o crédito, a formação de sindicatos representativos e de cooperativas de produtos passaram a ser controladas pelo Governo Federal já no início da década de 1930, conforme PUHL, Mario José. *A Cooperação e o desenvolvimento territorial rural*. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento, Gestão e Cidadania) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Gestão e Cidadania, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, 2006. p. 83-85.

¹⁰² “Em 1849, o Marechal d’Andrea elaborava um plano geral: um cinturão de colônias devia rodear a borda florestal do Planalto e propagar os benefícios da pequena propriedade”. ROCHE, 1969, p. 110. Ao processo de procura e deslocamento de agricultores das primeiras colônias para novas áreas, até mesmo para os estados de Santa Catarina, Paraná e Mato Grosso, o autor denomina “enxamegem”. ROCHE, 1969, p. 319-386.

¹⁰³ “A grande procura pelas terras do Médio Alto Uruguai, conforme se constata através da documentação existente na Inspetoria de Frederico, se deu na década de 40 e 50. Enquanto existiam terras devolutas e pouco intrusadas era possível demarcar lotes com uma média de 25 hectares e com acesso a águas e estradas, conforme prescrevia a Lei de 1900. Porém, com o passar do tempo isso se tornou quase impossível, conforme queixa-se Israel Farrapo Machado, em 23 de setembro de 1947, ao Diretor da Diretoria de Terras e Colonização: ‘Nas zonas ainda pouco intrusadas, aliás pequenas, é possível guardar -se o padrão de área de 25 hectares aproximadamente, atendendo-se às exigências regulamentares para que os lotes fiquem servidos de aguadas e caminhos’”. OLKOSKI, 2002, p. 78.

¹⁰⁴ Roche identifica a técnica agrícola tradicional da *Roça* (“de que tiraram o verbo ‘rosen’, preparar a terra dessa maneira”), com os processos de *derrubada*, *queimada*, *plantação* e *capina*. ROCHE, 1969, p. 286. Já em Kiefer, não há a *queimada*, mas o uso de máquinas e funcionários das cerrarias, que faziam o serviço de destoca da área em troca da madeira. No romance, observa-se que *no começo* havia o cultivo de culturas de subsistência e algumas comerciais, que não ocupavam toda a área da propriedade, ainda preservada em matas. Porém, o “*agora vamos para frente*”, uma expressão com sinônimo de progresso e desenvolvimento, marca uma mudança: o desmatamento em favor do cultivo comercial da soja (esta será considerada um dos produtos de substituição e concorrência com a banha, um subproduto da criação de porcos empreendida pelos colonos alemães).

¹⁰⁵ Em Roche, é possível identificar ainda a batata inglesa. No entanto, não aparecem a batata doce e o arroz seco. Para Roche, a cana-de-açúcar, assim como o fumo, são cultivares comerciais. Em Kiefer, isso também pode ser identificado, inclusive com o desempenho do trabalho da mulher: “a mãe se encarregava de fazer o melado. Ficava o dia inteiro ao redor do fogo, mexendo a guarapa com a colher de pau. No outro dia o pai carregava seis latas na aranha e se ia para Pau-d’Arco. Voltava com cortes de tecido, pimenta, lamparina, pó-de-arroz pras irmãs, pentes e espelhos para mim e o Pedro, um presentinho pra mãe, um chapéu novo para ele”. KIEFER, 1991, p. 32.

Sob o pretexto da explosão populacional e da fome no Terceiro Mundo, as fundações Rockefeller, Ford e Kellogg, com o suporte financeiro do Banco Mundial e da ONU [*Organização das Nações Unidas*], iniciaram uma revolução nas décadas de 40 e 50, com as variedades de milho e trigo no México [pelo *Centro Internacional de melhoramento de Mandioca e Trigo*, CIMMYT] e de arroz nas Filipinas e Índia [pelo *Instituto Internacional de pesquisas em Arroz*, IIRI]. Com a Revolução Verde consolida-se no mundo a agricultura industrial de base química. Apesar de ter contribuído para o aumento da produção de alimentos, a tecnologia revolucionária da Revolução Verde resultou em sérios problemas para a humanidade, como a substituição dos cultivares tradicionais e de seus ancestrais silvestres nos Centros de Origem, por variedades geneticamente uniformes, reduzindo, dessa maneira as fontes básicas para futuros melhoramentos, além de tornarem os agricultores dependentes de cultivares excessivamente caros e exigentes de insumos.¹⁰⁶

Mario Puhl identifica, a partir de pesquisas já realizadas, algumas medidas governamentais relacionadas à Revolução Verde no Rio Grande do Sul:

o Estado criou um conjunto de instrumentos capazes de operacionalizar a política agrícola e agrária, como empresas, associações, programas, políticas e bancos para dar concretude ao plano de modernização. [...] Exemplos dessas estruturas são: a) a EMBRAPA [Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuária], para realizar pesquisas e criar novas tecnologias de produção; b) um sistema de assistência técnica e extensão rural, dentre elas a ASCAR [Associação Sulina de Crédito e Assistência Social]; c) o Sistema Nacional de Crédito, com o objetivo de financiar projetos; d) política nacional de preços mínimos; e) o PROAGRO [Programa de Garantia da Atividade Agropecuária], com a finalidade de cobrir eventuais perdas; f) a Companhia Brasileira de Armazéns; g) o Banco Nacional de Crédito Cooperativo BNCC, e; h) a PORTOBRAS, visando à estrutura portuária, para as exportações e importações.¹⁰⁷

Estas medidas, no entanto, não conferem com a realidade do pequeno agricultor: a modernização e o *pacote tecnológico*¹⁰⁸ desta *revolução* eram inacessíveis à estrutura agrária da região; no entanto, quando era possível o acesso ao pacote, o agricultor torna-se refém de compromissos e dívidas antes desconhecidos e que, no caso do romance de Kiefer, conduziram à venda da propriedade.

Daí vendemos a terra. Ficamos sem nada nosso, mas pagamos o banco. Uma semana antes do pai entregar a terra pro dono novo, o Pedro veio com a história do acampamento que estava se formando pra diante de Pau d'Arco. 'Assim a gente tinha chance de ganhar um pedaço quando sair a reforma agrária', disse meu irmão. 'Melhor ir para a cidade, vamos é perder

¹⁰⁶ PASCHOAL, Adilson D. Patenteamento de sementes: uma lição da história. IN: LEWGOY, Flávio (Org.). *Política e meio ambiente*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986. p. 41.

¹⁰⁷ PUHL, 2006, p. 90.

¹⁰⁸ AGUIAR *apud* PUHL, 2006, p. 90.

tempo. Desde o governo do Getúlio que falam de em reforma agrária. Perto das eleições, falam ainda mais...’, disse o pai.¹⁰⁹

Consecutiva à defesa que os grupos indígenas exerceram sobre seus territórios, e a atuação de caboclos em forças de resistência para garantir seu modo de vida, a luta pela terra passa a ser expressa em movimentos como o Movimento dos Agricultores Sem Terra do Rio Grande do Sul (MASTER) – organizado desde 1960 a partir da mobilização de agricultores de *pêlo duro*¹¹⁰ e descendentes de colonos que desejavam a Reforma Agrária – e o MST.

A mobilização do MASTER¹¹¹ acontece poucos anos depois de serem colonizadas e organizadas as últimas áreas no Estado do Rio Grande do Sul, no final da década de 1940. Esta colonização do Planalto Setentrional apresentou irregularidades, principalmente nas colônias oficiais que adentravam os limites das terras indígenas e dificultavam o acesso, principalmente pelo custo da terra, aos caboclos.¹¹²

Na situação da família de Mateus, o êxodo para a cidade poderia ter sido uma alternativa. O crescimento de cidades como Santa Rosa, Ijuí, Erechim e Três Passos contou com o contingente significativo de agricultores que se encontravam na mesma situação da família de Mateus. Ressalte-se ainda que em virtude da situação fundiária da região (onde predominam, em número, as pequenas propriedades) os filhos dos pequenos agricultores buscavam as cidades na perspectiva de uma vida melhor. Esta também era a esperança dos caboclos, que foram sendo expulsos das áreas que antes ocupavam. O atrativo das cidades era o emprego nas indústrias, que previa ao trabalhador uma renda mensal fixa o que, em parte, foi uma ilusão em virtude da inflação.

¹⁰⁹ KIEFER, p. 33.

¹¹⁰ WAGNER, Carlos. *A saga do João Sem Terra*. Petrópolis: Vozes, 1989. p. 23. “A mobilização acontecia principalmente entre os chamados agricultores ‘pêlo duro’, que é designação usada para aqueles camponeses que não descendem de colonos alemães e italianos”.

¹¹¹ WAGNER, 1989, p. 21. “Um despacho do juiz de direito de Encruzilhada do Sul em 1960 deu ganho de causa para o fazendeiro Euclides Lance, de Pelotas, sob a extensão de 20 mil hectares que estavam sendo ocupados há mais de meio século por 600 camponeses, na localidade de Rincão dos Idelfonsos, no interior do município. [...] Os agricultores procuraram o prefeito da cidade, Milton Serres Rodrigues (PTB), para resolver o problema. Serres os aconselha a resistir à ordem judicial de despejo”.

¹¹² OLKOSKI, 2002, p. 13. Sobre a região do Médio Alto Uruguai: “a grande extensão da região a ser colonizada fez com que o processo de demarcação das terras fosse muito lento, sendo acelerado somente a partir de 1939. Por causa disso, a região vai ser povoada por posseiros e intrusos e, como consequência, muitos conflitos vão surgir”.

Com o processo de industrialização e aumento das cidades, o governo passou a preocupar-se com a matriz energética:

as empresas estatais Eletrosul e Eletrobrás estavam trabalhando, já há um tempo, na montagem de um projeto de construção de 25 barragens para usinas hidrelétricas na Bacia do Rio Uruguai. Pelo plano, seriam 22 entre os Estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina e três entre o Estado e a província de Misiones, na Argentina. No total (os números são previsões dos movimentos populares que apoiaram os colonos contra a feitura das barragens), 250 mil pessoas, 40% dos gaúchos e 60% de catarinenses, seriam atingidas nos dois Estados.¹¹³

Contra a efetivação destas hidrelétricas, surge em 1983 a Comissão de Barragens. Esta vai questionar os benefícios destas instalações, e defender os direitos de permanência dos agricultores, mantendo-os na região e impedindo a construção, ou ainda, esclarecendo-lhes o direito à indenização justa em caso de saída do local a ser inundado. Entre o grupo que fazia oposição à Comissão, estava a Cooperativa Triticola de Erechim Ltda. (COTREL), “que tinha reassentamento de colonos no norte do país”, e seria, portanto, beneficiada pela construção destas barragens.

Com a construção de algumas destas barragens,¹¹⁴ aumentou o efetivo e o apoio na luta pela terra e Reforma Agrária. Em contrapartida, o governo busca alternativas à assumida negativa da Reforma Agrária. Esta oposição à Reforma era promovida principalmente pela união dos latifundiários em organizações como a União Democrática Ruralista (UDR).

Uma das políticas suscitadas como forma de reação, uma vez que já fora apoiada por governos anteriores, foi a modernização da agricultura.¹¹⁵ Na obra de Kiefer, pode-se afirmar que a grande divergência entre a modernização da agricultura e a real necessidade de uma política agrária manifesta-se na seguinte passagem:

O avião veio voando baixo sobre o acampamento. Ele estava pulverizando uma plantação de soja e deixou o esguicho aberto. No começo pensei que era fumaça do motor, que o avião estava caindo, e só fui entender tudo quando meus olhos e a minha garganta pegaram fogo. [...] O

¹¹³ WAGNER, 1989, p. 77.

¹¹⁴ São as usinas de Itá e Machadinho.

¹¹⁵ A respeito do início desta modernização, ver as páginas 15 e 16.

acampamento virou um inferno. Todos gritavam, corriam sem saber onde se esconder.¹¹⁶

O uso agrícola do avião, o cultivo da soja em latifúndios e a aplicação de inseticidas caracterizam o processo de modernização da agricultura adotada pelos governos militares como uma das alternativas à Reforma Agrária defendida pelo MST. Junto à modernização, que não tinha a pretensão de alterar a estrutura fundiária do país, o governo favoreceu o processo de ocupação da fronteira florestal do norte do país através de investimentos feitos a partir da subvenção de impostos e da criação de empresas colonizadoras que pretendiam transferir os agricultores para estas novas áreas. Este é o caso da já mencionada COTREL.

No aspecto geral, esta obra de Kiefer é importante porque trata da mudança ambiental que ocorre na região de referência, da mudança da policultura de subsistência para a monocultura comercial, da realidade dos acampamentos do MST e de um fato específico, com respaldo para o período hodierno. No romance, o personagem Mateus retoma, por momentos, a mobilização do MST em Porto Alegre. Durante esta mobilização, ocorre um conflito com a Brigada Militar (BM). Neste conflito, Mateus mata um dos policiais. Tal narrativa remete a fato verídico: o conflito do dia 8 de agosto de 1990 entre MST e BM. A forma como foi morto o policial, supostamente com foice, difundiu-se pela mídia sem averiguação do laudo de necropsia.¹¹⁷

Em relação à outra obra de Kiefer, *Valsa para Bruno Stein*, Clarissa Mombach destaca a importância da mesma como expressão teuto-gaúcha na

¹¹⁶ KIEFER, 1991, p. 94.

¹¹⁷ Trata-se da construção de um *mito* que, hoje, é usado como argumento para a criminalizar a atuação dos movimentos sociais, sobretudo do MST no Estado do Rio Grande do Sul. Em entrevista realizada por Raquel Casiraghi à jornalista e doutora em Ciências Sociais, Débora Franco Lerer, observa-se a posição da última em relação aos fatos do conflito: “Entrevistei jornalistas da época e coloquei estas questões. As respostas foram inacreditáveis. Perguntei por que eles não olharam o laudo de necropsia e eles me responderam que não tinham se dado conta. Isso é uma grave falta jornalística. Os jornalistas têm consciência de que era uma informação relevante que não foi tocada e nem apurada. O editor da Revista Veja, na época, me falou que a reforma agrária tinha se tornado uma medida *discricionária* devido à derrota na Constituição de 88. Ou seja, tinha uma vontade de criminalizar sim o MST, que estava insistindo na questão da reforma agrária. [...] A batalha campal na Praça da Matriz e, principalmente, a tragédia na Esquina Democrática, são casos que chamam a atenção. E usar a ‘degola’, usar a figura da ‘foice’, foi um mote que ‘pegou’ no imaginário. A medida que entrevistei esses jornalistas, vi como se formou esse imaginário”. Fonte: *Agência Latinoamericana de Información*. Disponível em: <<http://alainet.org/active/25773&lang=es>>. Acesso em: 4 dez. 2009.

literatura e pontua, a partir deste romance, aspectos como a *língua*, o *preconceito interétnico e de gênero*, a *modernização da colônia e a religião*.¹¹⁸

O alemão e os dialetos usados pelos primeiros imigrantes ainda persistem em algumas regiões de colonização do Rio Grande do Sul, formando inclusive, um dialeto próprio: o *Riograndenser Hunsrückisch*, uma fala híbrida do dialeto Hunsrück com o português. Ao *germanismo* e ao *nacionalismo populista*,¹¹⁹ podem ser atribuídas as principais mudanças ocorridas na *fala* dos imigrantes alemães no século XIX.¹²⁰

Há, nesta obra, dois personagens que trabalham para Bruno Stein: Erandi, negro, e Gabriel, um mestiço de expressão indígena. Ambos são explorados por Bruno por não terem sua carteira de trabalho assinada; mas é Erandi quem mais sofre com o desprezo e preconceito do patrão: “o mulato, em apenas três semanas havia já consumido o salário, precisava cortar-lhe o vale ou reduzi-lo ao mínimo. Questão de raça, concluía. [...] era desregrado, impertinente e arrogante”.¹²¹

As personagens Verônica e Valéria, respectivamente neta e nora de Bruno, podem ser observadas como vítimas de preconceito de gênero: enquanto a primeira sai de casa para estudar e trabalhar sem a aprovação do pai e do avô a segunda, no passado, casou com o filho de Bruno para evitar o estigma de *solteirona* e as reclamações de seus pais que queriam que ela deixasse a casa. Enquanto que Valéria transgride as expectativas de seu papel na sociedade local (casar, cuidar da casa e dos filhos, ter ambições próprias), Verônica se autoquestiona pelo motivo do distanciamento que o sogro mantém em relação a ela: “a explicação que encontrara para o distanciamento do avô era o fato de ela ser uma mulher”.

Esta obra, *Valsa para Bruno Stein*, mantém relação com outra, mais recente: *Os ossos da noiva*. Em ambas estão em expressão as relações pessoais e

¹¹⁸ O destaque aqui será para a língua, o preconceito interétnico e de gênero. Os outros pontos merecerão destaque com o desenvolvimento da pesquisa, em outro capítulo da dissertação.

¹¹⁹ KIEFER, 1990, p. 17. “Mais difíceis haviam sido os anos da segunda grande guerra [...] pela perseguição política. Recordava com rancor um episódio daquela época: um desafeto, sabedor de que falavam alemão na intimidade, aproximou-se da residência acompanhado de um sargento getulista e puseram-se ambos a ouvir a conversa noturna da família. Precavido, Bruno abstinha-se de falar na língua de seus ancestrais, mas Olga, ingênua, por que tinha pouco contato com a língua portuguesa e porque recusava-se a crer que a lei estúpida pudesse vir a ser cumprida, incorreu no erro de falá-la. No mesmo instante a casa foi invadida, o sargento de arma em punho, gritando que estavam todos presos”.

¹²⁰ GERTZ, René. *O perigo alemão*. Porto Alegre: UFRGS, 1991. p. 38.

¹²¹ KIEFER, 1990, p. 22.

familiares, assim como a educação moral e religiosa da descendência teuto-brasileira, as quais persistem e/ou mudam diante da sociedade que, na região de referência, melhor se expressa no crescimento das cidades recentemente criadas.

Desta forma, o autor, em relação às suas obras, caracteriza a colonização e as mudanças na política agrícola e de desenvolvimento com aspectos trágicos: Mateus narra sua vida de agricultor sem terra a partir da prisão (*Quem faz gemer a terra*); o agricultor, que trabalhando muito, não consegue pagar as dívidas e se enforca (*O pêndulo do relógio*); a cidade, originalmente uma área indígena é colonizada por colonos europeus e, posteriormente, inundada em virtude da construção de uma barragem/hidrelétrica (*A face do Abismo*).

Este aspecto, da tragédia, é, no entanto, o aspecto que expressa fatos da realidade rural da região de referência. Kiefer é, nestes termos, uma referência literária, com importância histórica para a mesoregião noroeste do Rio Grande do Sul.

1.7 A síntese do processo de ocupação

Nesta seção, foi empreendida uma síntese sobre a ocupação humana na área que viria a tornar-se a RE-III no âmbito da IECLB em 1970. Descobriu-se, com a delimitação da *região de referência*, que a construção deste espaço, antes dominado por matas densas e florestas que cobriam as margens dos rios que confluíam no Uruguai, deu-se por indígenas, caboclos, portugueses e, posteriormente, por imigrantes alemães e italianos. Na *região de referência*, no limite sul, onde diminuía a frequência e a densidade da mata, os luso-brasileiros oriundos de São Paulo instalaram, ainda no século XIX, suas fazendas de gado que eram, junto com os ervais, alguns dos despojos das Missões Guaranis.

O caboclo, sujeito que tem merecido atenção em pesquisas recentes sobre a história regional, é, junto aos grupos indígenas, um dos prejudicados com a colonização do *Planalto Setentrional*¹²² do Rio Grande do Sul e oeste de Santa

¹²² A expressão é de Jean Roche para identificar o planalto que “inscreve-se no semicírculo que descrevem os Rios Pelotas-Uruguai e cujo diâmetro é traçado pela Serra Geral. Esse escarpamento arborizado dá-lhe limites particulares nítidos ao Sul. Se era bastante fácil atravessar os rios ao Norte e ao Oeste, era, em troca, difícil passar da Campanha para algum ponto do Planalto, como pela Coxilha Grande sobre Santa Maria, e mais difícil ainda, subir a êle da Depressão Central ou do Litoral. Os Gaúchos chamavam-no Região de Cima da Serra”. ROCHE, 1969, p. 40.

Catarina. Entre os ervais e o cultivo de subsistência, este sujeito histórico foi abrindo picadas e caminhos em busca das folhas e ramos para serem comercializados nas ervateiras próximas às cidades. No entanto, foram sendo expropriados e considerados como *intrusos* nas terras para a colonização: alguns deles integraram a *força do mato*, que, em conflitos com a *força do campo*, reivindicava o direito de posse da terra ocupada.¹²³

Sobre os luso-brasileiros, que ocuparam os limites da *região de referência*, foi constatada sua relação com as fazendas de gado, criadas por luso-brasileiros oriundos de São Paulo. Eles se identificavam com a política do governo do Estado no período da Primeira República, o que gerou conflitos localizados com os caboclos, a referida *força do mato*.

Enquanto os conflitos se estabeleciam sob diferentes aspectos, a partir do sul do Estado migravam famílias de colonos europeus ou descendentes rumo às matas do noroeste do Rio Grande do Sul e oeste de Santa Catarina. Estas matas, de acordo com os interesses do governo, foram destruídas não apenas pelos colonos, mas também por indígenas e caboclos. Estes, além de serem afastados das terras (o indígena, detentor original das terras, foi expulso e perseguido; o caboclo, sem assistência e conhecimento da forma de posse da terra, vendeu os direitos da mesma aos colonos) foram explorados na lide da derrubada recompensada com a troca de alimentos e, eventualmente, alguma remuneração.

Assim, através da História Ambiental e Agrária, observou-se que o processo de colonização ainda merece atenção na pesquisa, pois é fonte de informações históricas importantes. O aprofundamento destas perspectivas históricas pode revelar aspectos sócio-históricos importantes, como no caso dos caboclos, que cedo integram um grupo de pessoas sem a posse da terra e dos meios de produção, ou melhor, expropriados das terras que ocupavam.

Na sequência, as obras de Charles Kiefer foram tratadas como expressão de algumas características do contexto da *região de referência* em período mais

¹²³ Sobre as disputas ocorridas no antigo município de Palmeira: “as lutas armadas, no município, diferenciavam-se dos confrontos estaduais quanto à composição do grupo de oposição e, em consequência, quanto aos motivos que impulsionavam as lutas, relacionando-se a questões de terra e exclusão socioeconômica”. ARDENGHI, 2003, p. 18.

recente:¹²⁴ seus personagens principais são descendentes de alemães ou teuto-brasileiros que atuam nas mudanças agrícolas e, ao mesmo tempo, sofrem com as consequências destas mudanças, desencadeadas pela Revolução Verde.

Na obra *Quem faz gemer a terra*, foram identificadas as relações que envolvem os processos de desmatamento com o esgotamento das terras; a agricultura comercial e a oferta de crédito com o êxodo rural e a mobilização do MST pela Reforma Agrária. Também a industrialização, que necessita de uma matriz energética consistente, mantém relação com o projeto de instalação de hidrelétricas, uma vez que a construção de barragens mantém relação com a perspectiva, defendida pelo governo, da modernização agrícola enquanto *Reforma Agrária* sem interferência na estrutura fundiária. Ambas as realizações, construção de usinas e modernização agrícola-industrial, interessavam às empresas de colonização e ocupação do norte do país. Isso porque o contingente de agricultores sem terra e atingidos pelas inundações das barragens poderiam tornar-se compradores de lotes da colonização.

Através da obra *Valsa para Bruno Stein*, foram identificadas, com a ajuda de pesquisa feita por Clarisse Mombach, algumas características da construção e relação social dos descendentes de imigrantes alemães: a persistência no uso da língua alemã, dos dialetos e da criação de expressões híbridas com a língua portuguesa; as relações de gênero e etnia, em que são manifestos preconceitos que envolvem estrutura familiar patriarcal e a defesa de suposta superioridade étnica dos imigrantes e descendentes alemães.

Desta forma, ao identificar as mudanças agrícolas e ambientais, assim como a expressão da cultura teuto-gaúcha através de obras do escritor Charles Kiefer, caracterizaram-se mais alguns aspectos do contexto da *região de referência* em convergência com pesquisas da História Ambiental e Agrária.

Observa-se, por fim, que uma das consequências deste processo de ocupação, colonização e modernização da agricultura é a mobilização e organização daqueles que, ao longo do processo, foram despossuídos e enganados, e que passaram a viver num ambiente onde os recursos naturais que restaram foram e

¹²⁴ Refiro-me às obras *Valsa para Bruno Stein*, *Quem faz gemer a terra* e *O pêndulo do relógio*. A obra *A face do abismo*, apesar de tratar de fatos recentes, como a inundação de uma cidade em virtude da construção de uma barragem, resgata fatos num período de três gerações, ou seja, pouco mais de um século.

continuam sendo concentrados, explorados e destruídos a mando e em favor de poucas pessoas, algumas delas com o respaldo do governo. Assim, entre a resistência destes despossuídos, surge a organização e mobilização dos grupos indígenas, dos caboclos e dos colonos endividados, atingidos por barragens, ou oriundos das áreas indígenas que tiveram que ser desocupadas no final da década de 1970.

No âmbito destas mobilizações, atuaram agentes de partidos políticos, dirigentes sindicais e algumas lideranças eclesiais. Em relação às igrejas, estas mudanças foram sendo internalizadas por algumas delas, ou seja, trazidas para a pauta de discussões nas comunidades, o que gerou disputas em torno das questões e do seu envolvimento com as respectivas mudanças sócio-históricas. A reflexão e o envolvimento prático de algumas lideranças da IECLB, no âmbito destes movimentos e nas próprias comunidades, contribuíram para atenuar as dificuldades daqueles agricultores que, sendo pequenos proprietários, beiravam o êxodo rural, a participação no MST ou a mudança para as Novas Áreas.

Neste contexto, surgem os projetos do LACHARES e do CAPA que, compreendendo ser a modernização da agricultura também uma questão ecológica, difundiram o modelo de pequena propriedade sustentável, com ênfase no cultivo ecológico de alimentos.

2 A TEOLOGIA DA TERRA E DA ECOLOGIA NA CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA PAISAGEM

Em termos de questões ambientais e ecológicas que envolvem a migração de grupos humanos, ainda são necessárias pesquisas de aprofundamento para indicar em que proporção e medida as igrejas, ao atender seus membros que migram, ajudaram e ainda ajudam a mudar a paisagem no contexto geográfico em que se instalam e se estas mudanças ainda ocorrem às custas de intensa destruição dos recursos naturais.

Porém, este não é o caso que se tem em vista neste capítulo. Isto porque na área correspondente à então RE-III da IECLB não há mais terras disponíveis para a colonização desde a década de 1960. No entanto, nas décadas de 1970 e 1980 passa a emergir a disputa pela terra e ocorre intenso deslocamento de grupos humanos na região. Este processo ficou conhecido como êxodo rural, concomitante com a colonização que o Governo Federal incrementou em direção ao Norte e Noroeste do Brasil.

No caso específico que compreende à área da RE-III, onde o ser humano interferiu de forma a deixar menos de 5% da mata nativa, toda iniciativa que ajudou a fixar aqueles grupos humanos em sua terra e os auxiliou a recuperar e preservar a natureza, além de estimular a produção de alimentos sem dependência de crédito e outros produtos, pode ser considerada ecológica.

Após tratar das mudanças sócio-históricas da *região de referência* tratar-se-á de expor com mais detalhe o trabalho realizado por algumas pessoas vinculadas à IECLB e as iniciativas que afetaram estes lugares. Apesar de a colonização da região ter destruído quase tudo da cobertura vegetal que existia anteriormente, as pessoas passaram a amar este lugar e a cuidá-lo de diferentes formas. Haveria muito para narrar, mas dado o espaço e o tempo disponível para esta dissertação, foi preciso escolher apenas alguns fatos e destacá-los pela importância que adquiriram na construção de uma Nova Paisagem, ensejando experiências e reflexões que redundaram na elaboração de elementos de uma teologia da terra.

2.1 Contextualização histórica de um processo eclesial

O período dos governos ditatoriais interrompeu, com o golpe de 1964, o frutífero diálogo entre as Igrejas protestantes no país, que havia se valido do auxílio de economistas e sociólogos para compreender o processo de mudanças sociais ocorrido nas décadas precedentes.¹²⁵

Este espaço surgiu por iniciativa da Confederação Evangélica do Brasil (CEB). Criada em 1934, esta entidade de ecumenismo protestante “patrocinou eventos importantes no tange à problemática social”.¹²⁶ A Conferência do Nordeste (1962), com o tema “Cristo e o processo revolucionário brasileiro”, foi o último e mais importante destes eventos antes do golpe militar.¹²⁷ Nela, foram abordadas as injustiças sociais que afligiam a maior parte da população brasileira, destacando-se uma elaboração teológica crítica a este processo histórico-social como uma novidade no âmbito protestante.

No que tange à agricultura, o grupo rural desta conferência denunciou a existência de latifúndios antieconômicos e as implicações da dependência econômica externa em virtude da monocultura. Sugeriu que houvesse planejamento para atender ao crescimento urbano-industrial em virtude do êxodo rural e o incentivo à sindicalização rural e ao cooperativismo. Afirmou também a necessidade de uma reforma agrária planejada em que se deve “considerar a diversificação ecológica dos espaços territoriais e geo-econômicos”.¹²⁸

¹²⁵ Refere-se aqui ao importante trabalho desenvolvido pela Confederação Evangélica do Brasil, na qual a IECLB ingressa em 1959, cujo Departamento de Ação Social teve papel importante na elaboração de materiais de alfabetização de adultos e de ações sociais no âmbito de igrejas evangélicas. Foi esta mesma Confederação que organizou a importante Conferência do Nordeste, realizada no Recife em 1962 e que teve como tema “Cristo e o processo revolucionário brasileiro”. Talvez nunca o protestantismo da América Latina tenha chegado tão longe em suas opções sócio-políticas como nessa época. Cf. SCHÜNEMANN, Rolf. *Do gueto à participação: o surgimento da consciência sócio-política na IECLB entre 1960 e 1975*. São Leopoldo: Sinodal, 1992. p. 35-36. Cf. também para este período o livro do teólogo presbiteriano SHAULL, Richard. *As transformações profundas à luz de uma teologia evangélica*. Petrópolis: Vozes, 1967; também sobre a importância de Shaul para a teologia protestante crítica, cf. SHAULL, Richard. *De dentro do furacão*. Richard Shaul e os primórdios da teologia da libertação. São Paulo: Sagarana/CEDI/GLAI/Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, 1985.

¹²⁶ SCHÜNEMANN, 1992, p. 36.

¹²⁷ Os avanços no comprometimento evangélico com as mudanças sociais não eram compartilhadas por todos os integrantes da CEB, tanto que após o golpe integrantes da Confederação dirigirão nota de apoio ao novo governo.

¹²⁸ CEB. *Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro*. v. II, Conferência do Nordeste-IV Reunião de Estudos, Setor de Responsabilidade Social das Igrejas. CEB, 1962. p. 164. A respeito do Relatório, cf. p. 163-168. A respeito da plenária do Grupo, ver: CEB. *Cristo e o Processo*

O relatório deste grupo ainda recomenda ao Setor de Responsabilidade Social da Igreja a necessidade de estudos sobre a reforma agrária de forma a incluir aspectos tecnológicos e teológicos do problema.¹²⁹ Ousa-se afirmar que, mesmo sem identificar uma teologia específica, a recomendação aponta para a reflexão de uma Teologia da Terra já em 1962.¹³⁰ O que ocorreu, de fato, foi a desmobilização dos grupos mais ativos em virtude da pressão iniciada no ano seguinte pelas autoridades policiais do governo, que se agravou após o golpe militar, quando um setor conservador das Igrejas Evangélicas assumiu o controle da CEB, passando até mesmo a colaborar com o regime militar.¹³¹

Durante este período, a Federação Sinodal da Igreja Evangélica de Confissão Luterana esteve também ocupada com sua reorganização eclesial, que culminou em 1968 com a instituição da igreja nacional a partir da união dos quatro sínodos. Dois anos após a reestruturação, a IECLB foi escolhida como anfitriã da 5ª Assembléia Geral da Federação Luterana Mundial (FLM) a ser realizada em Porto Alegre/RS.¹³²

No entanto, em virtude das críticas ao regime militar, aquela importante assembléia do luteranismo mundial acabou sendo transferida para Evian, na França. A IECLB, desta forma, viu-se obrigada a posicionar-se em uma série de documentos e iniciativas que tinham em vista uma vivência de fé mais comprometida entre os membros das comunidades, e também a manifestação de sua responsabilidade cristã na sociedade.

Revolucionário Brasileiro. v. I, Conferência do Nordeste-IV Reunião de Estudos, Setor de Responsabilidade Social das Igrejas. CEB, 1962, p. 103-108.

¹²⁹ CEB, v. II, 1962, p. 168.

¹³⁰ Alguns anos depois, Clodovis Boff também constatava isso na atuação da Pastoral da Igreja Católica: “a ‘descoberta’ da ‘terra’ é um fato novo para a consciência eclesial. É a Igreja que despertou agora para este problema, que existia desde sempre. E é por isso também que somente agora que se sente a precisão de uma ‘teologia da terra’ que ‘fundamente e motive a atuação’ dos cristãos lavradores (cf. Boletim da CPT, 13, 1977, p. 4: ‘Linhas de ação da CPT’, decididas na I Assembléia Nacional da CPT, Goiânia, nov. 1977)”. BOFF, Clodovis. *Teologia da Terra: colocações de base*. [s.l.: s.n.], 197[8?]. Este escrito de Clodovis Boff é, segundo Alfredo Ferro Medina, do ano de 1978. MEDINA, 1991, p. 26.

¹³¹ BITTENCOURT FILHO, José. *Matriz religiosa brasileira: religiosidade e mudança social*. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Koinonia, 2003. p. 129-145. Nesta parte, o autor explica este momento da história protestante no Brasil como a “idade das trevas” (p. 137).

¹³² Sobre um histórico breve da IECLB ver: FISCHER, Joachim. A presença Luterana. *Presença Luterana: uma coletânea de informações sobre a vivência dos Evangélicos Luteranos no Brasil*. São Leopoldo: Sinodal, 1970. p. 8-18. A respeito da realização da 5ª Assembléia da FLM, ver: SCHÜNEMANN, 1992, p. 81-95.

Em documentos como *O Manifesto de Curitiba*¹³³ (1970) e *Nossa Responsabilidade Social*¹³⁴ (1975), ficou explícita a preocupação da IECLB com seu testemunho de fé numa sociedade marcada por profundas mudanças e desigualdades e governada por um regime militar. Nestes documentos, expressou-se a defesa dos Direitos Humanos, a crítica às injustiças sociais, ainda que de forma muito moderada, e um forte apelo ao compromisso social dos cristãos.

Embora nestes documentos não se possa encontrar a preocupação ecológica que neste período começava a ecoar no mundo, e mesmo porque este não era o objetivo dos documentos, há alguns pontos interessantes, embora controvertidos no documento *Nossa Responsabilidade Social* (1975):

Como cristãos confessamos que a vida é uma dádiva de Deus. Tudo o que somos, e tudo o que temos dele provêm: Nossas capacidades técnicas e intelectuais, a natureza e o mundo. A responsabilidade pelo uso disto devemos-la ao próprio Deus doador (Gn 1.26-28).¹³⁵

O referido documento ainda condena o consumismo esbanjador (Ex 20.8-11) e considera a destruição da natureza como consequência das distorções sociais produzidas pelo processo político-econômico de desenvolvimento.

Por isso também hoje não conseguimos ver Deus no progresso, mas sim naqueles que são por ele triturados; não no poder, mas naqueles que são por ele abatidos; não no dinheiro, mas naqueles que não tem como comprar o elementar para suas vidas (Mc 8.34-38)

Em relação à agricultura, este documento critica o processo de desenvolvimento que não leva em conta uma política de mudança na estrutura fundiária do país e mantém quase a metade das terras cultiváveis na mão de poucos proprietários. Isso tem “impedido aos que querem trabalhar na agricultura de terem uma propriedade com tamanho adequado para obterem, com seu uso, um sustento honesto”.¹³⁶

No entanto, não fica claro o posicionamento a respeito do modelo de desenvolvimento e da destruição da natureza, pois

¹³³ BURGER, 1977, p. 37-41.

¹³⁴ BURGER, 1977, p. 43-49.

¹³⁵ BURGER, 1977, p. 43.

¹³⁶ BURGER, 1977, p. 46.

Deus pôs recursos da natureza à disposição de todos. Assim, convidou o homem para com sua tecnologia dominar a natureza e pôr os recursos gerados a serviço de todos. Contudo, constatamos em nosso país que tal princípio não se verifica. Os frutos de nosso processo de desenvolvimento – embora tenham levado alguns benefícios às classes sociais menos favorecidas – tendem a concentrar-se nas mãos de minorias privilegiadas, acentuando-se tal tendência na última década.¹³⁷

Procede-se neste documento a uma crítica construtiva ao modelo de desenvolvimento no sentido de uma reforma que continue a levar em conta a relação de domínio da natureza pelo ser humano, fundamentada na passagem de Gn 1.26, e com ênfase na leitura *literal* deste texto bíblico. A natureza é considerada como *útil* ao desenvolvimento do ser humano e de sua liberdade, e não parte integrante e que também se desenvolve, o que exigiria uma relação mais protecionista em relação à natureza.¹³⁸

Porém, nos anos seguintes, pode-se perceber que esta consciência ecológica incipiente começa a assumir contornos mais nítidos. É o que pretende-se demonstrar no que segue.

Em 1982, a IECLB se mobilizava com o importante e não menos polêmico tema do ano *Terra de Deus, terra para todos*. A caminhada que precede o referido tema vem de longa data. Para o pastor Harald Malschitzky, o envolvimento de alguns pastores da IECLB junto à Comissão Pastoral da Terra (CPT) em colaboração com os colonos atingidos pela represa Itaipu e as denúncias de injustiças contra o homem do campo ajudaram a preparar o tema.¹³⁹ Também o

¹³⁷ BURGER, p. 46.

¹³⁸ Observa-se que na história do movimento ambientalista a década de 1970 é marcada pela “polêmica entre os desenvolvimentistas e os conservacionistas”. Os desenvolvimentistas, que contavam com o aparato do Estado, “obtem conquistas maciças e aparentemente definitivas”, mas não sem críticas e avanços dos conservacionistas. José Lutzenberger, por exemplo, vai denunciar que “o ‘progresso’ do homem moderno não é senão uma orgia de consumo acelerado de capital” e que os critérios para medir tal progresso não levam em conta a destruição da natureza. Lutzenberger referia-se ao Produto Nacional Bruto (PNB) calculado para obter o índice de progresso, e que não considerava a destruição da natureza como uma forma de descapitalização e exploração. Cf. LUTZENBERGER, José. *Fim do Futuro? Manifesto Ecológico Brasileiro*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1978. p. 14-15.

¹³⁹ Malschitzky explica por que IECLB escolheu o tema da terra. *Jornal Evangélico*, ano 96, n. 7, abr.1982, página central. No relato, o referido pastor Malschitzky destaca apenas a atuação do Pastor Werner Fuchs. Outros pastores, no entanto, também tiveram atuação importante na CPT, como Gernote Kirinus, que ajudou na criação da CPT do Paraná em 1976. Sobre este pastor e sua atuação na CPT, ver KIRINUS, Gernote. *Entre a cruz e a política*. [s.l.]: Beija-flor, [s.d.].

anúncio do governo a respeito da construção de novas barragens no Rio Uruguai e da implantação da nova lei de usucapião¹⁴⁰ motivaram ainda mais esta mobilização.

A emergência do tema prefigura a atuação e a reflexão destas questões na segunda metade da década de 1970. Já se tratou a respeito dos dois documentos, o *Manifesto de Curitiba* e *Nossa Responsabilidade Social*, que são da primeira metade da década. No ano de 1976, um grupo de pastores criou o Serviço de Informação Pastoral (SIP),¹⁴¹ periódico que passou a editar e distribuir uma revista bimestral entre o quadro de obreiros e os estudantes de teologia da IECLB em fase de conclusão do curso.

Esta revista, sem vínculo à estrutura eclesial e mantida pelos seus leitores, foi criada com o objetivo de difundir artigos, documentos e estudos resultantes das atividades eclesiais e do envolvimento dos ministros da IECLB em atuação ecumênica e extra-eclesial. A iniciativa permitiu que se difundisse também a reflexão sobre a situação agrária e a responsabilidade da Igreja frente a ela.

Até o ano de 1981, ano em que se decidiu o tema de 1982, o SIP foi o porta-voz no aprofundamento das reflexões a respeito dos principais problemas que envolviam a sociedade e a questão agrária: tratou das causas e origem da violência no campo em relação aos pequenos agricultores e sem terra, assim como das investidas sobre os grupos indígenas que permaneciam, desde a descoberta do Brasil, vítimas do processo de ocupação e invasão de suas áreas. No século XX, este processo se deu mesmo após a criação do Serviço de Proteção aos Índios (SPI), em 1910, cuja finalidade era proteger os povos indígenas conforme a ideologia do Marechal Rondon. Mais tarde, o SPI foi sucedido pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI), criada em 1967, após graves denúncias de

¹⁴⁰ Trata-se da Lei n. 6.969, de 10 de dezembro de 1981, que, em seu primeiro artigo, destaca que “todo aquele que, não sendo proprietário rural nem urbano, possuir como sua, por 5 (cinco) anos ininterruptos, sem oposição, área rural contínua, não excedente de 25 (vinte e cinco) hectares, e a houver tornado produtiva com seu trabalho e nela tiver sua morada, adquirir-lhe-á o domínio, independentemente de justo título e boa-fé, podendo requerer ao juiz que assim o declare por sentença, a qual servirá de título para transcrição no Registro de Imóveis”.

¹⁴¹ Órgão de Comunicação dos Pastores da IECLB que publicava e distribuía, através de uma revista, artigos dos próprios pastores, além de reproduzir artigos já publicados em outras revistas e bibliografias. Para Schünemann, o SIP recebeu apoio do *Grupo de Curitiba*, um grupo de pastores que fomentou o envolvimento da IECLB na realidade sócio-política e a formulação dos seus posicionamentos na primeira parte da década de 1970. O nome do grupo está relacionado ao fato de se reunirem desde 1973 em Curitiba/PR. SCHÜNEMANN, 1992, p. 109-110.

irregularidades no órgão anterior. Porém, a invasão das terras e a discriminação contra os indígenas não diminuiram, infelizmente.

A reflexão teológica passou a abordar temas sócio-políticos como a atuação da *Comissão Trilateral* que permitiu o avanço do capital e de empresas estrangeiras no país com o apoio do governo nacional. Foi sendo identificado que a manutenção da estrutura fundiária e o crédito para a modernização da agricultura de exportação permitiram a importação da tecnologia de máquinas e produtos químicos e esta mudança estava diretamente associada a fatos como a expulsão dos trabalhadores do campo e êxodo rural, aumento na concentração e disputas pela posse das terras assim como a industrialização, processo que exigia a ampliação do setor energético.

O aprofundamento das reflexões a partir dos fatos observados na atuação pastoral passou a apontar para o total desamparo dos pequenos agricultores e sem-terra. Nos sindicatos e cooperativas, o *peleguismo*, termo que designa as atitudes de líderes sindicais ou de cooperativas que não correspondem aos interesses de sua classe ou associados, consistia um problema desde o período da intervenção do governo nas associações de classe e civis. Com esta constatação, passa-se a promover a participação e a direção democrática dos agricultores nestes âmbitos da sociedade. Surgem as oposições sindicais e vários pastores da IECLB se tornaram apoiadores dessas oposições.

A questão indígena, que envolveu a IECLB através de seus membros, obreiros e missionários, também foi destaque no SIP. Em 1976, foi publicado um artigo, resultado da reunião entre professores e estudantes da Faculdade de Teologia. Nele, alertava-se a IECLB para a falta de critérios em sua atuação na Missão Guarita (Tenente Portela/RS) e nas Novas Áreas de Colonização, assim como no convênio que a instituição mantinha com a FUNAI.¹⁴²

Especificamente na RE-III surgiu um conflito que envolveu agricultores e grupos indígenas na região do Posto Indígena Guarita.¹⁴³ Os agricultores, alguns deles membros da IECLB, que ocuparam as terras indígenas em acordo com a liderança do SPI e a FUNAI, foram expulsos da área em 1978.

¹⁴² Questionamento à IECLB. *Serviço de Informação Pastoral*, n. 3, jan. 1977, p. 14

¹⁴³ A respeito da trajetória de atuação da IECLB no Toldo Guarita, ver ALTMANN, 2009, p. 71-73.

Antes mesmo dessa expulsão, prevista em lei, foram assediados pela Cooperativa de Colonização 31 de Março Ltda. (Coopercol), criada em 1971¹⁴⁴ sob a liderança do Pastor Norberto Schwantes. Naquele ano, a Cooperativa foi registrada no INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) e contou, desde então, com investimentos do Governo no programa de colonização no Mato Grosso. Para este Estado, deslocaram-se alguns dos colonos expulsos de Nonoai.

No entanto, um documento expedido em 1978 pelo secretário de Missão da IECLB, Pastor Friedrich Gierus,¹⁴⁵ tratou da questão de forma ampla e propositiva: apoiava a necessidade da saída dos colonos¹⁴⁶ para liberação das terras indígenas em garantia de seus direitos e exigia a implementação da Reforma Agrária com a instalação dos colonos em áreas do próprio Estado, em cumprimento da Lei do Estatuto da Terra de 1964.

Observa-se que o aprofundamento na reflexão sócio-política da realidade ajudou as lideranças da IECLB a posicionarem-se e avançar na questão indígena e no apoio aos colonos sem terra. Nesta caminhada, está a criação do COMIN (Conselho de Missão entre Índios) e o apoio aos colonos sem terra acampados em Encruzilhada Natalino. Algumas das famílias de Encruzilhada Natalino foram transferidas para Nova Ronda Alta em 1982, numa área que a Igreja Católica comprou após tentativas frustradas de assentar as famílias na Fazenda Anoni.¹⁴⁷ Esta atuação ecumênica de ordem social com a Igreja Católica Romana marca também a caminhada que culminou no lema do ano de 1982.

No âmbito administrativo da RE-III, sempre ocorreram motivações para a atuação da igreja junto aos seus membros agricultores. Especificamente em Linha

¹⁴⁴ SCHWANTES, Norberto. *Uma cruz em Terranova*. São Paulo: Scritta Oficina Editorial, 1989. p. 74.

¹⁴⁵ GIERUS, Friedrich. Informações para reflexão e tomada de posição. *Serviço de Informação Pastoral*, n. 9, jun. 1978, p. 10-12. Trata-se de um posicionamento em relação aos fatos, dirigido ao Conselho Diretor da IECLB.

¹⁴⁶ Sobre a situação, Argemiro Pereira, ex-funcionário da Inspetoria ao Fiscal do Toldo Nonoai em entrevista à Wilson Olkoski observa: “a vinda da FUNAI, muitos anos depois, arrendou área para 300 famílias de agricultores brancos [...]. Encontramos 360 contratos feitos pela FUNAI, com agricultores brancos [...] quando foi feito um levantamento estatístico em 1975, já tinha 1.300 famílias de agricultores brancos e 130 de famílias indígenas. Observa-se que somente 10% destas famílias eram de índios, mais eram de brancos”, cf. OLKOSKI, 2002, p. 93.

¹⁴⁷ Em busca de uma solução doméstica. *Jornal Evangélico*, ano 96, n. 4, 2ª quin. jan. 1982, p. 9. A IECLB participou, através do presidente Augusto Ernesto Kunert, do diálogo do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs com o presidente do INCRA, Paulo Yokota. A política agrícola foi o principal empecilho para as propostas do CONIC não serem atendidas. Uma das propostas previa o assentamento das famílias na Fazenda Anoni, em lotes de 14ha por família, o que não foi aceito pelo INCRA. Assim, a Igreja Católica, junto a outras igrejas como a IECLB, comprou uma área em Nova Ronda Alta para assentar as famílias e trabalhar em forma de cooperativa.

Abrantes, Paróquia Guarani, os membros da comunidade aprendiam as técnicas modernas de adubação nas terras da comunidade. O trabalho comunitário no cultivo da soja e do trigo era necessário para a autossuficiência da comunidade. Na época, o pastor Arteno Spellmeier afirmava que este espaço permitiria a aprendizagem do “moderno sistema de conservar as terras e colher mais, visto a terra da comunidade ser plantada com adubo e, de agora em diante, com os demais corretivos”.¹⁴⁸

O modelo de Linha Abrantes também foi destacado em uma reunião da Comissão de Promoção Rural Evangélica. Esta comissão foi criada a partir de moção aprovada no Primeiro Concílio da RE-III, que criou a Promoção Evangélica Rural (PER) com três objetivos principais:

- 1) Reunir e difundir todos os empreendimentos locais que promovam a elevação do elemento rural;
- 2) Estudar as possibilidades legais dados pelo Governo da Nação, servir de intermediário entre os órgãos nacionais e internacionais, difundir-las e mostrar as vias de aproveitamento;
- 3) Procurar formar a consciência do cristão no meio rural, que a sua fé se concretize no dia-a-dia de sua vida profissional, sentindo-se mordomo responsável dos bens a ele confiados.¹⁴⁹

Naquele mesmo Concílio, foi enviado ao Presidente da República um ‘fonograma’ a respeito do Decreto Lei do Ministro Jarbas Passarinho que pretendia enquadrar em uma única e mesma associação sindical o proprietário rural sem empregado e o empregador rural.¹⁵⁰

Na primeira reunião desta comissão da PER, em 10 de dezembro de 1969, é possível constatar que o ponto 2 dos objetivos prevaleceu sobre os outros:

Foram apresentados relatórios sobre a situação nos Distritos. A impressão geral foi de que há meios suficientes de assistência técnica e de créditos à disposição dos agricultores. Constatou-se em geral, a falta de disposição dos agricultores de se utilizarem destes meios. O motivo seria a falta de confiança e o arraigamento dos velhos hábitos de cultivo e de vida. Caberia à IECLB, através de seus diversos agentes no meio rural, apoiar a ação de

¹⁴⁸ Presença Luterana, 1969, p. 16.

¹⁴⁹ *Ação Missionária Hoje*. I Concílio da 3ª Região Eclesiástica da IECLB. Panambi, 1969. p. 15. A moção ainda observa que já há iniciativas nas paróquias. Sobre algumas iniciativas como a atuação da Academia Evangélica e dos estágios de jovens na República Federal da Alemanha ou Suíça, promovida pela Legião Evangélica e Liga Popular Católica, cf. DRESSEL, Heinz. *A Igreja Evangélica face ao desafio brasileiro*. In: *Ensaios Luteranos: dos primórdios aos tempos atuais do luteranismo no Brasil*. São Leopoldo: Sinodal, 1986. p. 22.

¹⁵⁰ Trata-se de um Projeto de Decreto-Lei, encaminhado pelo Ministro Jarbas Passarinho em 18 de agosto de 1969. Por se tratar de um Projeto, não foi possível resgatar o conteúdo do mesmo.

quantos se dedicam à assistência rural, tanto a serviço de órgãos oficiais, particulares ou associações de classe.¹⁵¹

Com esta decisão sem perspectiva crítica, em que se incentivava o agricultor a recorrer a créditos e a fazer uso das modernas técnicas de produção, a IECLB passou a identificar-se com o processo agrícola que aumentou as diferenças sociais e a produção monocultora. No entanto, na mesma reunião, enfatizou-se ainda que se devesse estimular o estágio de jovens agricultores na Alemanha, “amparando-os na sua volta, para que tenham bom ambiente de trabalho”.¹⁵² Com isso, encaminhava-se também o processo de formação daquele que viria a ser o primeiro técnico do CAPA, o agrônomo Hélio Musskopf.

Conforme observado anteriormente, a década de 1970 foi caracterizada pela intensa movimentação dos membros da igreja provocada pelo êxodo rural e a busca de alternativas nas Novas Áreas de Colonização no Norte e Noroeste do Brasil. O projeto de Reforma Agrária do Estatuto da Terra de 1964 foi sendo regulamentado de forma a não alterar a estrutura fundiária, mas expandir a ocupação agrícola em áreas onde, na verdade, já viviam grupos indígenas, caboclos e ribeirinhos.¹⁵³ Os projetos como o de Terranova, da Cooperativa 31 de Março (Coopercol), no entanto, não lograram muito êxito: aproximadamente 50% dos agricultores retornaram ao Rio Grande do Sul para integrar o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.¹⁵⁴

Não por acaso também neste período surgem personalidades no ministério eclesiástico da IECLB que passam a destacar em sua teologia uma leitura crítica do processo de desenvolvimento político-econômico que excluiu a maior parte da população rural.

¹⁵¹ Arquivo Histórico da IECLB-EST. RE III, pasta 2/4. RE. Relatório da Promoção Rural Evangélica. 24, jun, 1970. (conforme original)

¹⁵² Arquivo Histórico da IECLB-EST. RE III, pasta 2/4. RE. Relatório da Promoção Rural Evangélica. 24, jun, 1970. Não se trata de uma iniciativa nova, mas já conhecida e fomentada anos anteriores pela Legião Evangélica e Liga Popular Católica.

¹⁵³ A respeito da relação entre posseiros, indígenas, fazendeiros e colonizadores ver MARTINS, José de Souza. *Os camponeses e a política no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1983. Destaca-se que o segundo capítulo desta obra traz uma síntese dos conflitos que envolvem a posse de terras nas Novas Áreas de Colonização.

¹⁵⁴ A respeito da Colonização das Novas Áreas com agricultores do Rio Grande do Sul e a importância da participação daqueles que retornaram ao Estado ver SANTOS, José Vicente Tavares. A gestação da recusa: o ‘colono retornado’ dos Projetos de colonização da Amazônia. IN: SANTOS, José Vicente Tavares. *Revoluções Camponesas na América Latina*. São Paulo: Ícone, 1985. p. 167-185.

O comprometimento e atuação nos movimentos sociais no âmbito rural e o apoio às iniciativas que promoviam a autonomia e independência do pequeno agricultor eram identificadas nos escritos e manifestações destas personalidades. O Lar da Cultura e Harmonia de Assistência e Reintegração Social (LACHARES), criado a partir da atuação do pastor Silvino Schneider, e o Centro de Aconselhamento ao Migrante (CAMI), criado em decorrência de decisão tomada no 8º Concílio Geral da IECLB, em 1972, foram algumas das iniciativas desse processo. O Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor (CAPA) surge apenas em 1978, com alterações e substituição ao Projeto do CAMI, mas sendo um herdeiro daquelas iniciativas pioneiras. O CAPA, a partir de uma maior organização técnica e melhor estruturação financeira, terá um impacto mais efetivo junto às famílias de pequenos agricultores, elaborando um método de trabalho que, ao longo do tempo, foi se aperfeiçoando e comprovando como uma alternativa à grande propriedade e à monocultura.¹⁵⁵

Segundo o relato do Pastor Regional Edmundo Grüber,¹⁵⁶ em virtude da incumbência do 8º Concílio Geral da IECLB (1972), foi criado o Departamento de Migração e, no âmbito da RE-III, foi criado o CAMI com o objetivo de orientar, assistir e coordenar os migrantes que buscavam as cidades e as novas áreas de colonização.

Devido à escassez de recursos financeiros, o projeto foi encaminhado pelo Serviço de Projetos Especiais da IECLB e pela FLM à agência eclesial alemã de apoio ao desenvolvimento *Pão para o Mundo*. Aprovada a concessão de recursos, uma reunião entre os pastores distritais e o Conselho Regional nos dias 12 e 13 de dezembro de 1977 decidiu pela execução do projeto, desde que vinculado ao

¹⁵⁵ “No fim da década de 1970 e nos anos 80, os efeitos negativos do modelo de desenvolvimento da agricultura brasileira eram evidentes. Houve concentração de terras, degradação do meio ambiente e aumento das diferenças sociais no campo”. BUCHWEITZ, Suzanne. *O tempo compartilhado: 25 anos do CAPA*. Porto Alegre: Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor, 2003. p. 136. Da mesma forma, Tarcísio Vanderlinde observa: “A organização [do CAPA] objetiva principalmente promover a união do agricultores familiares, visando à diversificação da produção e à comercialização, além de desenvolver tecnologias viáveis, preservando o meio ambiente”. VANDERLINDE, Tarcísio. *Estratégias de vida: agricultura familiar e formas associativas: um estudo de caso – CAPA – Núcleo Oeste*. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2002. 148f. Também, sobre a importância do CAPA ver: VANDERLINDE, Tarcísio. *Entre dois reinos: a inserção luterana entre os pequenos agricultores no sul do Brasil*. Cascavel: Edunioeste, 2006. 287p.

¹⁵⁶ *Deus criou o homem à sua imagem*. Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, VI Concílio Regional da III Região Eclesiástica, 1979. p. 5-6.

Departamento de Migração ou à Secretaria Geral da IECLB. O CAMI, portanto, é o predecessor do CAPA.

Os estudos evoluíram e a Secretaria da Missão foi incumbida de organizar o Centro que passou a chamar-se 'Centro de Aconselhamento ao Pequeno Agricultor' (CAPA), para evidenciar claramente a quem visa servir. Para coordenar o CAPA foi contratado o sr. Hélio L. Musskopf, técnico agrícola, com larga experiência no aconselhamento de agricultores.¹⁵⁷

O CAPA nasceu “com o objetivo claro de não dar peixe para ninguém, mas de ‘ensinar a pescar’, para não acostumar mal’.¹⁵⁸ A expressão popular destaca que a assistência do Centro tinha por objetivo criar condições para a autonomia dos agricultores. Uma autonomia conquistada com o acompanhamento e difusão de técnicas de cuidado do solo e da natureza. Estas técnicas visavam, também, fixar o agricultor no campo. O apelo “NÃO LARGEM A VOSSA TERRA, porque aí vocês podem produzir a carne, o leite, ovos, feijão, mandioca, arroz, batatinha, milho, batata doce, frutas e verduras... para terem mesa farta”¹⁵⁹ reforça a atuação do CAPA na amenização do êxodo rural e da migração para as Novas Áreas, destacando-se a ênfase na diversificação da produção.

O outro Projeto, o LACHARES, já existia desde 1976 e foi criado com o apoio da Comunidade Evangélica da IECLB da Paróquia de Taquaras-SC, e de membros de outras confissões.¹⁶⁰ Em virtude da amplitude de sua divulgação no Jornal Evangélico, o seu idealizador, pastor Silvino Schneider, foi reconhecido como referencial ecológico durante o VI Concílio Regional da RE-III, em 1979.

2.2 Os inícios de uma Teologia da Terra

A “necessidade da teologia se estender à terra e a tudo que a ela se relaciona”¹⁶¹ foi sendo compreendida pela igreja durante a década de 1970. Na

¹⁵⁷ *Deus criou o homem à sua imagem*. 1979, p. 6

¹⁵⁸ Editorial. *Nova Paisagem*, n. 1, dez. 1979, p. 3.

¹⁵⁹ Editorial. *Nova Paisagem*, n. 1, dez. 1979, p. 3. Citado conforme o original.

¹⁶⁰ *Nova Paisagem*, n. 10, jun./jul. 1981, p. 2. Desde a criação do Lachares, destaca-se um ecumenismo com base na atuação social, uma vez que “os primeiros dois hectares foram doados por um católico e por um evangélico”. Anteriormente em 1979 o pastor Silvino Schneider destacou que o Lachares fora constituído como uma “sociedade civil [...] Nesse projeto não haverá distinção religiosa, racial, político-partidária, nem de nacionalidade, cor, sexo e idade, conforme os estatutos da sociedade civil”. Em Taquaras incentiva-se a agricultura biológica. *Jornal Evangélico*, ano 93, 1ª quinz. 1979. p. 4.

¹⁶¹ Expressão usada por SCHNEIDER, Silvino. Teologia da Terra. *Jornal Evangélico*, ano 94, 1ª quinz. 1980. p. 8.

medida em que esta reflexão teológica era assumida pela igreja, também surgiram, através da atuação de base entre obreiros e membros das comunidades, projetos alternativos ao modelo de desenvolvimento agrícola do governo.

Alguns destes projetos foram sendo reconhecidos pela sua importância social e ecológica e por trazerem, subjacentes às atividades, uma Teologia da Terra com ênfase ecológica. Este processo será apresentado a seguir, e culminará com a apresentação de alguns elementos de uma Teologia da Ecologia.

2.2.1 O Lachares: uma proposta alternativa na IECLB

O termo *ecologia* era pouco ou totalmente desconhecido no contexto rural da RE-III até o início da década de 1970. Até mesmo entre os ministros e ministras da IECLB que atuavam nessa região o termo passou a ser destacado apenas em fins daquela década e no decorrer de 1980. Entretanto, na história dos Concílios da RE-III, merece destaque o VI Concílio, realizado em Horizontina/RS, em 1979, com o tema *Deus criou o homem a sua imagem* (Gn 1.27). Uma observação atenta dos documentos desse Concílio permite afirmar que o tema ecologia e meio ambiente foi intensamente discutido. Isto possivelmente representou uma novidade no contexto das preocupações da igreja.

A respeito das atividades temáticas dos conciliares é importante mencionar aqui que os temas *ecologia* e *meio ambiente* foram tratados com maior profundidade teológica através da exposição de teses apresentadas pelos pastores Engelberto Bender, Wilfrid Buchweitz e Milton Schwantes. As teses focalizaram a interpretação da expressão *imagem de Deus* (Gn 1.27), enquanto os conceitos *meio ambiente* e *natureza* foram mais expressivos que propriamente o termo *ecologia*. Dos seis grupos de participantes que se reuniram para tratar das teses e manifestar formas de atuação ecológica, dois deles trataram a respeito da atuação do pastor Silvino Schneider em Taquaras/SC:

A Comunidade, ou seja, o Pastor e membros deveriam fazer uso e publicar os exemplos do Pastor Schneider de Taquaras-SC, publicada no Jornal Evangélico e também deveriam apoiar os que defendem o meio ambiente por serem considerados muitas vezes utópicos e doidos.¹⁶²

¹⁶² Cf. p. 26-27. Observação do grupo 1.

[...] Mais um exemplo: Trabalho do P. Silvio (sic) Schneider, da Paróquia de Taquaras-SC.¹⁶³

Observo que, em resposta às teses dos Pastores sobre *a imagem de Deus*, estes grupos, compostos por pastores e membros das comunidades, apontaram as atividades do LACHARES como *ecológicas*. As atividades deste Lar tinham se tornado conhecidas através de artigos do *Jornal Evangélico*.

Foi no contexto deste Lar, junto com a atuação da esposa, que o P. Silvino Schneider desenvolveu o que ele denominou *Teologia da Terra* com perspectiva *ecológica*. Pode-se afirmar que provavelmente este pastor tenha sido um dos primeiros a trabalhar o tema não só no âmbito da IECLB, mas talvez até mesmo no contexto latino-americano.¹⁶⁴

O Lachares já foi objeto de estudo em dissertação defendida por Edson Walmor Wuerges, sob o título “Empoderamento e conflitos em experiências de planejamento e ações de desenvolvimento”¹⁶⁵. Este mestre em Agroecossistemas afirma que o Lar foi uma proposta avançada para a época em que surgiu, justamente porque no início da década de 1970 estava em curso a *modernização conservadora*¹⁶⁶ da agricultura, com tendência hegemônica¹⁶⁷ o que permitiu a sua aceitação maciça entre os agricultores.

¹⁶³ Cf. p. 31. Observação do grupo 5.

¹⁶⁴ Esta seria uma hipótese a ser confirmada em pesquisas posteriores. De qualquer forma, vale ressaltar que justamente um pastor com sensibilidade para o trabalho diaconal e missionário, e com um projeto concreto de trabalho com a terra tenha tido a coragem de dar os primeiros passos na formulação de uma *Teologia da Terra*, que só em meados da década seguinte irá ser trabalhada de forma mais sistemática.

¹⁶⁵ WUERGES, Edson Walmor. *Empoderamento e conflitos em experiências de planejamento e ações de desenvolvimento: um estudo de caso no município de Rancho Queimado – SC*. Dissertação (Mestrado em Agroecossistemas) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Agrárias, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

¹⁶⁶ Para Wuerges, a modernização conservadora “pode ser associada ao golpe militar de 1964. Ela resultou de uma aliança entre os militares, o latifúndio, Igreja e as elites da burguesia nacional. No campo, a necessidade de uma reforma agrária foi deixada de lado. Houve um incentivo à industrialização para a substituição das importações e ao modelo agroexportador, em detrimento da agricultura familiar.” Cf. WUERGES, 2005, p. 53. É importante ressaltar que este pesquisador ressalta que o Lachares também se constituiu numa proposta alternativa dentro da IECLB, uma vez que esta igreja já assumira, conforme observado acima, o compromisso de acompanhar os seus membros na imigração para as Novas Áreas de Colonização.

¹⁶⁷ O crédito e a assistência técnica, instrumentos da modernização conservadora da agricultura, mobilizaram muitos recursos e exerceram forte poder simbólico sobre aqueles que não aderiam a ela, ou seja, uma minoria de pequenos agricultores que persistiu no aprimoramento das técnicas tradicionais. Esta modernização pode ser relacionada, com devidos limites, ao conceito de *poder simbólico*, de Pierre Bourdieu, pois se trata de um “poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem gnoseológica [...]”. É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os ‘sistemas simbólicos’ cumprem a sua função política

Ora, este Lar, com suas propostas simples e radicais, “colocou em xeque o referido paradigma de modernização”, principiando na região de Rancho Queimado o *empoderamento*¹⁶⁸ dos agricultores com iniciativas que visavam a sua independência e autonomia em relação às novas tecnologias mecânicas e químicas.

As iniciativas como a do Lachares vieram, portanto, na contracorrente do sistema imposto aos agricultores pelas empresas químicas que passaram a determinar o modo de se trabalhar a terra com vistas à produção para o mercado. Por meio destas iniciativas, procurou-se preservar certo espaço de autonomia para uma maneira alternativa de plantar e produzir alimentos.

O pastor Silvino Schneider era filho de pequenos agricultores situados em Ivoti/RS. Ele passou a infância e a juventude com seus pais nas atividades da propriedade, trabalhando na roça, como se costuma dizer. Durante o período dos estudos em Ivoti, na Escola Evangélica, ele pesquisou e aprofundou as técnicas da agricultura biológica, pois esta era uma das ênfases do ensino naquela instituição. Após estes estudos, teve oportunidade de aprimorar-se para atuar no ministério da IECLB.

Na sua primeira atuação como pastor auxiliar na Paróquia Buriti (Santo Ângelo/RS) na RE-III, Schneider pôde estar junto aos colonos e explicar-lhes o *valor da agricultura biológica* capaz de produzir lucros superiores e com menor dependência econômica que a conhecida *agricultura química*.

Em 1975, Schneider e sua esposa Gertrud se mudaram para a recém-criada Paróquia Taquaras (Rancho Queimado/SC), onde passaram a organizar o projeto do Lar. Para Edson Wuerges, Silvino idealizou o projeto no ano anterior, durante uma visita feita aos membros da IECLB na região, os quais desejavam um melhor atendimento por parte da IECLB. Naquela visita, o pastor constatou que a região era “carente em termos de políticas públicas e serviços de saúde, educação, assistência

de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre a outra”. BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989. p. 9, 11.

¹⁶⁸ Wuerges destaca este conceito enquanto “exercício de poder induzido ou conquistado que permite aos indivíduos ou unidades familiares aumentar a eficácia do seu exercício da cidadania”. WUERGES, 2005, p. 20.

aos agricultores e infra-estrutura”.¹⁶⁹ O próprio Silvino Schneider explica a motivação de implementar o projeto:

o ‘LACHARES’ surgiu como fruto de nossas reflexões sobre o pequeno agricultor, sobre sua dificuldade de sobreviver em sua pequena área. O pequeno agricultor pensa, reage e decide em reação a situações bem concretas que lhe dizem respeito! Afirmando isso por ser filho de pequeno agricultor, e meu pastorado e minhas observações são exercidas e realizadas no meio do pequeno agricultor.¹⁷⁰

De forma muito concreta, Schneider observou também que o avanço da modernização conservadora da agricultura e da sociedade de consumo causara transformações nos hábitos e na cultura dos colonos. A partir de um ideal *missionário* e *diaconal*, a atuação do pastor tinha por objetivo o ser humano integral, em suas necessidades materiais e espirituais, e especial atenção para a preservação do meio ambiente:

há algum tempo atrás, um pastor da IECLB ir às comunidades com todo preparo e material para o culto e, além do essencial, levar mudas, sementes, folhetos... para melhorar a vida dos membros onde ela se desenvolve como um todo, isto era novidade, uma verdadeira aventura. Sem muita demora, os primeiros sinais apareciam. ‘O pastor vem ao nosso encontro, parece que entende os nossos problemas’, diziam.¹⁷¹

Para Edson Wuerges, trata-se da prática de uma *nova teologia* que consiste em “atuar junto aos seres humanos de forma integral, tanto nos aspectos humanísticos, ligados à fé, à espiritualidade, à religiosidade, à ética, como nos aspectos associados à prática social do cotidiano da vida”.¹⁷² Para este pesquisador, a *nova teologia* é a Teologia da Libertação difundida no Brasil pelo teólogo Leonardo Boff e outros junto com ele.

Observa-se que, sem negar a semelhança desta *nova teologia* com a Teologia da Libertação, o próprio Silvino Schneider concebeu esta teologia como *Teologia da Terra* e, talvez, poucos teólogos, inclusive Leonardo Boff, conheçam a teologia pioneira desenvolvida por este pastor, a partir de sua prática pastoral e de suas preocupações com a crise vivida pelos pequenos agricultores e a própria

¹⁶⁹ WUERGES, 2005, p. 71.

¹⁷⁰ *Nova Paisagem*, ano 1, n.1, dez. 1979, p. 6.

¹⁷¹ Teologia da Terra e a missão de evangelizar. *Jornal Evangélico*, ano 94, 1ª quin. jul. 1980, p. 8.

¹⁷² WUERGES, 2005, p. 72.

destruição do meio ambiente. Sua ênfase numa agricultura *biológica* demonstra claramente uma visão *ecológica* do problema.

2.2.2 Os primeiros passos para uma Teologia da Terra

No início da década de 1960, a CEB já sentia a necessidade de uma Teologia que ajudasse na reflexão sobre a Reforma Agrária. Tal necessidade também é relatada por Clodovis Boff, em 1978, a partir de constatação feita na atuação da CPT. Trata-se, portanto, de uma teologia segunda, ou seja, uma teologia que vem como passo seguinte à reflexão sobre a realidade, o contexto em transformação.

Em relação a esta reflexão da realidade e do contexto, podem-se destacar duas tendências iniciais a respeito da evolução de uma Teologia da Terra na IECLB: uma com a reflexão da realidade mais profunda, tratando dos mecanismos político-econômicos e sociais, e outra onde se ressalta mais a experiência de vida e sensibilidade às mudanças sociais, com uma reflexão breve, mas ainda assim crítica.

A Teologia da Terra do pastor Silvino Schneider está relacionada à última tendência. Este pastor teve a capacidade de manter o caráter saudosista e idílico do contexto rural, mas associando-o a uma perspectiva crítica.¹⁷³ De acordo com Silvino,

num passado não muito remoto, o pequeno agricultor vivia num verdadeiro paraíso. Alimentava-se dos frutos de sua terra, que era fertilizada com esterco composto, húmus e adubação verde (leguminosas). Arava sua pequena área com arado puxado por animais. O vendedor de micro-tratores não o visitava. [...] O que plantava era decidido por ele e sua família. Ninguém o convencia a desequilibrar sua terra com adubos químicos e biocidas mortíferos. A mãe da família, na hora de alimentar os seus, não era condicionada por refinarias, frigoríficos, enlatados... Ela tinha farinha integral, arroz integral, sobremesa de frutas, horta doméstica... No varal da cozinha deparava-se com carne, toucinho, lingüiça e presuntos defumados... Havia galinhas no terreiro para fazer gostosas galinhadas,

¹⁷³ “O mundo do campo é o mundo idílico, da harmonia e da paz. Constituiu tema inesgotável de poetas [...] A religião aparece aqui como um fenômeno ‘natural’, no sentido de que tudo na natureza ‘fala’ de Deus: as paisagens com suas montanhas soberbas e seus penhascos e os fenômenos atmosféricos como o temporal ou um alvorecer. Na verdade, isso é mais ideologia (modo vivido de se relacionar com as condições sociais) do que uma situação histórica objetiva. O fato é que a questão ‘terra’ nunca foi uma questão puramente ‘natural’. Sempre foi uma questão social, histórica, política”. BOFF, 1978, p. 3.

caldos e sopas, tudo isso de animais sadios que cresciam num ambiente sadio.¹⁷⁴

No caso de Silvino Schneider, identifica-se que o ambiente é aquele construído pelos colonos teuto-brasileiros. Em síntese, trata-se de um ambiente agrícola onde predomina a policultura na produção de alimentos, o baixo custo deste tipo de produção, o trabalho familiar e o alto grau de aproveitamento e transformação dos poucos recursos da pequena propriedade em que vivem.¹⁷⁵ Este é o ambiente em que ele atuou em Rancho Queimado/SC, e que lhe ajudou a vinculá-lo com aquele de sua infância e juventude.

Para Silvino, os “antepassados possuíam uma técnica, maneira de viver e trabalhar num lar de agricultores, que lhes dava bem-estar individual, familiar e comunitário. E a transmitiram de geração a geração, porque assim o decidiram”.¹⁷⁶

Porém, ele expressa com tristeza as mudanças hodiernas: “a cultura, os conhecimentos que nossos antepassados trouxeram da Europa, foram praticamente extintos e em decorrência disto, a alimentação e a agricultura, em grande parte, hoje são motivadas por interesses comerciais e condicionamentos sociais”.¹⁷⁷

Estas mudanças o fizeram relacionar o contexto de Rancho Queimado e aquele de sua infância e juventude em Ivoti/RS. Na observação da realidade das famílias agricultoras, ele reconheceu as mudanças hodiernas nas visitas que

¹⁷⁴ *Nova Paisagem*, n. 1, 1979, p. 6 (de acordo com o original).

¹⁷⁵ A este respeito, também se posiciona José Lutzenberger: “um fato importante, que pouca gente se dá conta, a colônia aqui, que começou em 1824, só começou a morrer lá pelo ano de 1960. A escravidão foi abolida em 1888, mas nunca o colono teve escravo, apesar de permitido naquela época. O latifundiário, sim. Então, o camponês que nós aqui dizemos colono, quer ter uma vida boa. Se esse é meu alvo, então eu não vou plantar só café, ou só cana, ou só algodão, não é? Aí eu morro de fome. Então surge automaticamente uma paisagem muito diversificada [...]. Onde se permitiu que surgissem culturas camponesas, surgiu uma paisagem humanamente bela, biologicamente diversificada e, à medida que os séculos vão passando, eles aprendem com seus erros, a coisa se torna ecológica e indefinidamente sustentável”. BONES, Elmar; HASSE, Geraldo. *Pioneiros da Ecologia: breve história do Movimento Ambientalista no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: JÁ Editores, 2002. p. 134.

¹⁷⁶ SCHNEIDER, Silvino. Teologia da Terra. *Jornal Evangélico*, ano 94, 2ª quin. fev. de 1980, p. 8. Nesta passagem Schneider usa o termo *Bauernhof*, geralmente traduzido como *fazenda*. É possível que termo deva ter o sentido de um *lar do agricultor*, um ideal de Silvino Schneider na construção do Lachares.

¹⁷⁷ SCHNEIDER, Silvino. Teologia da Terra. *Nova Paisagem*, ano 2, n. 11, ago./set. 1981, p. 8. A respeito desta técnica resgatada no LACHARES, Silvino se manifestara anteriormente, em 1979, diante do Conselho Diretor da IECLB: “na oportunidade, Silvino acentuou a multidão de bons costumes que os colonos perderam com a invasão da tecnologia da roça. ‘Perderam valores científicos’, lamenta”. Em Taquaras incentiva-se a agricultura biológica. *Jornal Evangélico*, ano 93, 1ª quin. abr. 1979, p. 4.

realizava aos membros, mudanças que demonstram um certo empobrecimento motivado pelas novidades do mercado:

as laranjas caídas apodrecendo debaixo das árvores, e eles vinham orgulhosamente servir no almoço como bebida uma jarra de Q-Suco. Boa parte dos alimentos dos agricultores hoje é comprada nas vendas, como macarrão, azeite, feijão arroz, etc. Nós trabalhávamos em nossa propriedade familiar com uma junta de bois, que eram mais fortes que um Tobatta e não gastavam óleo Diesel.¹⁷⁸

A reflexão crítica de Silvino tem por base as mudanças deste contexto. Por mais simples que pareça esta reflexão, ela se expressa de forma objetiva em apontar as causas das mudanças. Tratava-se da modernização da agricultura que estava sendo aceita entre os pequenos agricultores. O pastor observou que “os tempos começaram a mudar. A ‘moderna técnica’ avançou. Os mensageiros do progresso e do desenvolvimento trouxeram e arraigaram sua influência, que causou esta modificação que hoje presenciamos”.¹⁷⁹

Silvino tinha consciência, também, da relação que se instalava entre a pequena propriedade e as grandes empresas agrícolas. Para ele, “o colono deveria esquecer a agricultura química, que só traz prejuízo à saúde e dependência econômica das multinacionais”.¹⁸⁰ E que esta relação não era apenas local, mas importava numa questão nacional: “ao abandonar seu modo de vida tradicional, em muitos casos, o agricultor deixou de beneficiar seu lar e passou a ser escravo de uma técnica e maneira que não nasceu em confronto com a necessidade do povo brasileiro”.¹⁸¹

Esta técnica moderna está relacionada, segundo Schneider, à monocultura química, que “provocou grandes áreas de deserto e isto significa que [colaborou] para aumentar a fome e o desequilíbrio ambiental”. O pastor estava, portanto, consciente de que a difusão da agricultura moderna tinha objetivos escusos aos que foram realmente divulgados, dentre eles a diminuição da fome no mundo.¹⁸²

¹⁷⁸ WUERGES, 2005, p. 72. Trata-se de uma parte da entrevista que Silvino concedeu a Edson Wuerges.

¹⁷⁹ Lar da Cultura e Harmonia de Assistência e Reintegração Social (LACHARES), de Taquaras (SC), em comunicação com o pequeno agricultor. *Nova Paisagem*, ano 1, n. 1, 1979, p. 6.

¹⁸⁰ Em Taquaras incentiva-se a agricultura biológica. *Jornal Evangélico*, ano 93, 1ª quin. abr. 1979, p. 4.

¹⁸¹ SCHNEIDER, Silvino. Teologia da Terra. *Jornal Evangélico*, ano 94, 2ª quin. fev. 1980, p. 8.

¹⁸² A fome é tema de um dos artigos de Silvino, cf. SCHNEIDER, Silvino. Teologia da Terra. *Jornal Evangélico*, ano 94, 2ª quin. fev. 1980, p. 8. O mesmo artigo viria a ser publicado 2 anos depois

A respeito do uso de produtos químicos o pastor relata um caso que acompanhou durante a sua atuação.

Fui convidado para olhar a plantação de trigo e cevada de um agricultor que recebeu semente de nós.¹⁸³ O trigo estava bonito e a cevada, ao lado do trigo, quase morta. Fiz muitas perguntas para descobrir a causa e nada descobri. Por fim declarei que meus conhecimentos estavam esgotados, não podia entender que uma planta rústica como a cevada morria ao lado do trigo, que estava normal. Aí o colono me perguntou: 'será que é efeito do remédio que passei no ano passado nesta terra onde está a cevada?'. 'Que remédio passou?', indaguei. 'O remédio que mata as ervas daninhas', respondeu. Se este herbicida, que seu fornecedor chama de remédio, faz efeitos tão visíveis à vida mineral e vegetal, o que fará este alimento num delicado organismo humano, retorqui?¹⁸⁴

Além de casos práticos, Schneider se dedicava a ouvir as expressões usuais das pessoas e refletia a respeito, relacionando estas expressões com o dia a dia das pessoas que as exprimiam:

para coletar dados na base, escutei [...] – Matar a praga na hora; - Com herbicida é mais fácil que capinar; - É tão branquinho e macio que nem precisa mastigar; - É tão gostoso que já virou tentação. - Tentei descobrir se nestas conversas a vontade de Deus ainda tinha sua vez. Nada observei. Procurei ver, nestes grupos, se tivesse pelo menos, um pouco de programa de família que antigamente, papai, mamãe e filhos programaram, na roda do chimarrão. Nada encontrei.¹⁸⁵

Inteirado das mudanças, Silvino soube destacar um aspecto muito importante em sua Teologia da Terra: o caráter de *planejamento* e *decisão* do agricultor por formas de produção alternativas às que vinham sendo promovidas pelo governo. Ciente destas dificuldades,¹⁸⁶ tratará de critérios teológicos e ambientais para identificar a possibilidade de aceitação das modernas técnicas pelos agricultores:

no Nova Paisagem. Observa-se o fato de Silvino ter suprimido no artigo de 1982 a atuação da ASCAR. Em 1980, Silvino assim se expressava: "lembro-me dos bons tempos, quando a ASCAR, no Rio Grande do Sul, mandou seus técnicos de casa em casa, ensinando os agricultores a fertilizarem suas terras na técnica biológica e a se alimentarem dos produtos de sua terra". E, em 1982: "lembro-me dos bons tempos em que os técnicos iam de casa em casa ensinando os agricultores a fertilizarem suas terras na técnica biológica". Cf. SCHNEIDER, Silvino. Teologia da Terra. *Nova Paisagem*, n. 15, abr./mai. 1982, p. 2.

¹⁸³ A prática de distribuir sementes testadas no LACHARES era comum, desde o início das atividades de Silvino.

¹⁸⁴ SCHNEIDER, Silvino. Teologia da Terra. *Nova Paisagem*, ano 2, n. 12, out./nov. 1981, p. 8.

¹⁸⁵ SCHNEIDER, Silvino. Teologia da Terra. *Nova Paisagem*, ano 2, n. 11, ago./set. 1981, p. 8.

¹⁸⁶ "Como filho de agricultor e no oitavo ano de pastorado entre pequenos agricultores, **ousou afirmar que o pequeno agricultor considera que não tem vez nas grandes decisões da humanidade** e, via de regra, líderes e responsáveis das zonas rurais concordam com tais afirmações". SCHNEIDER, Silvino. Teologia da Terra. *Jornal Evangélico*, ano 94, 2ª quin. fev. 1980, p. 8. (grifo meu)

Por exemplo, se alguém lhe quer ensinar novas técnicas de cultivar a terra, neste caso, **informe-se se esta técnica quer condicionar o homem para servir à técnica ou se ela vai servir ao homem**; se vai respeitar tudo aquilo que você, amigo agricultor, tem de bom e, sobretudo, **trazer melhoras que se manifestam na preservação do meio ambiente, preservação e utilização do solo, de maneira permanente e sem desequilibrá-lo**. Se esta nova técnica favorece a sanidade do solo que a natureza lhe deu, se melhora a saúde dos seres humanos e dos animais, neste caso a técnica estaria a serviço do homem e, conseqüentemente, seria aceitável.¹⁸⁷

Pode-se observar que está implícita a relação que Schneider faz entre a técnica moderna com a extensa Lei do Sábado no Novo Testamento, esta última criticada por Jesus Cristo. Schneider compreende que a técnica da modernidade, assim como a Lei do Sábado no contexto do Novo Testamento, deve *servir* ao ser humano e ao meio ambiente.¹⁸⁸ Este é o critério que vai sendo firmado: a técnica deve servir ao ser humano e ao ambiente em que ele vive, ou seja, o solo, a natureza e os animais. Com isso, ele formulou um testemunho cristão importante no contexto da ditadura:

se alguém lhe quer mostrar o caminho do progresso e desenvolvimento, aceite-o com hospitalidade e compartilhe o quanto você deseja progresso e desenvolvimento ao NOSSO querido Brasil. Dê-lhe um testemunho de cristão convicto, da sua prontidão de servir cada vez melhor nosso Criador da natureza e ao nosso Governo, mas acentue bem: NOSSO GOVERNO.¹⁸⁹

O agricultor que *serve ao Criador* é aquele que planeja as atividades da propriedade e se decide em favor do resgate das técnicas agrícolas tradicionais e da agricultura biológica. Este agricultor, segundo Schneider, estaria livre de percalços como aquele constatado com o agricultor que aplicara agrotóxicos num ano, e no seguinte não conseguira produzir cevada na mesma área.¹⁹⁰ A este respeito, Silvino relata o que ocorreu após esta constatação:

¹⁸⁷ Lar da Cultura e Harmonia de Assistência e Reintegração Social (LACHARES), de Taquaras (SC), em comunicação com o pequeno agricultor. *Nova Paisagem*, n. 1, dez. 1979, p. 6. (grifo meu). Destaca-se que Silvino relaciona a crítica de Jesus Cristo às minúncias da lei do sábado, com a às novas técnicas.

¹⁸⁸ Observa-se que Moltmann tratou posteriormente a Schneider sobre Jesus e o sábado. Para ele, a posição de Jesus em relação ao mandamento do sábado “é fundamentado a partir do mandamento do **amor** o a partir do **seguimento**”. MOLTSMANN, Jürgen. *Deus na Criação*: doutrina ecológica da criação. Petrópolis: Vozes, 1993. p. 413. (grifo meu)

¹⁸⁹ Lar da Cultura e Harmonia de Assistência e Reintegração Social (LACHARES), de Taquaras (SC), em comunicação com o pequeno agricultor. *Nova Paisagem*, n. 1, dez. 1979, p. 6. (Destques conforme o original).

¹⁹⁰ É possível que Schneider, ao destacar o planejamento das atividades da propriedade pela própria família, estava propondo uma alternativa aos programas agrícolas governamentais e das empresas privadas. Ele observa que, “numa época como a nossa, onde a família pouco planeja,

silenciosamente caminhamos em direção a sua residência para fazermos **um planejamento que visasse o bem estar da família e a obediência ao Senhor da terra**. Vimos, neste caso que **o agricultor que ainda ama o Criador e sua terra não deve ser manipulado**. Ele deve, isto sim, ter alguém que pensa com ele para que ele mesmo faça o seu programa de vida e defenda sua família e sua propriedade. Incutir-lhe erros que põem sua propriedade, sua estabilidade econômica e sua saúde em perigo, isto o desanima, faz perder o orgulho de ser o homem que cultiva a terra e, em muitos casos, crê que Deus retirou a bênção da família e da propriedade.¹⁹¹

Schneider pré-visualizou a importância de o agricultor decidir em favor de uma agricultura que respeita o ser humano, a natureza e a sociedade. Nesse sentido, ele assumiu uma atitude pedagógica que o aproxima da pedagogia do oprimido de Paulo Freire. E mais, de um ponto de vista político, ele relacionou o aumento da fome no mundo com o avanço da agricultura moderna e considerava que a decisão do agricultor em resistir com as técnicas tradicionais e da agricultura biológica influenciariam no futuro da humanidade, pois tal decisão estaria em favor da vida e de acordo com o Criador da vida.¹⁹²

Silvino Schneider definiu a Teologia da Terra a partir da prática pastoral. Ao atuar no ministério, ele levava aos membros das comunidades não apenas a Palavra de Deus, mas conselhos para o cultivo da terra que ajudassem os agricultores. Distribuía mudas, sementes e folhetos de forma que os membros reconhecessem sua atuação e sentiram-se motivados a integrar as atividades da Paróquia. Diante do trabalho e da constatação de que os membros correspondiam à atuação, Schneider exclamou: “isto é Teologia da Terra”.¹⁹³

Após a realização da I Expo-Feira de Produtos Naturais LACHARES em Taquaras,SC (março de 1980)¹⁹⁴ Silvino Schneider refletiu e destacou aspectos a

onde alguém que quer vender faz o programa como se deve viver, é mais difícil reconhecer e corrigir os erros, pois nem todos estão conscientes aonde começou o erro”.

¹⁹¹ SCHNEIDER, Silvino. Teologia da Terra. *Nova Paisagem*, ano 2, n. 12, out./nov. 1981, p. 8. (grifo meu)

¹⁹² SCHNEIDER, Silvino, Teologia da Terra. *Jornal Evangélico*, 2ª quin. fev. 1980, p. 8. Assim afirma Schneider, após expor que as mudanças na agricultura ocorreram porque os próprios agricultores decidiram aderir às técnicas modernas que agravaram a fome no mundo: “prezado agricultor, compreendeu como suas decisões são influentes no destino da humanidade? Se você gostaria de decidir a favor da VIDA e de acordo com o CRIADOR DA VIDA, por que não fazer grupos de reflexão e levar a teologia para a Terra?”. (grifos conforme original)

¹⁹³ SCHNEIDER, Silvino. Teologia da Terra. *Jornal Evangélico*, ano 94, 1ª quin. jun. 1980, p. 8.

¹⁹⁴ Exposição do LACHARES, realizada em 9 de março de 1980. A respeito desta exposição, ver: LAR de Taquaras (SC) mostra em Exposição resultados da agricultura biodinâmica. *Nova Paisagem*, ano 1, n. 3, abr. 1980, p. 2. Destaca-se do artigo as seguintes presenças da exposição: “Grupos naturalistas, autoridades da ACARESC-Emater-SC, Secretaria da Agricultura, de SC, e deputado dos colonos, como foi chamado Gervásio Maciel, autoridade de municípios vizinhos, o Prefeito de Municipal de Rancho Queimado, Secretaria do Meio Ambiente de Porto Alegre-RS, na

respeito das pessoas que esta Teologia reúne: “a Teologia da Terra congrega e ativa pessoas que amam o Criador e, conseqüentemente, amam a sua Criação. Sua fé toma corpo em comunhão com seus semelhantes, inclusive nas múltiplas manifestações de Deus em sua Natureza”.¹⁹⁵

A respeito do discipulado, Schneider afirmou em 1983 que, para ser discípulo de Cristo, é preciso conhecer “a finalidade que Deus deu à Criação e, conseqüentemente”,¹⁹⁶ fazer a vontade do Criador em relação à terra e a tudo que ele criou. Ele enfatiza que a criação é a manifestação dos atributos de Deus, e que o amor corporificado do Criador na criação serve de exemplo ao ser humano. Ele, o ser humano, deve manifestar concretamente sua fé na criação.

Ao tratar da alimentação natural e saudável, assim como de ervas medicinais e da agricultura biológica, Schneider vai afirmar que para praticá-las é necessário ter conhecimentos sobre a vida, causas e conseqüências; fé atuante e muito amor ao Criador e a tudo que ele criou.¹⁹⁷ A ênfase está em reconhecer Deus como a origem da vida, o que importa conhecer e amar também a criação, para descobrir nela, “as maravilhas à disposição do ser humano”.

Assim, Schneider vai tratar de identificar algumas maravilhas (SI 104.24) que estão à disposição do ser humano. Em um artigo ressaltará a importância do confrei (*Symphytum Peregrinum*), uma planta medicinal para uso humano e importante substituta da ração balanceada de animais como o gado leiteiro (60-70%), aves (50%), suínos (80-90%) e coelhos (100% se adicionada à alimentação de Rami).¹⁹⁸

peessoa do engenheiro agrônomo Luiz Jacques Saldanha, e o bispo Dom Alfonso de Florianópolis, representado pelo padre Edgar. Enfim, o povo da região, os agricultores e expositores. É claro, o CAPA não podia deixar de dar uma força a esta tão importante iniciativa”. Na exposição seguinte, em 1981, o engenheiro agrônomo Luiz Jacques Saldanha participará como representante da AGAPAN e da Secretaria do Meio-Ambiente de Porto Alegre-RS; Entre os participantes estarão também o nutricionista Volni Rocha e esposa, da Igreja Adventista do 7º Dia. Deus escreve reto por linhas tortas. *Nova Paisagem*, ano 2, n. 10, jun./jul. 1981, p. 2.

¹⁹⁵ SCHNEIDER, Silvino. Teologia da Terra. *Jornal Evangélico*, 2ª quin. mai. 1980, p. 8.

¹⁹⁶ Teologia da Terra: Deus corporificou o seu amor na Criação. *Nova Paisagem*, ano 3, n. 20 fev./mar. 1983, p. 2. Trata-se de uma entrevista com Silvino.

¹⁹⁷ SCHNEIDER, Silvino. Teologia da Terra. *Nova Paisagem*, ano 2, n. 11, ago./set. 1981, p. 8. A partir do lema de Hipócrates, “faça de teu alimento um remédio, de teu remédio um alimento”, Schneider atuou também para difundir uma alimentação saudável.

¹⁹⁸ SCHNEIDER, Silvino. Teologia da Terra. *Nova Paisagem*, ano 2, n. 13, dez./jan. 1981, p. 5. Em outros artigos também tratou da importância da abelha (SCHNEIDER, Silvino. Teologia da Terra. *Nova Paisagem*, ano 3, n. 14, fev./mar. 1982, p. 2.) e da maçã (SCHNEIDER, Silvino. Teologia da Terra. *Nova Paisagem*, ano 3, n. 16, jun./jul. 1982, p. 2).

Observações como estas viriam a fazer parte da *Tecnologia da Escassez*.¹⁹⁹

Numa sequência de três artigos, os últimos sobre a Teologia da Terra, Schneider tratou da necessidade de uma tecnologia que permita ao agricultor trabalhar e produzir com o mínimo de custos. Para o pastor,

cada sistema tecnológico tem um motivo que o faz aparecer. Se hoje vivemos em crise e em escassez em vários sentidos, isto são os frutos de uma tecnologia que nos explorou, nos fez trabalhar contra nós mesmos, contra nossos costumes comunitários e culturais. Esta é uma tecnologia que tem por objetivo nos levar à dependência. Esta invasão de tecnologia não brasileira, que confundiu nosso crescimento tecnológico e cultural, agora nos motiva a procurar NOSSA TECNOLOGIA, dentro de nossa realidade brasileira.²⁰⁰

A tecnologia da escassez foi relacionada com a difusão do uso da adubação verde e orgânica²⁰¹ e produção de alimentos. Schneider, após observar que a propaganda ajudara a desviar dos bons costumes alimentares, afirma categoricamente: “em Teologia da Terra, onde a fé se manifesta em obediência ao nosso Senhor, sugerimos a formação de um pomar caseiro”.²⁰²

A outra tendência em que é ensaiada uma Teologia da Terra é aquela que emerge a partir de uma realidade que envolve grupos indígenas, colonos e camponeses. Este é o contexto da RE-III, onde surge o CAPA em 1978. No período de organização do Centro, portanto, está sendo refletida uma teologia que corresponda à realidade destes grupos,²⁰³ e o CAPA vai ajudar a promover e desenvolver esta reflexão, privilegiando os pequenos agricultores: “se a terra é de Deus, então pertence a todos os seus filhos que nela querem sujar as mãos para trabalhar e produzir o seu sustento”.²⁰⁴

¹⁹⁹ Não foram encontradas referências a respeito do conceito desta expressão. É possível que Schneider tenha sido o primeiro a usá-la para se referir às técnicas desenvolvidas pelos pequenos agricultores a partir de recursos escassos.

²⁰⁰ SCHNEIDER, Silvino. *Tecnologia da Escassez*. *Nova Paisagem*, ano 6, n. 29, ago./set. 1984, p. 3. (grifo no original)

²⁰¹ SCHNEIDER, Silvino. *Tecnologia da Escassez*. *Nova Paisagem*, ano 6, n. 29, ago./set. 1984, p. 3.

²⁰² SCHNEIDER, Silvino. *Teologia da Terra: Técnicas úteis em tempos de escassez*. *Nova Paisagem*, ano 6, n. 30, out./nov. 1984, p. 2.

²⁰³ MEDINA, 1991, p. 26. “[...] poderíamos dizer que a Teologia da Terra é fruto de toda reflexão teológica latino-americana e sobretudo resultado e produto de uma nova prática eclesial que assumiu primordialmente a causa dos homens do campo”.

²⁰⁴ MEINCKE, Sílvio. *Dádiva Terra*. Maravilha: Publicadora Uruguai, 1982. Esta frase aparece reiteradas vezes em toda esta obra. Trata-se do primeiro versículo do Salmo 24, ao qual Sílvio adiciona, ao final, as reivindicações de agricultores sem-terra, agregados e meeiros e grupos indígenas: *pois a terra pertence àqueles que nela querem viver*. Esta formulação pode ser tratada como uma articulação da palavra bíblica que, no caso do Sl 24, destaca o Senhorio de Deus, com

A exemplo do pastor Silvio Meincke, que atuara em Cunha Porá (SC) e Ijuí (RS), ambas paróquias da RE-III, muitos outros pastores puderam testemunhar o contexto rural e refletir em termos teológicos sobre as questões que envolviam os agricultores e o uso da terra. Meincke, no entanto, merece destaque pois participou intensamente nos Concílios da RE-III²⁰⁵ e sempre esteve a par da situação dos pequenos agricultores. A sua reflexão sobre a realidade dos pequenos agricultores e sem terra, em perspectiva ecológica resultará numa teologia do Reino de Deus com ênfase ecológica, disponível através suas obras.

O início desta reflexão, em anos anteriores, levou-o inclusive a ser chamado ao Departamento de Ordem Política e Social (DOPS- órgão de controle e repressão temido durante o período da Ditadura Militar), pelo fato de se manifestar contra a metodologia de ensino do Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL).²⁰⁶ Meincke conhecia a realidade dos filhos de agricultores teuto-brasileiros que frequentavam as aulas com restrito vocabulário da língua portuguesa e necessitavam decorar as definições de livros oriundos de outros países (Portugal, por exemplo).

Ao elogiar a atuação de um professor de geografia que relacionava os conceitos dos livros com a linguagem dos alunos, e atuar junto a um grupo de pastores e membros da comunidade que decidiram trabalhar com o mesmo método, Meincke foi denunciado ao DOPS. Em linguagem coloquial, ele observa o fato: “foi aí que a bomba estourou. Com argumentos mil a sua intenção [*do professor e do grupo*] foi ridicularizada, caluniada, barrada, desprestigiada”.²⁰⁷

Internamente à IECLB, neste período também se tratava da Educação. O projeto *Discipulado Permanente – Catecumenato Permanente* surgiu da constatação

a descrição de alguns aspectos da realidade humana, neste caso, no direito ao acesso à terra para a sobrevivência. Em última análise, o Senhorio de Deus *exige/se exprime* na Reforma Agrária e a atenção às pessoas desamparadas no campo. A respeito desta *relação articulada*, ver: BOFF, 1978, p. 16-17.

²⁰⁵ Meincke e o pastor Jürgen Junge, após participarem do grupo A (Como servir e testemunhar no meio rural) do 1º Concílio da RE-III, apresentaram aos delegados duas moções: uma que encaminhava a PER e outra que pedia o encaminhamento de um fonograma ao Presidente da República para não assinar o Projeto de Decreto Lei do Ministro Jarbas Passarinho de 18/8/1969, que previa o enquadramento de proprietários rurais com empregados e sem empregados numa única associação sindical.

²⁰⁶ O fato ocorreu durante a atuação de Sílvio Meincke em Cunha-Porã/SC. Observa-se que ele atuou como pastor nesta região no período de 1968-1973. É possível que o fato tenha ocorrido no último ano, pois ele mesmo relaciona a ocorrência com a discussão do projeto “Discipulado Permanente” na IECLB, que é deste período.

²⁰⁷ MEINCKE, Sílvio. *A Fonte*. São Leopoldo: Sinodal, 1983. p. 76.

de que o Ensino Confirmatório na IECLB era insuficiente para vivência da fé.²⁰⁸ Meincke caracterizou o respectivo projeto como *controvertido* e, posteriormente *mal sucedido*. É possível que Meincke tenha observado e se sensibilizado com o fato de que o maior problema precede o período do Ensino Confirmatório, isto é, estava ligado à aprendizagem escolar, que chegara às regiões mais distantes do Rio Grande do Sul e Santa Catarina através da organização das comunidades eclesiais, mas sofrera interrupções durante o período de nacionalização do Governo Getúlio Vargas (1937-1945), desenvolvendo-se então de forma muito precária.

Em tempos de Ditadura Militar, nos anos de 1970 e 1980, era difícil articular mobilizações, principalmente quando a postura conservadora estava presente na própria Igreja. É o que Meincke constata num encontro com membros da comunidade, em Ijuí, no ano de 1977. Num escrito posterior ao encontro, ele destaca que entre os membros está muito presente a compreensão de que cabe ao pregador nada mais que levar os homens a Cristo – “e não meter-se em assuntos que não lhe competem”.²⁰⁹

Sua persistência, no entanto, ficou expressa em *Dádiva Terra* (1982) um pequeno livro no qual Meincke relata histórias de seu contexto e de outros que chegavam ao seu conhecimento. Nas histórias, os personagens são agricultores sem terra, expulsos de áreas indígenas²¹⁰ e das propriedades de latifundiários.²¹¹ O autor destaca também as pessoas em êxodo²¹² para as cidades e a resistência de outras frente à grilagem de terras;²¹³ observa o caráter de opressão àqueles que buscam comprar sua terra, mas se defrontam com a aquisição de terras por pessoas que vivem na cidade e não as utilizam para a produção de alimentos, mas somente como áreas de lazer.²¹⁴ Ele reconhece o bom exemplo dos pequenos agricultores²¹⁵ que, numa área limitada, produzem alimentos para a sua família e excedentes para o mercado, conseguindo providenciar para si um mínimo de conforto.

²⁰⁸ “Relembrado seja que a moção relativa ao catecumenato permanente surgiu em conseqüência da constatação da insuficiência do ensino confirmatório na IECLB. O ato da Confirmação significa, em muitos casos, despedida da Igreja, ainda que permaneça a filiação formal a comunidade”. BURGER, 1977, p. 99-100.

²⁰⁹ MEINCKE, 1983, p. 38.

²¹⁰ MEINCKE, 1982, p. 52. Como a obra não tem páginas, será usada, doravante, uma numeração de páginas que começa com a capa da obra.

²¹¹ MEINCKE, 1982, p. 28-29.

²¹² MEINCKE, 1982, p. 10-11, 30-31.

²¹³ MEINCKE, 1982, p. 32-33.

²¹⁴ MEINCKE, 1982, p. 24-27, 40-41, 54-55.

²¹⁵ MEINCKE, 1982, p. 12-13, 34-35, 44-47.

Dádiva Terra termina com uma prédica proferida no culto de abertura do ano letivo na Faculdade de Teologia em março de 1982. O texto para a pregação é Mt 5.5, parte do Sermão do Monte. Nela, Meincke tratará também de outro texto, Lc 15.11-32, em que atualizará a mensagem com críticas importantes:

já podemos ver como o filho mais moço da parábola, que deu aquela grande mancada, foi parar entre os porcos e, quando chegou no fim da picada, voltou arrependido, de mãos vazias, sem nada ter, que não fosse a confiança no amor de Pai. Já não precisamos ser o filho mais velho, perfeito, correto, cheio de méritos: “Como é Pai, eu aqui dando duro, acabo de comprar mais quinhentos hectares de terra, financiei mais duas auto-motrizes Massey Ferguson pelo Banco do Brasil e tu fazes festa para esse teu filho acampado na Encruzilhada Natalino, que nem olhos azuis não tem, que nem colono não é e que quer ter terra na moleza!”²¹⁶

Não obstante a luta pela reforma agrária, a resistência dos pequenos agricultores e a defesa do direito da demarcação de terras indígenas, Meincke também manifestará uma teologia em perspectiva ecológica²¹⁷. O contexto da reflexão é a mortandade de peixes ocorrida no Arroio Boa Vista, Região do Alto Taquari/RS, em janeiro de 1982.²¹⁸ Em obra publicada no ano seguinte, *A Fonte*, Meincke assim se manifestou:

o arroio Boa Vista é um pedaço do Jardim do Éden. Claro. O Éden é aqui. Ninguém vai pensar que o Jardim do Éden é algum lugar especial na Palestina. O Éden é a natureza que o Criador colocou à disposição de todas as criaturas, com toda beleza, com toda abundância, com toda riqueza. O Jardim do Éden é o lugar onde você está. É o chão que você pisa, é o rio que corre ali adiante, são as árvores, com suas flores, seus frutos, são as borboletas, os pássaros, os peixes e tudo que vive. Alguns agricultores que moram ao lado do arroio Boa Vista sabem disso. Sabem que esse arroio é

²¹⁶ MEINCKE, 1982, p. 61. Esta parte da prédica já foi proferida em outro momento e local: Ijuí, 1975. A respeito desta prédica, o pastor destacará: “Prédica em Culto Ecumênico, de fim de ano letivo do Colégio Evangélico Augusto Pestana. Na saída do culto deu-se um pequeno tumulto, com agressões ao pregador”. Também em *A fonte* foi publicada prédica de conteúdo similar, proferida em Estrela no ano de 1981, período em que permaneciam acampados em Ronda Alta colonos sem terra. MEINCKE, 1983, p. 122-124. A respeito deste preconceito, denunciado na prédica, ver a constatação feita a partir da obra de Charles Kiefer, p. 44-45.

²¹⁷ Meincke continua até hoje tratando da perspectiva ecológica, principalmente em apoio aos pequenos agricultores. São de sua autoria os textos *O ativista* e *O agrônomo* do livro *Quem vai alimentar o mundo: histórias de pessoas que produzem alimentos*, ainda no prelo.

²¹⁸ Na apresentação da obra *Dádiva Terra*, Edelberto Behs relata: “um enterro na picada Geraldo, nos primeiros dias de janeiro deste ano, seria o último compromisso de Sílvio Meincke como pastor na localidade gaúcha de Estrela. E a Providência divina assim quis, que Sílvio presenciasse, após o enterro, **o que foi seguramente um dos maiores crimes ecológicos já ocorridos na região do Alto Taquari** [...] Aquilo foi demais para Sílvio e os colonos das redondezas, que têm no Boa Vista a praia de todos os dias quentes de verão, o lazer na pesca e a fonte de água para o gado. E, literalmente, da noite para o dia, esta amostra do Éden estava estragada, devido a irresponsabilidade e a ganância de lucro e mais lucro de indústrias poluidoras que, até aquele momento, usavam o arroio como cloaca”.

um pedaço do Éden. Sabem também que Deus colocou-os aí, para cuidarem do arroio.²¹⁹

Apesar da analogia simples entre uma leitura literal de Gn 2.8-16 e a realidade da destruição de toda a vida que compreende e se alimenta do Arroio Boa Vista, Meincke expressou aspectos importantes como a existência do arroio que precede à chegada dos colonos, e o direito à vida, seja ela animal ou vegetal:

esse arroio já corre no seu leito há milhões de anos, muito antes de os primeiros imigrantes, que colonizaram as margens, pisarem estas terras. Ele deverá continuar correndo sempre, como uma grande fonte de vida, dando fertilidade às várzeas, umidade aos vegetais, água aos peixes, às borboletas, aos pássaros, às abelhas, enfim, a todos os seres vivos. Ninguém tem o direito de destruí-lo. Cada carpa, cada abelha, cada borboleta, cada sabiá, cada lagarto, cada lontra tem direito a esse arroio.²²⁰

O caráter de responsabilidade quanto ao meio ambiente foi enfatizado de forma a destacar que não há um “direito maior” dos seres humanos em relação aos animais ou para usufruir dos recursos do arroio. Meincke escreveu: “O mais importante diretor de indústria não tem direito maior sobre esse arroio do que uma borboleta. Tem maior dever, isto sim. Tem dever de cuidar do arroio, o que a borboleta não pode”.²²¹ Para Meincke, parece claro que uma dádiva de Deus como o arroio pertence a todos e, por isso, ninguém tem o direito de se apossar dele ou destruí-lo, “porque é um presente de Deus”.²²²

A respeito da relação que os agricultores mantinham com o meio ambiente, Meincke já destacara em 1972, quando atuou em Cunha Porã/SC, que o oeste daquele Estado passara por mudanças empreendidas pelos colonos vindos do Rio Grande do Sul:

faz poucos anos, a mata virgem dominava toda esta região, rica e madeiras-de-lei. Nobres cedros, enormes e seculares, a oferecer sua riqueza aos braços da vizinha terra gaúcha, hábeis no manejo do machado e do serrote, sedentos por novas terras. As colônias gaúchas enviaram os seus filhos,

²¹⁹ MEINCKE, 1983, p. 78.

²²⁰ MEINCKE, 1983, p. 19. Observa-se que a lontra é o último animal citado por Sílvio. A respeito da caça de um destes animais por um agricultor, Sílvio relata, na mesma obra: “certa vez fui visitar um agricultor [...] Seu Francisco passou então a contar a sua façanha. Caçara, fazia poucos dias, um raro e belo exemplar de lontra. Os companheiros não queriam acreditar, já que, há vários anos, ninguém mais enxergara sinal de lontra naquelas bandas. Seu Francisco mandou um dos filhos para casa buscar a pele como prova”. MEINCKE, 1983, p. 50-51.

²²¹ MEINCKE, 1983, p. 79.

²²² MEINCKE, 1983, p. 79.

corajosos pioneiros, para cultivar o solo. Rapidamente a paisagem se transformou, a selva cedeu lugar às lavouras de milho e soja.²²³

Dez anos depois, com a morte de peixes no arroio do Alto Taquari, ele vai destacar algumas mudanças positivas, no sentido de uma convivência com o meio ambiente:

há agricultores que compreenderam a sua tarefa. Por isso não cortam a última árvore da margem do arroio ou então reflorestam as beiradas; não jogam animais mortos e outras sujeiras nas águas; não lavam os tanques de pulverização nos riachos; guardam a sua espingarda e deixam viver as últimas cotias, pacas e lontras. Mas há também agricultores que ainda não compreenderam nada: acham que o arroio deve carregar as suas sujeiras e não podem ver um animalzinho vivo, sem que lhe apontem o trabuco.²²⁴

Porém, a atenção de Meincke também esteve voltada aos diretores das indústrias de Teutônia/RS, considerados responsáveis pelo desastre e que não fizeram questão de se manifestar para admitir a culpa do ocorrido. Meincke reivindica a responsabilidade e honestidade dos líderes industriais, a maior parte deles luteranos. No entanto, estes estavam comprometidos com o desenvolvimento do recém-emancipado município de Teutônia e pouco interesse iriam demonstrar pela proteção de um arroio:

que belo líder do novo município, recém criado, seria uma pessoa assim honesta, uma pessoa que tivesse a coragem de admitir a verdade e, em vez de tentar enrolar, como sinal de arrependimento, colocasse alguns milhares de peixes no lugar dos que sua fábrica destruiu! Um novo município, em vias de grande progresso, com novas indústrias previstas, só vai salvar o seu rio com líderes honestos.²²⁵

Em 1982, uma pequena parte de suas publicações foi utilizada para a elaboração do material que desenvolveu o Tema do Ano da IECLB, *Terra de Deus – Terra para todos*²²⁶ nos trabalhos comunitários da igreja em âmbito nacional. Algumas histórias de *Dádiva Terra* foram usadas para serem divulgadas em

²²³ MEINCKE, 1983, p. 96. A reflexão também foi publicada no primeiro número do SIP: MEINCKE, Sílvio. O velho cedro. *Serviço de Informação Pastoral*, ano 1, n. 1, set. 1976, p. 8-9. Apesar da importante constatação, o autor ainda sustenta a compreensão de que as florestas desta região eram virgens, ou seja, ali não viveram indígenas e caboclos. Há a constatação de existiam grupos indígenas guaranis. ALTMANN, 2009, p.17. Nesta tese, também há a observação das consequências da colonização, especificamente no município de Nova Teutônia/SC. ALTMANN, 2009, p. 238.

²²⁴ MEINCKE, 1983, p. 79-80.

²²⁵ MEINCKE, 1983, p. 80. Não fica claro no texto, mas parece que Sílvio chamava a atenção do prefeito de Teutônia.

²²⁶ *Terra de Deus, terra para todos*. Auxílios Práticos. n. 1. São Leopoldo: Centro de Elaboração de Material da IECLB, 1982. p. 27-31. Não foi creditada, nesta publicação, a origem das histórias.

programas radiofônicos das paróquias e comunidades da IECLB. É importante ressaltar que este tema especificamente gerou muita polêmica na igreja e nas comunidades, pois o seu enfoque nitidamente pró-Reforma Agrária e em defesa do pequeno agricultor, dos sem terra e dos povos indígenas não foi consenso nem entre pastores nem entre as lideranças leigas das comunidades.

Em 1980, surgiu na RE-III o Acampamento de Jovens *Repartir Juntos*²²⁷ (ARJ), um programa para os jovens da IECLB e de outras igrejas, durante o qual, num período de uma semana eram realizadas atividades como palestras, trabalhos em grupo, celebrações e esportes. Meincke participou daquele primeiro encontro como um grupo de jovens da RE-IV, e, durante o encontro foi encarregado de encaminhar o segundo ARJ, para 1981.²²⁸

Os cinco temas centrais do primeiro ARJ foram tratados sob duas perspectivas: Espiritualidade (Batismo e Santa Ceia) e Ação (a situação de índios, operários e pequenos agricultores). A construção de usinas hidrelétricas no Rio Uruguai pela Eletrosul também foi motivo de reflexão por parte dos participantes, que ajudaram a formular um MANIFESTO. Neste manifesto, fica expressa a necessidade dos jovens conscientizarem-se a respeito da situação dos grupos indígenas e compartilharem as alternativas para a resistência dos pequenos agricultores de forma a atuarem numa transformação social não-violenta, conforme o ideal do Grupo Justiça e Não-Violência, que ajudara na organização do acampamento.

No segundo²²⁹ e terceiro²³⁰ ARJ, realizados em Estrela e Não-Me-Toque/RS, respectivamente, atuarão como palestrantes: Sílvio Meincke, Silvino Schneider e

²²⁷ O primeiro acampamento realizou-se em 1980, próximo às ruínas de São Miguel, em Santo Ângelo/RS. O ideal da organização do Acampamento está ligado às ideias da Comunidade de Taizé, na França. "Lá se pratica há anos uma tentativa simples de viver o caminho de Jesus com os pobres. Há 10 anos foi convocado o Concílio dos Jovens. O objetivo maior era o de ser uma 'festa permanente' - uma festa em que se queria repartir os sofrimentos e a luta por uma igualdade maior entre os homens. [...] Visitaram as regiões mais pobres do mundo como a Índia, países asiáticos e a África. Desse encontro surgiu a expressão: REPARTIR JUNTOS!". *Repartir Juntos. Acampamento de Jovens da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil*. Ijuí: Michaelson, n. 1, 1980, p. 12. Neste acampamento, foram tratados 5 temas centrais, sob 2 perspectivas: Espiritualidade (Batismo e Santa Ceia) e Ação (a situação de índios, operários e pequenos agricultores).

²²⁸ Meincke e os pastores Rui Bernhard e Arnoldo Maedche, entre outros, são os iniciadores desse movimento na IECLB, cujas edições anuais ocorrem até os dias de hoje.

²²⁹ *Repartir Juntos. Acampamento de Jovens da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil*. n. 2, 1981. O tema deste acampamento foi: "O culto evangélico e o amor a terra e a natureza".

Hélio Musskopf (CAPA), enfocando o trabalho que vinham realizando com os pequenos agricultores no cuidado da terra e da natureza.

Este cuidado propagado nos ARJ's integra as iniciativas do CAPA, que fora criado justamente para difundir este amor à terra e fixar o pequeno agricultor à sua propriedade. Os temas discutidos nos ARJ's, como o cuidado da terra, da natureza, a mobilização de agricultores e o apoio aos grupos indígenas, foram divulgados no Suplemento Técnico Rural do Jornal Evangélico denominado *Nova Paisagem*, que era organizado pelo respectivo Centro.

Através desse Suplemento, o "CAPA pretende levar um pouco de orientação prática através deste informativo. Orientações que nos ajudem a transformar a paisagem de hoje numa NOVA PAISAGEM rural".²³¹ Na primeira orientação técnica da coluna *A-B-C do agricultor prático – Ein A-B-C für den praktischen Landwirt*²³² – Hélio Musskopf tratou da interdependência que deve existir numa pequena propriedade:

você tem gado, porco, galinha? Então não deixe a chuva lavar este esterco dos animais. E o que você faz com os restos das colheitas, o que você faz com as palhas? Espero que você não seja daqueles loucos que queimam as palhas. Você conhece adubos verdes? [...] Você já ouviu falar em 'composto orgânico'? Pois este adubo a gente faz da seguinte maneira [...]

As técnicas divulgadas nesta coluna consistiam na conservação do solo através da construção de 'curvas de nível',²³³ planejamento e organização das instalações da propriedade (da casa até os galpões, chiqueiros e estábulos e potreiro para o gado) assim como da área para o cultivo de alimentos (feijão, batatinha, milho, aipim, cana-de-açúcar), seja na horta, no pomar ou no restante da propriedade. Este planejamento levava em conta também os períodos das estações climáticas, a rotação e diversificação de culturas.

²³⁰ *Repartir Juntos*. Acampamento de Jovens da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. n. 3, 1982. O tema deste acampamento: "O mundo em que vivemos e o Reino que buscamos".

²³¹ MUSSKOPF, Hélio L. A-B-C do agricultor prático/Ein A-B-C für den praktischen Landwirt. *Nova Paisagem*, n. 1, 1979, p. 4.

²³² Esta coluna do *Nova Paisagem* foi encontrada até o número 48 de out./nov. 1987. Doravante, as orientações técnicas divulgadas passam a ocupar diferentes páginas. Até o número 10, de jun./jul. 1981, esta coluna do *Nova Paisagem* era publicada em alemão e português; doravante será publicada apenas em português.

²³³ Usadas para evitar a erosão em terrenos com declive.

Dois instrumentos importantes em termos ecológicos divulgados nesta coluna, inclusive adaptados hoje para os centros urbanos, são a “caixa de compostagem” e o biodigestor.²³⁴ A construção de ambos era incentivada com o objetivo de proporcionar a independência da propriedade dos adubos químicos e dos custos com o consumo de energia elétrica e de combustíveis.²³⁵

A maior parte destas técnicas esteve presente na proposta do CAPA em criar *propriedades modelo Nova Paisagem*, com orientação e apoio do Centro. Parte deste projeto foi apresentado na edição de outubro/novembro de 1983 e, segundo Hélio Musskopf, já existiam algumas propriedades modelo instaladas nos municípios de Santo Ângelo, Santa Rosa, Três Passos e Três de Maio/RS.²³⁶

A divulgação da Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948 também fez parte do *Nova Paisagem*. Os trinta artigos desta Declaração, contendo notas de documentos, estudos e posicionamentos de diferentes igrejas²³⁷ foram publicados até maio de 1982.²³⁸ Estes Direitos, que foram importantes para a história da IECLB no início da década de 1970, foram reafirmados e divulgados neste Suplemento que tinha por público leitor os agricultores, a maior parte deles distantes dos centros urbanos²³⁹ e do acesso aos órgãos de garantia destes direitos.

Além destes direitos mais universais, existiam os de classe e das associações cooperativistas de agricultores. Nos primeiros números do *Nova Paisagem*, as colunas *Agricultores vão tomar grandes decisões*²⁴⁰ e

²³⁴ Sobre origem, funcionamento e modelos de um biodigestores ver: ANDRADE, Marcio; ROCHA, Cíntia Hoffer da. Biodigestores rurais na perspectiva da sustentabilidade ambiental. In: AUED, Bernardete Wrublevski; VENDRAMINI, Célia Regina (Orgs.). *Educação do campo: desafios teóricos e práticos*. Florianópolis: Insular, 2009. p. 331-351

²³⁵ O incentivo à construção do biodigestor geralmente estava relacionado como alternativa às crises de petróleo e à construção de grandes barragens hidrelétricas.

²³⁶ A-B-C do agricultor prático. Não fede, não é caro, é brasileiro e já existe: propriedade modelo Nova Paisagem. *Nova Paisagem*, n. 24, out./nov. 1983, p. 4. No artigo, encontra-se a planta de uma construção onde o agricultor pode abrigar seus animais, guardar seus implementos, colheitas e sementes. À construção, está anexado o biodigestor.

²³⁷ O Caderno da CESE é usado, na maior parte dos artigos, como fonte.

²³⁸ *Nova Paisagem*, ano 3, n.15, abr./mai. 1982, p. 3.

²³⁹ É preciso contextualizar a exigência popular dos Direitos Humanos no período da ditadura militar e a sua contribuição para a democratização do país.

²⁴⁰ Esta coluna começou a ser publicada no segundo número do *Nova Paisagem* (jan./fev. 1980) e permaneceu até o número 20 (fev./mar. 1983). Os temas abordados eram: participação do agricultor em sindicatos e cooperativas e em manifestações (como a que ocorreu em 31 de março de 1980 contra o confisco da soja). Outros temas como cuidados com a terra, cultivo de determinada variedade de planta, apoio aos assentamentos de trabalhadores sem terras, parcerias com os colégios agrícolas que foram criados pela IECLB (Colégio Agrícola Teutônia e Colégio Presidente Getúlio Vargas-Sociedade Educacional Três de Maio), previdência e seguridade social rural também apareceram com menor frequência.

*Cooperativismo*²⁴¹ enfatizarão a necessidade de os agricultores se organizarem como classe trabalhista e em associações para garantirem seus direitos de trabalhadores rurais assim como vender sua produção e comprar de acordo com as suas necessidades. Os artigos sugerem a participação democrática nas decisões sindicais e da cooperativa, pelo fato dos sindicatos e as cooperativas ainda apresentarem muitas carências em virtude das interferências do governo no passado.

A proposta do Suplemento, no entanto, não se resume à informação técnica, incentivo à organização social e apoio aos movimentos sociais.²⁴² Divulga também as ações em mutirões onde é exposta a teoria e as práticas no cuidado da terra; publica artigos importantes de Organizações ambientais como: Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural (AGAPAN), Associação de Defesa e Educação Ambiental (ADEA); Associação de Preservação da Natureza do Vale do Gravataí e Grupo Seiva.

2.3 Elementos de uma Teologia da Ecologia

A reflexão da Teologia da Terra, conforme observado, esteve imersa consciente ou inconscientemente, na perspectiva ecológica da década de 1970 e 1980. A partir desta constatação, intenta-se destacar os aspectos ecológicos, principalmente a prática ecológica, para apontar, em seguida, elementos de uma Teologia da Ecologia.

A constatação de que a “teologia deve se estender à terra” já fora afirmada anteriormente na *Conferência do Nordeste* e na atuação da CPT. No entanto, para Silvino Scheneider, desde a juventude,²⁴³ a prática do cultivo da terra e da preservação da natureza constituirão uma espécie de preparação existencial para o que ele chamará, posteriormente, de Teologia da Terra com ênfase na prática ecológica. Esta prática consistia no resgate de técnicas tradicionais dos colonos

²⁴¹ A coluna que trata sobre o cooperativismo surge logo no primeiro número, com o título *A força do agricultor*, que vai permanecer até o segundo número. Doravante, até o número 13 (dez./jan. 1981) a coluna vai tratar do tema, cooperativismo, com títulos diversos.

²⁴² Movimento dos Atingidos por Barragens, por exemplo.

²⁴³ Silvino passou sua infância e Juventude em Ivotí/RS, como escrito acima. É possível que tenha tido contato com as ideias do primeiro ambientalista da região, Henrique Luís Roesler, assim como a obra do Padre Balduino Rambo. Este padre foi pioneiro na pesquisa botânica e descrição física do Rio Grande do Sul e ambos aparecem lado a lado na história do movimento ambientalista no Rio Grande do Sul. BONES; HASSE, 2002, p. 28.

teuto-brasileiros e a incorporação de novas técnicas, mediante experimentação, entre elas a agricultura biológica.

Inúmeras vezes refletimos sobre a necessidade da Teologia se estender à terra e a tudo que a ela se relaciona. Constatamos que, geralmente, a nossa fé não abrange a terra, a vida com um todo, assim que ela permanece abstrata, como algo que não se funde com a essência de nosso ser.²⁴⁴

Esta afirmação teológica, para a época, é realmente algo muito forte. Demonstra que o pastor Silvino Schneider tinha viva consciência do que representava, teologicamente, o seu trabalho com a terra e de mobilização junto aos pequenos agricultores. Talvez, até se possa afirmar que ele imaginou uma *teologia da ecologia*, sem conseguir, no entanto, formulá-la sistematicamente, como alguns outros teólogos fizeram mais tarde.

Observa-se que uma publicação que tratou da Teologia da Terra na forma de um método surgiu apenas na metade da década de 1980. A obra de Marcelo de Barros Souza e José L. Caravias, *Teologia da Terra*, ampliará o horizonte desta teologia focando-se numa análise crítica ao desenvolvimento do sistema capitalista que coloca em movimento a espolição dos camponeses, indígenas e afro-ameríndos da América Latina.²⁴⁵ Com enfoque bíblico da luta pela terra no Antigo Testamento e do Reino de Deus anunciado por Jesus no Novo Testamento, estes dois teólogos constituirão uma hermenêutica voltada à realidade do contexto latino-americano.

Estes temas centrais no testemunho bíblico, *Reino de Deus e Criação*, aparecem também na obra de Jürgen Moltmann, *Deus na Criação*, de 1985.²⁴⁶ Moltmann destaca que “desde a ‘Controvérsia da Igreja Confessante’ e os ‘cristãos alemães’ nos anos da ditadura alemã, a doutrina da criação não mais foi tema próprio da teologia evangélica na Alemanha”.²⁴⁷ Esta controvérsia consistiu entre a defesa de uma ‘teologia natural’, sustentada pelo regime nazista, e a “teologia da revelação” sustentada na *Declaração Teológica de Barmen* de 1934, para cuja redação Karl Barth contribuiu de maneira especial, como é sabido. Isto significa que

²⁴⁴ SCHNEIDER, Silvino. Teologia da Terra. *Jornal Evangélico*, ano 94, 1^a quinz. abr. 1980, p. 8.

²⁴⁵ SOUZA; CARAVIAS, 1988.

²⁴⁶ A primeira publicação é de 1985. No Brasil, esta obra será traduzida e publicada apenas em 1993. MOLTSMANN, 1993.

²⁴⁷ MOLTSMANN, 1993, p. 9.

sua teologia permeia aquele documento histórico. Ocorre que, por causa desse debate e das consequências que ele trouxe para a reflexão teológica ortodoxa, a teologia natural, que reflete as condições do mundo em relação com a Criação de Deus, foi abandonada a partir dessa época, com sérios prejuízos para a compreensão da ecologia como um desafio para a responsabilidade cristã de defesa do meio ambiente.

Destaca-se ainda que, apenas em 1989, durante o Primeiro Encontro Latino-Americano da Teologia da Terra, se afirmará com ênfase que a “problemática ‘ecologia’ necessita ser abordada “pela íntima relação que tem com a Teologia da Terra”.²⁴⁸ A necessidade se fez sentir em virtude da “urgência de maior diálogo da teologia com a ecologia ou, pelo menos, a existência de uma produção teológica que leve em conta as aspirações atuais da humanidade e suas reivindicações no terreno ecológico, não sem deixar de observar-lhe as ambigüidades”.²⁴⁹

Por fim, na década de 1990, muitas obras envolvendo o diálogo Teologia-Ecologia serão publicadas, a maior parte destacando a caminhada da ecologia desde Ernest Haeckel até as formas atuais da ecologia como a ecologia técnica, política, social, humana e radical.²⁵⁰ Os temas teológicos, no entanto, permanecem focados e se situam neste diálogo, que relaciona Teologia da Criação e Teologia do Reino de Deus.

A ênfase ecológica da teologia de Silvino Schneider provém da prática ecológica. Sobre este aspecto, esta pesquisa o confirma a cada passo de sua biografia e prática pastoral. Atualmente, após as grandes transformações humanas na construção da paisagem relativa ao meio ambiente e ao uso que dele fazem as comunidades, admite-se entre respeitáveis ecologistas que a cultura camponesa teve, e ainda mantém, práticas de cultivo ecológicas. Assim se expressou o ambientalista José Lutzenberger:

aqui [*no sul do Brasil*], cunharam a palavra minifúndio, em contraste com o latifúndio, querendo dizer que o colono é apenas um pequeno latifundiário, muito pequeno, e por isso não funciona porque ele é pequeno demais. Agora usaram uma expressão nova, ‘agricultura familiar’, já bem melhor.

²⁴⁸ MEDINA, 1991, p. 18.

²⁴⁹ MEDINA, 1991, p. 17.

²⁵⁰ BOFF, Leonardo. *Princípio Terra: a volta à Terra como Pátria Comum*. São Paulo: Ática, 1995. p. 20-26. Boff destaca que estas *ecologias* são diagnósticos e terapias que, mesmo importantes, não resolverão a crise ecológica sem a mudança de atitude humana no domínio da natureza.

Mas não querem usar a palavra camponês. Ora, o camponês é o trabalhador do campo, só isso? Então, o cara que abre uma valeta lá no campo é camponês? Olha, em todas aquelas culturas, onde os poderosos deixaram, surgiram lindas culturas camponesas, como na Europa, em toda a Ásia, aqui na América (só nos Andes), na América Central e no México. [...] Em cada lugar surgia uma produtividade adequada às condições ecológicas locais.²⁵¹

Lutzeberger foi um seguidor de Balduino Rambo, Henrique Roesler e outros homens visionários que souberam aliar seus conhecimentos científicos com uma visão crítica dos processos de uso, cultivo e destinação das terras agricultáveis no Brasil, sendo, por isto, e com razão, denominados de “pioneiros da ecologia no RS”. Lori Altmann menciona em sua tese a trajetória importante de um grande entomólogo de Santa Catarina, Fritz Plaumann que, a seu modo, também defendeu uma relação mais preservacionista com a natureza ao pesquisar com afinco e competência o ambiente em que viveu e descrever com muita fidelidade tanto o que conheceu dos povos indígenas do oeste de Santa Catarina, quanto a forma como os colonos descendentes de alemães se apropriaram da terra e nela construíram seu novo habitat.²⁵²

O movimento social do contexto rural também tem reafirmado esta preocupação ecológica entre os camponeses, refletindo o contexto socioeconômico brasileiro onde o avanço de novas formas de exploração da terra se concretizam, sob os auspícios do capital estrangeiro. Um dos exemplos atuais que vem incorporando a dimensão ecológica na luta social, com relativo sucesso em algumas áreas de assentamento, é o Movimento dos Sem Terra. Um estudo recente revela:

No Brasil, o mais importante movimento socioterritorial camponês é o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), que é membro da Via Campesina. Para o MST, a questão agrária brasileira não é somente uma questão de terra; ela apresenta diversos outros problemas atuais como a questão de gênero, democracia, meio ambiente (água, florestas e biodiversidade), direitos humanos, alimentos transgênicos, agronegócio e agricultura ecológica. O MST, através de suas ações, luta pela solução dos problemas concernentes à questão agrária, questionando o governo, as grandes empresas, os fazendeiros e a sociedade acerca das práticas socialmente injustas e ambientalmente predatórias disseminadas no campo pelo modelo agrícola dominante – o agronegócio. O MST luta por um desenvolvimento que considere a diminuição da desigualdade e da pobreza

²⁵¹ BONES; HASSE, 2002, p. 133-134.

²⁵² ALTMANN, 2009, p. 143-167.

no campo, na cidade e na floresta a partir da resolução dos problemas da questão agrária.²⁵³

Esta luta do MST foi e continua sendo reconhecida por algumas Igrejas que refletiram a questão da terra e puderam, conforme observado, refletir uma Teologia da Terra. Mostra que a ecologia já estava presente nesta reflexão há algum tempo. Diante da luta pela terra, incorpora que o direito de cultivo da terra está relacionado também à responsabilidade daquele que se compromete a cuidar da terra.

A crítica ao projeto político-econômico de desenvolvimento foi a base da reflexão teológica a partir da realidade, e esta tendência pouco permitiu o desenvolvimento de uma perspectiva ecológica na análise da realidade. Esta perspectiva foi sendo incorporada a partir da década de 1980, quase dez anos após a reunião do Grupo de Roma. Assim, quem refletia a Teologia da Terra passou a reconhecer neste período a importância desta abordagem.

Retornando à prática ecológica de Schneider, observa-se, a partir da pesquisa, alguns aspectos importantes para uma Teologia em diálogo com a ecologia, sem o intuito de subsumir a Teologia da Terra numa outra teologia. Trata-se, isto sim, de identificar elementos de uma Teologia da Ecologia, mais precisamente de uma Teologia da *prática* ecológica no contexto rural da pequena propriedade.

A prática ecológica comprometida com a libertação do ser humano e da natureza necessita ser refletida e promovida pela Teologia. Observa-se que Schneider reconheceu que a agricultura biológica e a preservação da diversidade natural lhe ajudaram a levar a teologia à terra. Ele destacou que nas práticas da agricultura biológica se manifestava a vontade de Deus e parte da luta pelo Reino de Deus.

O diálogo entre teologia e ecologia em Schneider teve o objetivo claro de promover a independência do pequeno agricultor e da sua terra, constituindo-se num projeto de autonomia da pequena propriedade. Schneider compreendeu que a agricultura moderna causara a dependência do agricultor e da terra, e por isso

²⁵³ GIRARDI, Eduardo Paulon. *Proposição Teórico-Metodológica de uma Cartografia Geográfica Crítica e sua aplicação no desenvolvimento do Atlas da Questão Agrária Brasileira*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2008. p. 114.

resgatou do passado a interdependência existente entre o ser humano, a terra, os animais domésticos e a natureza.

Como exemplo contrário, observa-se que a falta desta interdependência pode ser identificada na agricultura do latifundiário, pois a atenção com os trabalhadores, animais e a natureza lhe dispensa tempo e dinheiro, sendo que seu objetivo é o lucro. O adubo químico, o agrotóxico, as sementes geneticamente modificadas e as máquinas descartaram esta interdependência e permitiram que o proprietário se estabelecesse distante de suas terras, inclusive em centros urbanos, exercendo outra profissão, conforme constatou Meincke. Os altos custos desta estrutura agrícola geralmente são transferidos para outros países, através de empresas multinacionais.

O *amor* e o *cuidado* fazem parte da relação do ser humano com o próximo e com a Criação de Deus. Schneider destacou que “Deus corporificara o seu amor na Criação e que o discipulado cristão consistia em reconhecer qual é a finalidade que Deus deu à Criação. Como consequência, o discípulo faz a vontade do Criador em relação à Terra e a tudo que ele criou.”²⁵⁴

É possível que Schneider tenha ampliado à natureza o amor e o cuidado que o pequeno agricultor e agricultora despendem aos seus animais, a terra e ao cultivo das plantas, pois já eram conhecidos desde sua juventude. Observa-se que os animais domésticos, como a vaca e o porco, exigem a presença e o cuidado do ser humano diariamente. E estes cuidados se refletem na alimentação do próprio ser humano e da terra, pois desde o leite e a carne para alimento, até o esterco para adubo, tudo é aproveitado. Trata-se, portanto, de um amor geralmente correspondido e entendido pelo pequeno agricultor como uma bênção de Deus.

Assim, a autonomia e a liberdade do pequeno agricultor e agricultora estão amparadas numa relação de interdependência que não exclui o amor e o cuidado. Esta autonomia e interdependência integram o processo de libertação, que é muito mais amplo e abrangente.

O amor à criação é importante para o ser humano conhecer e reconhecer a natureza e a riqueza que Deus colocara nela. Schneider observou que durante a

²⁵⁴ SCHNEIDER, Silvino. Teologia da Terra. Deus corporificou o seu amor na Criação. *Nova Paisagem*, ano 3, n. 20, fev./mar. 1983, p. 2.

Primeira Exposição de Produtos Naturais, as pessoas que se mobilizaram para realizar o encontro expressaram sua sede por uma “fé abrangente e corporificada” e disposição para servir e estimular²⁵⁵ a iniciativa ecológica do Lachares. Para Schneider, o materialismo, que pode ser mais bem qualificado nos excessos da sociedade de consumo, não tem por base a fé e deixa, portanto, o ser humano “sem sensibilidade e responsabilidade perante a criação de Deus”.²⁵⁶

O ser humano que pratica a ecologia comprometida com a libertação atua como instrumento na construção do Reino de Deus. Schneider observou que a sua proposta de agricultura vem de encontro ao poder concreto e simbólico da modernização da agricultura. Num artigo, dirigindo-se aos agricultores, ele destaca:

já contou a amigos que vai fertilizar sua terra com compostos e matéria orgânica em geral. Que vai selecionar sementes e plantar as que têm mais resistência às doenças. Certamente você notou que a maioria não aprovou sua decisão. Se assim aconteceu, isto lhe preocupa? Não ser aprovado pela maioria não me preocupa. A mim preocupa viver e trabalhar sem a aprovação e benção de Deus, que é o criador e Senhor de nossa vida e tudo o que existe no nosso Planeta.[...] quero lhe compartilhar que toda obra a favor da vida e salvação, que foi promovida pelo Espírito de Deus visando a construção de seu Reino, nunca foi praticada pela maioria.²⁵⁷

Neste contexto, para Schneider, a motivação do agricultor a persistir na prática ecológica é importante. Por meio de passagens bíblicas e mensagens de confiança, ele observa que o agricultor pode e deve tomar decisões que são importantes para o futuro da humanidade. Ele afirma, baseado em 2Tm 1.6-7, que Deus deu ao ser humano o espírito do amor, poder e moderação para poder decidir em favor da vida, de acordo com a vontade do criador da vida. Ele destaca a ênfase política entendida como escolha e decisão com vistas ao futuro.²⁵⁸ Esta ênfase, de escolha e decisão, é ampliada para decisões que envolvem a democracia nas associações de classe e cooperativas, conforme observa-se na coluna *Os agricultores vão tomar grandes decisões* do Suplemento *Nova Paisagem*.

Há, portanto, *passagens bíblicas que promulgam a prática ecológica*. Já foi observado que Meincke enfatizara que o Éden (Gn 2.8-16) é uma realidade presente

²⁵⁵ SCHNEIDER, Silvino. Teologia da Terra. *Jornal Evangélico*, ano 94, 1ª quin. mai. 1980, p. 8.

²⁵⁶ SCHNEIDER, Silvino. Teologia da Terra. *Jornal Evangélico*, ano 94, 1ª quin. abr. 1980, p. 8.

²⁵⁷ SCHNEIDER, Silvino. Teologia da Terra. *Jornal Evangélico*, ano 94, 1ª quin. abr. 1980, p. 8.

²⁵⁸ “Se você gostaria de decidir a favor da VIDA e de acordo com o CRIADOR DA VIDA, por que não fazer grupos de reflexão e levar a Teologia para a Terra? Sem formar grupos, a boa intenção individual poderá ser frustrada”. SCHNEIDER, Silvino. Teologia da Terra. *Jornal Evangélico*, ano 94, 2ª quin. fev. 1980, p. 8.

na vida dos agricultores que compreenderam a necessidade de cuidar da natureza. Atualmente, em virtude do fato de que a dimensão ecológica não se constitui propriamente como centro da Bíblia,²⁵⁹ a interpretação dos textos bíblicos a partir de uma Hermenêutica Ecológica, é observada como a opção de muitos biblistas latino-americanos.²⁶⁰

²⁵⁹ REIMER, Haroldo. *Toda a Criação: Bíblia e Ecologia*. São Leopoldo: Oikos, 2006. p. 17.

²⁶⁰ Como exemplo, REIMER, 2006; SCHWANTES, Milton. *Projetos de esperança: meditações sobre Gênesis 1-11*. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 1989; CROATTO, José Severino. *Êxodo: uma hermenêutica da liberdade*. São Paulo: Paulinas, 1981.

CONCLUSÃO

A pesquisa que deu origem a esta dissertação teve por objetivo identificar a Teologia subjacente à criação e desenvolvimento do Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor (1978), levando em conta o fato de este centro difundir práticas agroecológicas até os dias atuais.

No decorrer da pesquisa, em contato com documentos e publicações, constatou-se que o CAPA foi precedido por diversas outras iniciativas da IECLB que tinham por objetivo ajudar seus membros, a maior parte, pequenos agricultores. Uma destas iniciativas, com ênfase ecológica, foi a criação do Lar da Cultura e Harmonia de Reintegração Social (1976) em Rancho Queimado, Santa Catarina.

Com a atenção de parte da pesquisa voltada ao LACHARES, foi se desvelando a Teologia subjacente aos projetos: tratava-se da Teologia da Terra, redigida pelo Pastor Silvino Schneider em artigos no *Jornal Evangélico*, e que enfatizava a prática do Lar no cuidado e respeito à natureza através da agricultura biológica.

A Teologia da Terra de Silvino Schneider e aquela subjacente à criação do CAPA têm em comum o fato da emergência da reflexão e análise sócio-histórica e política na Teologia da IECLB. Em ambas se encontrará o aspecto ecológico e prático no dia a dia dos agricultores e agricultoras.

Ao constatar a importância que esta reflexão e análise sócio-histórica teve na Teologia da Terra com ênfase ecológica, procedeu-se na dissertação do primeiro capítulo com esta ênfase. Em diálogo com diferentes perspectivas históricas a respeito da *região de referência*, foi possível identificar a origem e os fatos importantes que desencadearam a emergência dos movimentos sociais de luta pela terra.

Neste diálogo, também foi expressiva a obra do escritor Charles Kiefer, por caracterizar com detalhes fatos históricos do noroeste do Rio Grande do Sul. Embora desejável, infelizmente não foi possível aprofundar a obra literária de Arno Ecke, um professor que atuou nas escolas comunitárias da IECLB durante a década de 1930, também no noroeste gaúcho.

A grande surpresa do diálogo do primeiro capítulo foi o fato de identificar que o modelo de pequena propriedade difundido pelo LACHARES e pelo CAPA corresponde a alguns aprimoramentos das pesquisas feitas pelos pioneiros da ecologia agrária, componentes da escola russa de estudos do solo²⁶¹ e das plantas, e da reposição da fertilidade das terras cultivadas em virtude da necessidade crescente de alimentos.

Corroborando o caráter crítico da Teologia da Terra em relação ao latifúndio, destacaram-se, a partir da ecologia agrária, as mudanças que ocorreram com o início da adubação química, o que acabou, em termos ecológicos, gerando grande distinção entre o latifúndio-monocultor e o modelo da pequena propriedade onde ocorre a diversificação de culturas e a reposição da fertilidade do solo com a criação e o cuidado de animais.

Assim, observou-se que na *região de referência* o avanço do latifúndio e da monocultura teve consequências sociais e ecológicas. Sociais, pois diante da mobilização do MST, não ocorreu nenhum avanço por parte do governo em mudar a estrutura agrária; ao contrário, ele manteve a situação dos latifundiários e tentou transferir, para as Novas Áreas de colonização, os agricultores mobilizados. Em relação à ecologia, são muitas as consequências ambientais da expansão do latifúndio, a maioria derivada daquela suposta autonomia que o latifundiário conseguiu com o uso de adubos químicos no fim do século XIX; hoje, no mercado agrícola, a maior parte das sementes (especialmente as transgênicas), produtos químicos e implementos agrícolas estão direcionados ao latifundiário.

A riqueza na reflexão da Teologia da Terra foi o destaque do segundo capítulo. No ecumenismo protestante da CEB, foi constatada, já na década de 1960, a necessidade de uma teologia que tratasse da questão da terra, levando em conta a ecologia. Na IECLB, a reflexão emergente desta teologia na década de 1970 culmina com o importante tema do ano de 1982, *Terra de Deus, terra para todos*. No contexto da emergência desta reflexão, estão a obra e a atuação de diversas lideranças eclesiais: uma das destacadas no capítulo foi a do obreiro Sílvio Meincke.

No entanto, a constatação mais importante da pesquisa está focada na redescoberta do LACHARES. Este Lar, que contou com a iniciativa e atuação de

²⁶¹ NASCIMENTO, 2009, p. 46-70.

Silvino Schneider, foi um centro difusor de práticas agrícolas ecológicas, contextualizadas às dificuldades dos pequenos agricultores. A propriedade, a estrutura e assistência oferecidas pelo Lar foram sendo constituídas com atuação ecumênica, ou seja, com a ajuda de famílias de diferentes confissões religiosas. É possível, através destas constatações, afirmar o caráter pioneiro do projeto tanto em relação à preocupação ecológica, quanto à atuação social ecumênica no contexto rural de Santa Catarina.

No entanto, constatou-se também que este Lar não tem merecido o devido destaque na memória da IECLB. O LACHARES já foi objeto de pesquisa em duas dissertações, uma em Agroecossistemas²⁶² e outra em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental.²⁶³ No entanto, são poucos os registros históricos da IECLB a respeito da importância do LACHARES. Uma pesquisa especificamente voltada ao projeto e à atuação de Silvino Schneider contribuiria para o resgate histórico deste pioneirismo e para a atual reflexão teológica na IECLB.

Por fim, a dissertação mostra também que há referenciais importantes, como os da ecologia agrária, a serem abordados numa análise sócio-histórica que integra a construção de uma Teologia da Ecologia. Com isto, vislumbram-se possibilidades de contribuição para a reflexão da relação Teologia/Ecologia a partir de diferentes contextos e práticas ecológicas.

²⁶² WUERGES, 2005.

²⁶³ SILVA, Rodrigo B. S. *Projetos destinos indutores: avanços e desafios do TRAF – Turismo Rural na Agricultura Familiar em Rancho Queimado (SC)*. Dissertação (Mestrado Profissional em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental) – Centro de Ciências Humanas e da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

REFERÊNCIAS

A-B-C do agricultor prático. Não fede, não é caro, é brasileiro e já existe: propriedade modelo Nova Paisagem. *Nova Paisagem*, n. 24, out./nov. 1983.

Ação Missionária Hoje. I Concílio da 3ª Região Eclesiástica da IECLB. Panambi, 1969.

Agencia Latinoamericana de Información. Disponível em: <<http://alainet.org/active/25773&lang=es>>. Acesso em: 4 dez. 2009.

ALTMANN, Lori. *Memória, identidade e um espaço de conflito: a comunidade de Nova Teutônia no contexto de disputa por terra com a comunidade Kaingáng da Área Indígena Toldo Pinhal*. Tese (Doutorado em Teologia) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2009.

ANDRADE, Marcio; ROCHA, Cíntia Hoffer da. Biodigestores rurais na perspectiva da sustentabilidade ambiental. In: AUED, Bernardete Wrublevski; VENDRAMINI, Célia Regina (Orgs.). *Educação do campo: desafios teóricos e práticos*. Florianópolis: Insular, 2009.

ARDENGHI, Lurdes Grolli. *Caboclos, ervateiros e coronéis: luta e resistência em Palmeira das Missões*. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2003.

Arquivo Histórico da IECLB-EST. RE III, pasta 2/4. RE. Relatório da Promoção Rural Evangélica. 24, jun, 1970.

BECKER, Ítala B. El índio y la colonización: charruas y minuanes. *Pesquisas*, São Leopoldo, 1984.

_____. O Índio Kaingáng e a Colonização Alemã. *Separata de Anais do 2º Simpósio de História da Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, [s.d.].

BESCHOREN, Maximiliano. *Impressões de viagem na Província do Rio Grande do Sul*. 1875-1887. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1989.

BITTENCOURT FILHO, José. *Matriz religiosa brasileira: religiosidade e mudança social*. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Koinonia, 2003.

- BOFF, Clodovis. *Teologia da Terra: colocações de base*. [s.l.: s.n.], 197[8?].
- BOFF, Leonardo. *Princípio Terra: a volta à Terra como Pátria Comum*. São Paulo: Ática, 1995.
- BONDER, Nilton. Por uma teologia da ecologia. *Comunicações do ISEER*, v. 11, n. 40, p. 16-19, 1992.
- BONES, Elmar; HASSE, Geraldo. *Pioneiros da Ecologia: breve história do Movimento Ambientalista no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: JÁ Editores, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.
- BUBLITZ, Juliana. Desmatamento Civilizador: a História Ambiental da Colonização Européia no Rio Grande do Sul (1824-1924). *III Encontro da ANPPAS*. Brasília, mai. 2006.
- _____. Forasteiros na floresta subtropical: notas para uma História Ambiental da Colonização Alemã no Rio Grande do Sul. *Ambiente & Sociedade*, Campinas, v. 11, n. 2, p. 323-340, jul./dez. 2008. Disponível em: <<http://www.ibcperu.org/doc/isis/10285.pdf>>. Vários acessos.
- BUCHWEITZ, Suzanne. *O tempo compartilhado: 25 anos do CAPA*. Porto Alegre: Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor, 2003.
- BURGER, Germano. A Região Eclesiástica III. *Presença Luterana 1970: uma coletânea de informações sobre a vivência dos evangélicos luteranos no Brasil*. São Leopoldo: Sinodal, 1970.
- CEB. *Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro*. v. I, Conferência do Nordeste-IV Reunião de Estudos, Setor de Responsabilidade Social das Igrejas. CEB, 1962.
- _____. *Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro*. v. II, Conferência do Nordeste-IV Reunião de Estudos, Setor de Responsabilidade Social das Igrejas. CEB, 1962.
- CHARLES KIEFER. Disponível em: <<http://www.charleskiefer.com.br>>. Vários acessos.
- Deus criou o homem à sua imagem*. Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, VI Concílio Regional da III Região Eclesiástica, 1979.
- Deus escreve reto por linhas tortas. *Nova Paisagem*, ano 2, n. 10, jun./jul. 1981.

DREHER, Martin N. *Igreja e germanidade: estudo crítico da história da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1984.

DRESSEL, Heinz. A Igreja Evangélica face ao desafio brasileiro. In: *Ensaio Luteranos: dos primórdios aos tempos atuais do luteranismo no Brasil*. São Leopoldo: Sinodal, 1986.

DRUMMOND, José Augusto. História Ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, 1991. Disponível em: <<http://www.virtualbib.fgv.br/index.php/reh/article/view/2319/1458>>. Vários acessos. Editorial. *Nova Paisagem*, n. 1, dez. 1979.

ECKE, Arno. *No reino do agricultor*. Ijuí: Michaelson & Hass, 1972.

Em busca de uma solução doméstica. *Jornal Evangélico*, ano 96, n. 4, 2ª quin. jan. 1982.

Em Taquaras incentiva-se a agricultura biológica. *Jornal Evangélico*, ano 93, 1ª quin. abr. 1979.

Exposição do LACHARES, realizada em 9 de março de 1980. A respeito desta exposição, ver: LAR de Taquaras (SC) mostra em Exposição resultados da agricultura biodinâmica. *Nova Paisagem*, ano 1, n. 3, abr. 1980.

FÉLIX, Loiva Otero. *Coronelismo, borgismo e cooptação política*. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 1996.

FERRAROTTI, Franco. A contribuição dos clássicos. In: FERRAROTTI, Franco et al. *Sociologia da Religião*. São Paulo: Paulinas, 1990.

FISCHER, Joachim. A presença Luterana. *Presença Luterana: uma coletânea de informações sobre a vivência dos Evangélicos Luteranos no Brasil*. São Leopoldo: Sinodal, 1970.

GARLET, Ivori; ASSIS, Valéria S. de. Diagnóstico da População Mbyá-Guarani no Sul do Brasil. *Cadernos do COMIN*, São Leopoldo, n. 17, dez. 1998.

GERTZ, René. *O perigo alemão*. Porto Alegre: UFRGS, 1991.

GIERUS, Friedrich. Informações para reflexão e tomada de posição. *Serviço de Informação Pastoral*, n. 9, jun. 1978.

GIRARDI, Eduardo Paulon. *Proposição Teórico-Methodológica de uma Cartografia Geográfica Crítica e sua aplicação no desenvolvimento do Atlas da Questão Agrária Brasileira*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2008.

GUDYNAS, Eduardo; EVIA, Graciela. *La praxis por la vida: introducción a las metodologías de la Ecología Social*. Montevideo: Editor, 1991.

IECLB. *Anuário Evangélico*. São Leopoldo: Sinodal, 1978.

KIEFER, Charles. *A face do abismo*. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994.

_____. *A face do Abismo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

_____. *Quem faz gemer a terra*. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.

_____. *Valsa para Bruno Stein*. 4. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

KIRINUS, Gernote. *Entre a cruz e a política*. [s.l.]: Beija-flor, [s.d.].

Lar da Cultura e Harmonia de Assistência e Reintegração Social (LACHARES), de Taquaras (SC), em comunicação com o pequeno agricultor. *Nova Paisagem*, n. 1, dez. 1979.

LUTZENBERGER, José. *Fim do Futuro? Manifesto Ecológico Brasileiro*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1978.

Malschitzky explica por que IECLB escolheu o tema da terra. *Jornal Evangélico*, ano 96, n. 7, abr. 1982, página central.

MARTÍ, José. *Nuestra América*. Venezuela: Biblioteca Ayacucho. Disponível em: <<http://www.bibliotecayacucho.gob.ve/fba/index.php?id=103>>. Vários acessos.

MARTINS, José de Souza. *Os camponeses e a política no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1983.

MEDINA, Alfredo Ferro (Org.). *A Teologia se fez Terra*. Primeiro Encontro Latino-Americano de Teologia da Terra. São Leopoldo: Sinodal, 1991.

MEINCKE, Sílvio. *A Fonte*. São Leopoldo: Sinodal, 1983.

_____. *Dádiva Terra*. Maravilha: Publicadora Uruguaí, 1982.

_____. O agrônomo. In: *Quem vai alimentar o mundo: histórias de pessoas que produzem alimentos*. [no prelo]

_____. O ativista. In: *Quem vai alimentar o mundo: histórias de pessoas que produzem alimentos*. [no prelo]

_____. O velho cedro. *Serviço de Informação Pastoral*, ano 1, n. 1, set. 1976.

MOLTMANN, Jürgen. *Deus na Criação: doutrina ecológica da criação*. Petrópolis: Vozes, 1993.

MOMBACH, Clarissa. *Representação da cultura teuto-gaúcha na literatura sul-riograndense contemporânea*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

MUSSKOPF, Hélio L. A-B-C do agricultor prático/Ein A-B-C für den praktischen Landwirt. *Nova Paisagem*, n. 1, 1979.

NASCIMENTO, Humberto Miranda . Economia, sociedade e natureza pelos pioneiros da ecologia política agrária. In: VEIGA, José Eli da (Org.). *Economia socioambiental*. São Paulo: SENAC, 2009. p. 49-70.

Nova Paisagem, ano 3, n.15, abr./mai. 1982.

Nova Paisagem, ano 2, n. 10, jun./jul. 1981.

OLKOSKI, Wilson. *História Agrária do Médio Alto Uruguai – RS: colonização, (re)apossamento das terras e exclusão (1900 – 1970)*. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Vale dos Sinos, São Leopoldo, 2002.

PASCHOAL, Adilson D. Patenteamento de sementes: uma lição da história. IN: LEWGOY, Flávio (Org.). *Política e meio ambiente*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

PUHL, Mario José. *A Cooperação e o desenvolvimento territorial rural*. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento, Gestão e Cidadania) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Gestão e Cidadania, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, 2006.

Questionamento à IECLB. *Serviço de Informação Pastoral*, n. 3, jan. 1977.

RAMBO, Lorival Inácio. *Um outro olhar sobre a colonização: a relação homem/natureza*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Comunitária Regional de Chapecó, Chapecó, 2007.

REIMER, Haroldo. *Toda a Criação: Bíblia e Ecologia*. São Leopoldo: Oikos, 2006.

RENK, Arlene. *A luta da erva: um ofício étnico no oeste catarinense*. Chapecó: Grifos, 1997.

Repartir Juntos. Acampamento de Jovens da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Ijuí: Michaelсен, n. 1, 1980.

_____. Acampamento de Jovens da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. n. 2, 1981.

_____. Acampamento de Jovens da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. n. 3, 1982.

Revista Unidasul, Tubarão, ano 1, n. 2, 2006.

ROCHE, Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Tomo 1. Porto Alegre: Globo, 1969.

SANTOS, José Vicente Tavares. A gestação da recusa: o 'colono retornado' dos Projetos de colonização da Amazônia. IN: SANTOS, José Vicente Tavares. *Revoluções Camponesas na América Latina*. São Paulo: Ícone, 1985.

SANTOS, Milton. *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional*. São Paulo: Hucitec, 1994.

SANTOS, Silvio Coelho dos. *Índios e brancos no sul do Brasil: a dramática experiência dos Xokleng*. Porto Alegre: Movimento; Brasília: Minc/Pró-Memória/INL, 1987.

SCHALLENBERGER, Erneldo. Estudos missionários: temas e abordagens. *São Francisco Xavier: nos 500 anos do nascimento de São Francisco Xavier: da Europa para o mundo, 1506-2006*. Porto: Centro Universitário de História da Espiritualidade, 2007.

SCHNEIDER, Silvino, Teologia da Terra. *Jornal Evangélico*, ano 94, 2ª quin. fev. 1980.

_____. Tecnologia da Escassez. *Nova Paisagem*, ano 6, n. 29, ago./set. 1984.

_____. Teologia da Terra. Deus corporificou o seu amor na Criação. *Nova Paisagem*, ano 3, n. 20, fev./mar. 1983.

_____. Teologia da Terra. *Jornal Evangélico*, 2ª quinz. mai. 1980.

_____. Teologia da Terra. *Jornal Evangélico*, ano 94, 1ª quinz. jun. 1980.

_____. Teologia da Terra. *Jornal Evangélico*, ano 94, 1ª quinz. mai. 1980.

_____. Teologia da Terra. *Jornal Evangélico*, ano 94, 1ª quinz. abr. 1980.

_____. Teologia da Terra. *Nova Paisagem*, ano 2, n. 11, ago./set. 1981.

_____. Teologia da Terra. *Nova Paisagem*, ano 2, n. 12, out./nov. 1981.

_____. Teologia da Terra. *Nova Paisagem*, ano 2, n. 13, dez./jan. 1981.

_____. Teologia da Terra. *Nova Paisagem*, ano 3, n. 14, fev./mar. 1982.

_____. Teologia da Terra. *Nova Paisagem*, ano 3, n. 16, jun./jul. 1982.

_____. Teologia da Terra. *Nova Paisagem*, n. 15, abr./mai. 1982.

_____. Teologia da Terra: Técnicas úteis em tempos de escassez. *Nova Paisagem*, ano 6, n. 30, out./nov. 1984.

SCHÜNEMANN, Rolf. *Do gueto à participação: o surgimento da consciência sócio-política na IECLB entre 1960 e 1975*. São Leopoldo: Sinodal, 1992.

SCHWANTES, Norberto. *Uma cruz em Terranova*. São Paulo: Scritta Oficina Editorial, 1989.

SHAULL, Richard. *As transformações profundas à luz de uma teologia evangélica*. Petrópolis: Vozes, 1967.

_____. *De dentro do furacão*. Richard Shaull e os primórdios da teologia da libertação. São Paulo: Sagarana/CEDI/CLAI/Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, 1985.

SILVA, Rodrigo B. S. *Projetos destinos indutores: avanços e desafios do TRAF – Turismo Rural na Agricultura Familiar em Rancho Queimado (SC)*. Dissertação (Mestrado Profissional em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental) – Centro de Ciências Humanas e da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

SOUZA MORAES, Carlos de. *O colono alemão: uma experiência vitoriosa a partir de São Leopoldo*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1981.

SOUZA, Marcelo de Barros; CARAVIAS, José L. *Teologia da Terra*. Petrópolis: Vozes, 1988.

Teologia da Terra e a missão de evangelizar. *Jornal Evangélico*, ano 94, 1ª quin. jul. 1980.

Teologia da Terra: Deus corporificou o seu amor na Criação. *Nova Paisagem*, ano 3, n. 20 fev./mar. 1983.

Terra de Deus, terra para todos. Auxílios Práticos. n. 1. São Leopoldo: Centro de Elaboração de Material da IECLB, 1982.

VANDERLINDE, Tarcísio. *Entre dois reinos: a inserção luterana entre os pequenos agricultores no sul do Brasil*. Cascavel: Edunioeste, 2006.

_____. *Estratégias de vida: agricultura familiar e formas associativas: um estudo de caso – CAPA – Núcleo Oeste*. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2002.

WAGNER, Carlos. *A saga do João Sem Terra*. Petrópolis: Vozes, 1989.

WORSTER, Donald. Para fazer história ambiental. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, 1991.

_____. *Transformaciones de la Tierra*. Biblioteca Latinoamericana em Ecologia Política. Disponível em: <<http://www.ecologiapolitica.net/worster/WorsterTransformacionesTierra.pdf>>. Vários acessos.

WUERGES, Edson Walmor. *Empoderamento e conflitos em experiências de planejamento e ações de desenvolvimento: um estudo de caso no município de Rancho Queimado – SC*. Dissertação (Mestrado em Agroecossistemas) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Agrárias, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

ZARTH, Paulo Afonso. *História agrária do planalto gaúcho - 1859-1920*. Ijuí: UNIJUÍ, 1997.

ANEXO

Nova Paisagem: Suplemento Técnico-Rural do Jornal Evangélico (destaque dos artigos publicados até o n.30 deste suplemento, onde foi encontrado o último artigo da Teologia da Terra de Silvino Schneider)

Página		p.2	p.3	p.4	p.5	p.6	p.7	p.8
1, dez 1979	<i>OBS: até o número 21, o Nova Paisagem traz poucas informações na primeira página.</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Segredos revelados (sobre a cooperação e liderança no meio rural); • Colheita (Or. Técnica para evitar desperdícios); Tome a decisão (Or. Técnica para cultivar alimentos); Problemas técnicos (Or. Técnica e incentivo aos agricultores para contatarem a EMATER); Quem não registra não é dono (Or. jurídica); • Antares prevê nova seca (a política agrícola de financiamento e crédito e as mudanças climáticas); 	<ul style="list-style-type: none"> • Editorial (a ordem de “guardar e cultivar o grande jardim” e as consequências do “progresso”; síntese dos objetivos do CAPA) • O CAPA (Atividades, e reuniões realizadas) • Direitos Humanos (art. I, do Caderno da CESE) 	<ul style="list-style-type: none"> • A-B-C do agricultor prático/ Ein A-B-C für den praktischen Landwirt (Or. Técnica, bilingüe) • E mais uma vez Natal (reflexão a partir de perguntas feitas à grupos de jovens sobre o sentido do Natal) 	<ul style="list-style-type: none"> • A força do agricultor (cooperativismo e sindicalismo de H.L.M.) 	<ul style="list-style-type: none"> • Lar da Cultura e Harmonia de Assistência e Reintegração Social (LACHARES), de Taquaras (SC), em comunicação com o pequeno agricultor (relato do P. Silvino Schneider a respeito do contexto de criação do LACHARES) 	<ul style="list-style-type: none"> • E a criação de porcos como vai? (Or. Técnica e energética- biogás) • Há muito o que fazer na agricultura, diz presidente da EMATER (sobre Extensão Rural) 	<ul style="list-style-type: none"> • As linhas do leite (relato em forma de diálogo sobre as dificuldades e possibilidades da produção leiteira) • Saber não ocupa lugar diz o povo. Saiba o que dizem outros JORNAIS, REVISTAS LIVROS (seleção de artigos e leituras. Livro indicado “A grande viagem do João Agricultor”; adubo orgânico – “Atualidades Cotripal”, Sapos contra pragas – “Cotrifatos”, fogo na lavoura – “O Interior”;
2, Jan-fev 1981		<ul style="list-style-type: none"> • 61 sacos de soja por hectare! (colheita feita em 1972, com a orientação técnica do município de Montenegro-RS. Produzir mais em espaço menor para cultivar também os alimentos necessários) • Os bons tempos das ervas medicinais e dos chás (baseado em matéria publicada no CHOQUE – CERTEL) • Agricultores acidentados (observação sobre acidentes comuns envolvendo as famílias de agricultores – extraído de um folheto da Fundação Gaúcha do Trabalho e Ação Social – RS, e Ministério do Trabalho) • Curta: sobre o uso de venenos; frases motivadoras 	<ul style="list-style-type: none"> • Editorial (barragens, hidrelétricas _____ que envolvem terras de colonos e grupos indígenas; direitos; Reforma Agrária; alternativas energéticas/solar) • Agricultores vão tomar grandes decisões (cooperativismo – de crédito - e sindicalismo) • Direitos Humanos (art. II, do Caderno da CESE) 	<ul style="list-style-type: none"> • A-B-C do agricultor prático/ Ein A-B-C für den praktischen Landwirt (Or. Técnica: curvas de nível) • A 120 por hora, com água e álcool no motor (sobre o motor de Jean Pierre Chambrin – extraído de “O Rio Grande Semanal” da cooperativa de jornalistas de Porto Alegre) 	<ul style="list-style-type: none"> • Cartas que estimulam e fazem reavaliar (do Presidente da IECLB; Da Ação Democrática Feminina Gaúcha – na pessoa de Wanda I. Seibt -; do Distrito Eclesiástico Sul do ES;) • De olho no chão (Or. Técnica) • Pouco _____ preço (comercialização e produção de milho) • Você sabia... (informações sobre o desmatamento e as queimadas) 	<ul style="list-style-type: none"> • Independência para a propriedade rural (Or. Técnica – biodigestor e produção de energia) • Sem a proteção do Estado (cooperativismo) 	<ul style="list-style-type: none"> • A força do agricultor: unir para agüentar. Cooperativismo _____ (de H.Musskopf) • Distribuição mais justa (cooperativismo) 	<ul style="list-style-type: none"> • Saber não ocupa lugar diz o povo. Saiba o que dizem outros JORNAIS, REVISTAS LIVROS (sobre leilões judiciais vendendo patrimônio de agricultores endividados – “O Interior”; Brasil pode eliminar pobreza – “Cotrifatos”; sobre a poda e uso de adubos minerais cristalinos- Revista “Agricultura & Cooperativismo” da Fecotriço; Não se mata mais os bezerros machos – “Agricultura e Cooperativismo” da Fecotriço; Na bancarrota, tratando sobre a agricultura tradicional – “Cotriornal”.
3, mar-abr 1981		<ul style="list-style-type: none"> • Lar de Taquaras (SC) mostra em Exposição 	<ul style="list-style-type: none"> • Editorial (custo alto do cultivo do trigo; 	<ul style="list-style-type: none"> • A-B-C do agricultor prático/ Ein A-B-C für den 	<ul style="list-style-type: none"> • Cartas que estimulam e fazem reavaliar (Do Setor 	<ul style="list-style-type: none"> • Por que os jovens devem escolher a agricultura 	<ul style="list-style-type: none"> • Livres agricultores em livres cooperativas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Saber não ocupa lugar diz o povo. Saiba o que dizem

		<p>resultado da agricultura biodinâmica (exposição de produtos oriundos do cultivo natural, ou seja, sem agrotóxicos; P. Silvino dedica-se integralmente ao LACHARES)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Agricultores: (congratulação aos agricultores que se mobilizaram para derrubar o confisco) • Panela cheia (receitas de Alpim ou Mandioca, do livro "Nutrição e Vigor") 	<p>PROAGRO com maior cobertura; incentivos para o cultivo de alimentos e sua relação com o êxodo; sindicalização e cooperativismo)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Agricultores vão tomar grandes decisões (destaque para o Departamento de Educação da Cooperativa – Cotrirosa – e dos seus Núcleos de Educação) • Direitos Humanos (art. III do Credo Social da Igreja Metodista) 	<p><i>praktischen Landwirt</i> (Or. Técnica, bilingüe)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Sabão comum ainda é melhor (de Wanda I. Seibt) 	<p>de Reflorestamento da Coop. Trit. Mista do Alto Jacuí Ltda. COTRIJAL; Do Centro de Assistência Rural – CARAT – de Arroio do Tigre – RS; Da Federação dos Trabalhadores na Agricultura – FETAG; Do P. Syrio Rückert – a respeito dos grupos 4-S - da Paróquia de Arroio do Meio-RS; Do MOVIPAN-Movimento de Proteção ao Ambiente Natural – de Não me toque –RS, na pessoa de Udo Schmiedt;</p>	<p>(sobre a atuação dos grupos 4-S de Santa Catarina- relato de José Guido Steffen, Itapiranga -SC)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Racionalizando (Or. Técnica – roda d'aqua para tocar irrigação) <p>Curtas: intercambio de jornais- Nova Paisagem por outros.</p>	<p>Cooperativismo (II) (artigo de H.L.M. contra as indicações oriundas dos governantes para presidente de cooperativas)</p>	<p>outros JORNAIS, REVISTAS LIVROS (Uruguai <i>descobre como economizar 43% de gasolina</i>; "Jornal do Comércio"; O leite como alimento – "ECO", da Cotrirosa; Exemplo nordestino – "PONTEIRO", Jornal das cooperativas do Nordeste; Cosias do trigo que é bom saber – "Cotrifatos" da Cotrirosa; Um areião dando lucro. Sem veneno e com esterco: Duas receitas – Revista "Agricultura & Cooperativismo" da Fecotrijo)</p>
4, jun-jul 1981		<ul style="list-style-type: none"> • Estrela dá um exemplo (artigo sobre um agricultor que cultiva soja e diversos outros alimentos, além de leite – bilingüe) • Panela Cheia (como fazer o leite de soja e um pudim de soja) 	<ul style="list-style-type: none"> • Editorial (agricultores endividados) • Agricultores vão tomar grandes decisões (organização de sociedades e cooperativas) • Direitos Humanos (art. IV, editado pela CESE) 	<ul style="list-style-type: none"> • A-B-C do agricultor prático/ Ein A-B-C für den praktischen Landwirt (Or. Técnica, bilingüe) • A força do vento (energia da luz solar e do vento-biogás) 	<ul style="list-style-type: none"> • Cartas que estimulam e fazem reavaliar (De Mário Ederich – Projetos & Equipamentos Solares; Do P. Arne Spieswinkel de Santa Cruz do Sul- RS; • Vamos comemorar o quê? (sobre o dia mundial do meio ambiente) • Árvore viva no Natal (plantar um pinheiro, e evitar o corte para uso apenas no Natal) 	<ul style="list-style-type: none"> • Agricultores do Alto Taquari devem muito a esta "Grickelschul" (sobre o Colégio Agrícola Teutônia, por Edelberto Behs) 	<ul style="list-style-type: none"> • A fusão das cooperativas e suas agroindústrias. Cooperativismo (III) (aspectos para a constituição de um cooperativismo forte, por H.L.M.) • Quando é que isso vai acabar (sobre o uso de venenos, a erosão; coscientização) <p>O homem e as coisas (analogias populares)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Saber não ocupa lugar diz o povo. Saiba o que dizem outros JORNAIS, REVISTAS LIVROS (A terra prometida – "ECO"; Rincão do Sossego. Um minifúndio organizado – "Cotrifatos"; Combustível de Eucalpto – "O Interior"; Quando não existiam venenos – "CHOQUE"; Jovens querem participar mais – "Atualidades Cotripal".
5, ago-set 1981		<ul style="list-style-type: none"> • A lenda da paz (artigo reproduzindo uma entrevista com Helen Caldicott, ativista contra as armas nucleares) • Panela cheia (receitas com milho) 	<ul style="list-style-type: none"> • Editorial (dia do colono, construção de hidrelétricas e usinas nucleares; anistia das dívidas; manifestação contra o confisco e contingenciamento.) • Agricultores vão tomar grandes decisões (em 31 de março de 1980 os colonos protestaram, nas ruas, contra o confisco da soja; incentivos para a libertação dos sindicatos das interferências do governo) • Direitos Humanos (art. V, editado pela CESE) 	<ul style="list-style-type: none"> • Cartas que estimulam e fazem reavaliar (do P. Walter Dörr, sobre o Internato Rural da CETO de Teófilo Otoni –MG; Da Ação Democrática Feminina Gaúcha, de Wanda I. Seibt, sobre o uso de venenos clorados; Do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Sapiranga-RS; De Lillian Dreyer, editora do Jornal CHOQUE; Da Secretaria da Agricultura do Estado do RS) • Campanha Arvore de Natal "Nova Vida" (evitar o corte do pinheiro para o período de Natal); Tem gente RONCANDO (artigo tratando da falta de mobilização contra as barragens, principalmente numa parte do Rio Uruguai, denominada de RONCADOR; sugestão de outras fontes energéticas e apoio às cooperativas de eletrificação) 	<ul style="list-style-type: none"> • A-B-C do agricultor prático/ Ein A-B-C für den praktischen Landwirt (Or. Técnica, bilingüe) • Um estágio diferente (sugestão do CAPA para os formandos do curso Técnico Agrícola: estágio junto aos pequenos agricultores) 	<ul style="list-style-type: none"> • Criar porcos só dá certo para quem gosta deste serviço (Or. Técnica) • O homem que plantou esperança e colheu felicidade (de O Interior) 	<ul style="list-style-type: none"> • O preço médio. Cooperativismo (V) (de H.L.M.) 	<ul style="list-style-type: none"> • Saber não ocupa lugar diz o povo. Saiba o que dizem outros JORNAIS, REVISTAS LIVROS (<i>Idade do juízo</i>, do livro de Monteiro Lobato, "História do Mundo para as crianças"; <i>As descobertas do sorgo</i> – "Atualidades Cotripal"; O cavalo da fábula – Trad. da Skt. Paulusblatt, da Soc. União Popular Volksverein; 110 milhões de sobras – "Jornal COAMO"; – "Cotrifatos"; <i>Um chefe relata</i>, - reflexão sobre perdão ao ato de roubar; Picadinho curtas sobre adubação verde, irrigação, injeção para raiva animal, horta pomar, ervas medicinais, composto orgânico e esterco curtido)
6, out-nov		<ul style="list-style-type: none"> • O ITR e a aposentadoria: 	<ul style="list-style-type: none"> • Editorial (o êxodo rural, 	<ul style="list-style-type: none"> • Vale a pena (carta 	<ul style="list-style-type: none"> • A-B-C do agricultor prático/ 	<ul style="list-style-type: none"> • O homem que plantou 	<ul style="list-style-type: none"> • Cooperativismo: Sobras e 	<ul style="list-style-type: none"> • Saber não ocupa lugar diz

1981		<p><i>Decisão deve ser do agricultor</i> (mudanças nos impostos e propostas para a seguridade social)</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>O futuro nas mãos dos jovens</i> (o CAPA, junto aos pastores, mobiliza a Juventude em busca de mudanças no interior) • <i>Leite é bom negócio</i> (relato a respeito de um agricultor associado à Cooperativa Agropecuária Cascavel do Paraná) • <i>Bio gás – Energia barata</i> (de Udo Werner Schmiedt, acadêmico de Agronomia da UFRGS) 	<p>anistia da dívida dos agricultores por conta da frustração de safra)</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Agricultores vão tomar grandes decisões</i> (Or. Técnica – <u>incorporação da matéria orgânica ao solo</u>) • <i>Direitos Humanos</i> (art. VI, extraído, em parte, da Constituição Gaudium et Spes, do Concílio Vaticano II de 1965) 	<p>compartilhando a experiência e os bons resultados da <u>orientação conjunta do CAPA, P. Gastão Breunig</u>, presidente e técnico do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Irai-RS. Ver NP 1, p.3)</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Agricultura desconfigurada</i> (de Udo Werner Schmiedt, Não Me Toque- Rs, ver p.3); <i>Convite</i> (dirigido ao CAPA, para participar como palestrante) • <i>Governo não faz milagres</i> (de Oswaldo R. Lohmann, Bom Retiro do Sul-RS, incentivando a colaboração com o governo) • <i>Como fazer um viveiro?</i> (de Assina Waldemar Pydd, Porto Lucena –RS) • <i>Comitê regional de educação rural</i> (iniciativa do CAPA e Sindicato de Santa Rosa para integrar as forças que atuam junto ao agricultor) 	<p><i>Ein A-B-C für den praktischen Landwirt</i> (Or. Técnica, bilingüe – constatação: “os agricultores não são de escrever”)</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Panela cheia</i> (Sopa de Aipim, de arroz e salada de Alface, do livro “Nutrição e Saúde”) 	<p>esperança e colheu felicidade (de O Interior)</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Diretor da GESA vai a Londres</i> • <i>Orgnio Roth na FETAG</i> 	<p>perdas (de H.L.M. em nome do CAPA)</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Serviço Porco (I)</i> (sobre os custos da criação de porcos) • <i>Serviço Porco (II)</i> (sobre o aproveitamento da palha dos cultivares colhidos, evitando a queimada) 	<p>o povo. Saiba o que dizem outros JORNAIS, REVISTAS LIVROS (1900: Padre Amstad funda Sociedade de Agricultores – do livro “Erinnerugen aus meinem Leben”; 1903: Pastor cria Liga em Panambi – “Atualidades Cotripal”. A viração de <i>Dona Tereza</i> – “Cotrifatos”; <i>Água na gasolina</i> – “O Interior”.</p>
7 dez-jan 1981-82		<ul style="list-style-type: none"> • <i>O dom da inteligência</i> (artigo relatando o uso da irrigação por um agricultor de Giruá-RS) • <i>Panela Cheia</i> (receitas de milho verde) • <i>Cooperluz – 10 anos de energia no meio rural</i> (anúncio da Cooperativa de Eletrificação Rural Fronteira Noroeste do Estado) 	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Papai Noel existe</i> (reflexão sobre o Natal, por Edelberto Behs) • <i>Natal de embalagens</i> (reflexão sobre o Natal) • <i>Intercessão</i> • <i>No encaicho da vida</i> (reflexão tendo como tema a importância da vida, por Sívio Meincke-pastor) 	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Cartas (da ADEA – Associação de Defesa e Educação Ambiental, por Eduardo Felber, de Curitiba –Paraná; Convite de Joaçaba –SC, dirigido pelo P. Arno Paganelli ao CAPA; De Ulrich Loew, Ijuí – RS, pedindo a retificação da fonte do artigo em número do NP anterior; Do Instituto Goethe, dispondo ao CAPA o seu acervo de livros e vídeos; de Aloysius C.Kniest, de Salvador do Sul – RS, sobre uma foto trocada na edição anterior do NP; Do P. Erno Feiden, de Ajuricaba-RS, tratando do êxodo rural; De Eugen Leitzke, Panambi, tratando sobre um artigo do cooperativismo em Panambi, no NP anterior)</i> 	<ul style="list-style-type: none"> • <i>A-B-C do agricultor prático/ Ein A-B-C für den praktischen Landwirt</i> (Or. Técnica, bilingüe) 	<ul style="list-style-type: none"> • <i>O O homem que plantou esperança e colheu felicidade. Parte III (de O Interior)</i> • <i>GESA adquire novo equipamento</i> • <i>Ver com os próprios olhos</i> (breve relato da viagem de estudos promovida pelo CAPA, para agricultores. O destino: Joaçaba-SC, Patronato Agrícola Anjo da Guarda.) 	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Cooperativismo: capitalização</i> (por H Musskopf) 	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Saber não ocupa lugar diz o povo. Saiba o que dizem outros JORNAIS, REVISTAS LIVROS (Máfia de pesticidas – Correo do Povo; 25 anos de cooperativa; Solo viciado – Coopave; Vamos se melar? – Jornal do GETAS – O Técnico; O mel e as africanas – Atualidades Cotripal; Biodegradáveis só em 83?)</i> <p>Lema da IECLB para 1981: “Não negligencieis a prática do bem e a mútua cooperação, pois com tais sacrifícios Deus se compraz” (Hebreus 13.16) Foto de flores com uma abelha e uma parágrafo: “quem pretende criar abelhas, deve logo pensar em flores, pomares, reflorestamento com frutíferas. Além do mel, o apicultor lucrará com a venda de flores e de frutas”.</p>
8 mar-abr 1982		<ul style="list-style-type: none"> • <i>Ver para crer</i> (artigo relatando a viagem de agricultores do RS para Joaçaba-SC, para conhecer o <u>bidigestor</u> – 	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Editorial</i> (mudanças políticas e econômicas que desfavorecem os agricultores – pedido para o cumprimento do 	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Cartas</i> (de Udo Werner Schmiedt, Não Me Toque-RS, incentivando a <u>agricultura orgânica</u> moderna; De Clemente 	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Adubação verde</i> – a certeza da fertilidade (sobre o uso do tremoço, por Udo W. Schmiedt) • <i>O homem que plantou</i> 	<ul style="list-style-type: none"> • <i>A-B-C do agricultor prático/ Ein A-B-C des praktischen Landwirt</i> (Or. Técnica, bilingüe) • <i>Um milhão de</i> 	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Os bons tempos da Caixa Rural União Popular</i> (artigo a respeito do cooperativismo- de crédito, de produção. 	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Saber não ocupa lugar diz o povo. Saiba o que dizem outros JORNAIS, REVISTAS LIVROS (Já é hora de pensar no</i>

		relato de alguns participantes)	<p>Estatuto da Terra)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Agricultores vão tomar grandes decisões (sindicalização e mobilização contra a colonização japonesa promovida pelo governo) • Direitos Humanos (art. VIII, parte do artigo extraído a enciclica <i>Pacem in Terris</i>, 1963) 	<p>Leite Silva, Curitiba-PR, perguntando a respeito de um implemento agrícola; De Osvaldo R. Lohmann, tratando das condições na agricultura e propondo sugestões para melhorias; De Helio Francke, Joaçaba-SC, a respeito da campanha da arborização; Da Equipal, Joaçaba-SC, tratando do contrato da empresa com uma rádio para levar ao ar as fitas do NP)</p>	<p>esperança e colheu felicidade (parte IV – conclusão) (Fonte: O Interior, mas o texto foi enviado ao respectivo jornal pela AGAPAM)</p>	<p><i>carunchinhos... sete milhões de traças...</i> (Or. Técnica: cuidado com os grãos após a colheita)</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Uma nova paisagem rural</i> (divulgação do programa nas rádios) 	<p>Problemas do cooperativismo: “funcionarem como postos avançados do sistema capitalista”. Por H.L.M.)</p> <ul style="list-style-type: none"> • O Hunsrücker de Rondan e o cooperativismo (de Arlindo Schwantes e resposta de H.Musskopf: “Nós também trabalhamos há 10-15 anos atrás em orientação técnica aos colonos e mandamos plantar com adubos químicos...”) 	<p>próximo inverno: feno – Emater de Pelotas, Jornal “O recado”; Fumo-sabão-timbó: veneno natural contra as pragas – Manual Prático de agricultura, 1949; Artigo com parte do livro “Sangue da Terra – a luta armada no campo” de Murilo Carvalho; <i>Notícia graneleira</i>, a respeito do trigo no RS – “Cotifatos”; Crítica do CAPA à observação feita em <i>notícia graneleira</i>)</p>
9 jun-jul 1982		<ul style="list-style-type: none"> • Pedro verde. Recomendações de atividades e técnicas modernas na agricultura (artigo sobre agricultor que tem conseguido bons resultados com a agricultura orgânica) 	<ul style="list-style-type: none"> • Editorial (sobre a questão indígena, dos pequenos proprietários, dos sem-terras e da política econômica) • Agricultores vão tomar grandes decisões. Trigo não? Então colza e tremoço (Or. Técnica para a adubação verde; foto de colonos nas ruas em protesto contra o confisco) • Direitos Humanos. Ninguém será arbitrariamente preso, detido ou exilado (Fontes: Alocação de Pio XII aos membros do VI Congresso de Direito Penal, 1953 e Declaração da II Assembléia do Conselho Mundial, 1954) 	<ul style="list-style-type: none"> • Cartas (De Fredolino F. Freitag, Alto Paraná –PR, pedindo um modelo de Estatuto para Cooperativa; de Willibaldo Haas, presidente do STR de Erval Seco, pedindo uma fita K7 do NP para programa de rádio; De Ursula Neitzel, Chopinzinho-PR, tratando das práticas possíveis orientadas no NP; De Erineo Kurth, Paranavaí – PR, buscando contato com o Eng. Agr. Udo W. Schmiedt; De Eduardo Felber, Curitiba-PR, divulgando e convidando para o 1º Encontro Brasileiro de Agricultura Alternativa; De Ulrike Wehmeier, Niterói-RJ, parabenizando 1 ano de NP; De Lomar Pydd, São Leopoldo-RS, pedindo, em nome do grupo ecológico, uma palestra do CAPA. 	<ul style="list-style-type: none"> • <i>É hora de plantar rosas</i> (Or. Técnica) • Dez mandamento de prevenção de acidentes no meio rural (Or. Técnica – agrotóxicos, ou seja, venenos) • <i>Fazer amigos não é difícil</i> (do livro “Como fazer amigos e influenciar pessoas” de Dale Carnegie) • Panela Cheia (receita de sabão de abacate) 	<ul style="list-style-type: none"> • <i>A-B-C do agricultor prático/ Ein A-B-C des praktischen Landwirt</i> (Or. Técnica, bilingüe) • Queimou a palha, o nome saiu no rádio (de O Interior) • Dados sobre a produção de biogás (comparação energética biogás/petróleo e o consumo de alguns eletrodomésticos e máquinas) 	<ul style="list-style-type: none"> • Cooperativismo. Os balanços das cooperativas (de H.Musskopf-CAPA) • O símbolo da cooperação (sobre o significado do símbolo em verde amarelo, com dois pinheiros envoltos por um círculo) 	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Saber não ocupa lugar diz o povo. Saiba o que dizem outros</i> JORNAIS, REVISTAS LIVROS (58 milhões para uma colheitadeira auto-motriz? – “O Interior”; O remédio do pobre – “Suplemento Rural do Correio do Povo”; <i>Encontro: 2ª Exposição-Feira de produtos naturais do LACHARES</i>; <i>Agora, tratar de guardá-lo. E bem</i> – sobre a colheita de grãos; <i>Os súditos do Rei</i> – “Choque”;
10 ago-set 1982		<ul style="list-style-type: none"> • Deus escreve reto por linhas tortas (sobre a II Expo-feira do LACHARES e o II Encontro Nacional de Coordenadores de Projetos Agrícolas) 	<ul style="list-style-type: none"> • Editoria. Orientação libertadora (êxodo rural, agricultores sem-terra, Reforma Agrária, Agricultura libertadora, Sindicalismo e Cooperativismo) • Agricultores vão tomar grandes decisões. O reencontro, 20 anos depois. (sobre o Col. Getúlio Vargas e críticas à sua formação de técnicos agrícolas) • Direitos Humanos (art. X, e partes extraídas da IV Assembléia Mundial do CMI-1968, e da alocação de Pio XII aos membros do VI Congresso do Direito Penal-1953) 	<ul style="list-style-type: none"> • Cartas. Leitores opinam (de STR de Bento Gonçalves, Braga, Salvador do Sul, Criciúma, Getúlio Vargas, Taquara – RS; do Cartório de Registro de imóveis de Horizontina, enviando o livro “No reino do Agricultor” de Arno Ecke; da UNIMED do Vale do Caí, Bagé-RS; da Cooperativa Tricolor Superense Ltda, Sobradinho – RS; de Udo W. Schmiedt; Cooperativa Agropecuária Rodeio Ltda.; EMATER-Catúipe, Santa Rosa, Porta Alegre –RS; Cooperativa Agrícola Três Fronteiras Ltda, Medianeira-PR; S.L.C. S.A; FETAEP-PR; 	<ul style="list-style-type: none"> • Pomar. Uma fonte de vitaminas naturais (Or. Técnica) • Panela Cheia (como aproveitar as sobras de alimentos) • Agricultor e a assistência técnica (de Norma Viapiana Golfeto, conclamando o comprometimento dos técnicos com os pequenos agricultores e denunciando a irresponsabilidade dos mesmos) 	<ul style="list-style-type: none"> • <i>A-B-C do agricultor prático/ Ein A-B-C des praktischen Landwirt</i> (Or. Técnica, bilingüe) • <i>O espirito é o aviso da gripe</i> (cuidados no inverno com a gripe) 	<ul style="list-style-type: none"> • Cooperativismo. Mais perto de um mundo mais justo (por H.Musskopf) • Como deve ser a água para beber (cuidados como filtrar e beber a água antes de beber) • Curiosidades sobre a COAPEL (Piá-cooperativa criada em 1967 com a orientação de técnicos alemães) 	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Saber não ocupa lugar diz o povo. Saiba o que dizem outros</i> JORNAIS, REVISTAS LIVROS (Ordenha: uma tarefa que tem seus truques – O Recado, Consultate; Lagartas que viram adubo – Jornal Coopervale; <i>A excelente qualidade da cachaca de pêssego</i> – Revista Agricultura & Cooperativismo) • No presente os traços do Brasil futuro – do P. Walter Dörr, tratando da colonização do Brasil Central e da atuação de Hansjoerg Rinklin, contratado através de “Dienste in Uebersee” da organização “Pão para o

				<p>Comunidade Aquarius, Vale Sagrado- MT; Com. Ev. de Funil –MG, pedindo informações sobre o Biogás; de Ulrike Ewehmeier, Niterói-RJ; De Eduardo Felber, Curitiba-PR, tratando sobre o 1º Encontro Brasileiro de Agricultura Alternativa e sobre os jornais, além do NP, que tratam deste tipo de agricultura-jornais como o “Conservacionista” de Ponta Grossa e o JEA de São Paulo; De Ayrton Kanitz, que usou o NP na Alemanha, em reuniões e na “Voz da Alemanha”; De Rudi Kniest, Monte Negro-RS, sobre o NP no rádio; Do P. Hanz Miertschink, Califórnia-ES; De Hélio Luis Marchioro;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Meu credo (de Sulpício Siqueira) 			Mundo”.	
11 out-nov 1982		<ul style="list-style-type: none"> • Mutirão do CAPA (por Elisabete Dockhorn e Ademar Hoffmann sobre mutirão feito em propriedade de pequeno agricultor que serviu para animá-lo diante das dificuldades por ele enfrentadas e perspectiva de êxodo) • <i>Seja um vencedor</i> (reflexão motivadora ao agricultor – com foto ao lado- de Brasília Starepravo) 	<ul style="list-style-type: none"> • Editorial. Tiro na mosca (sobre o protesto dos suinocultores de Casca-RS e a reação, em forma de processo, da Associação de Proteção ao Consumidor. Críticas ao processo, e apontamento dos verdadeiros problemas) • Agricultores vão tomar grandes decisões. O Rio Grande tem terras para todos os colonos (contra a declaração do presidente do INCRA e da manutenção dos latifundiários que aproveitaram as mudanças no ITR para beneficiar-se de uma possível Reforma Agrária. A situação dos acampados de Encruzilhada Natalino) • Direitos Humanos (art XI) 	<ul style="list-style-type: none"> • Cartas (Universitários: Do Diretório Acadêmico da Faculdade de Educação Física – de Cruz Alta, por Almir A. Gruhn; <i>Colonos sem terra:</i> Da Secretaria da Agricultura, Porto Alegre-RS, pelo chefe de gabinete, Mário Wunderlich; Biodigestor I: De Erno Julio Dieter, Nova Venécia – ES; Biodigestor II: De Martin Steffen Backhouse, Estrela-RS, pedindo informações sobre biodigestor, curiosidade surgida num estudo bíblico; <i>NP rádio:</i> Do P. Rudi N Wehrmann, Ijuí-RS, pedindo fitas K7 do NP; <i>Rezar e produzir.</i> de Eduardo Felber, Curitiba-PR; <i>Essa é demais:</i> de Edemar Leuck, Santa Rosa –RS; <i>Ao Hunsrück de Rondônia:</i> resposta do CAPA.) • Divulgação das fitas K7 do NP; 	<ul style="list-style-type: none"> • Flores, abelha e mel (artigo extraído dos Cadernos da ADEA, nº4, de Eduardo Felber) • <i>O que o filho pensa do pai</i> (versos-sabedoria) • Panela Cheia (como conservar o suco de limão) • Aproveite as verduras. Faça conservas (Or. Técnica) 	<ul style="list-style-type: none"> • A-B-C do agricultor prático/ Ein A-B-C des praktischen Landwirt (Or. Técnica, apenas em português- entrevista com agricultor que foi beneficiado em mutirão do CAPA) • Esperara o quê? (de Norma Viaplana Golfeto sobre as condições sanitárias dos pobres no interior e nas cidades – saúde) • Patriotismo autentico (de Arlindo Schwantes, Marechal Cândido Rondon-PR, tratando da resistência dos técnicos em divulgar a adubação verde e incentivar o plantio do trigo, segundo as orientações do governo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Cooperativismo. Vamos acordar, gente! 	<ul style="list-style-type: none"> • Saber não ocupa lugar do povo. Saiba o que dizem outros JORNAIS, REVISTAS LIVROS (Os perigos do óleo de Colza – “O Estado de São Paulo”; <i>Evitando acidentes</i> – “O Recado”; <i>A poda das árvores</i>, com desenhos – “O CHOQUE”) • Teologia da Terra (do P. Silvano Schneider, Taquaras-SC)
12 dez-jan 1982-83		<ul style="list-style-type: none"> • Sua horta passo a passo (Or. Técnica) • Desidratação: um mal de verão (sobre a necessidade de consume e cuidados com a água neste período-desenhos) 	<ul style="list-style-type: none"> • Editorial. Pagando a dívida externa (comparação dos investimentos e retornos entre latifúndios e pequenas propriedades) • Agricultores vão tomar grandes decisões. (sobre as queimadas e a 	<ul style="list-style-type: none"> • Cartas (Biodigestor: de Adenor Saatkamp, Colônia Raúl Pena-Paraguai, pedindo informações; <i>Produtor modelo:</i> de Claides H. Kohwald, Marcelino Ramos-RS, sobre a possibilidade e prática das orientações do NP; <i>Um</i> 	<ul style="list-style-type: none"> • Energia Solar. Uma fonte que o Brasil ainda não descobriu (uso para secagem de grãos) • Panela Cheia (receitas de Bolo de soja, leite condensado, bolacha de maizena) • Plantas que podem 	<ul style="list-style-type: none"> • A-B-C do agricultor prático (Or. Técnica) • Estela (de Augusto Bier, estória a respeito de uma vaca- Estela- que passa a fazer parte da vida de um família rural) 	<ul style="list-style-type: none"> • Cooperativismo. Os maiores erros do cooperativismo (por H.Musskopf.) • Que tal uma sociedade? (sobre uma sociedade de máquinas e implementos. Indicação: filme do Instituto Cultural 	<ul style="list-style-type: none"> • Teologia da Terra • “Saber não ocupa lugar”. <i>Saiba o que dizem outros jornais, livros e revistas. (A importância da minhoca – O Recado; Em vinte anos já se falará no deserto gaúcho – Jornal Coopagro, Toledo-PR; Tremoço e seu</i>

			<p>proposta da <u>adubação verde</u>- sindicalismo e cooperativismo)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Direitos Humanos (art. XII, com parte extraída da Declaração da IV Assembléia do CMI e da Proposição aprovada pela XII Assembléia Geral da CNBB) 	<p>novo <i>amanhã</i>: da Secretaria do Estado do Rio Grande do Sul, divulgando o livro; <i>Nova Paisagem I</i>: de Roberto Tesch, Laranja da Terra-ES, pedindo a gravação de um fita K7 – NP; <i>Nova Paisagem II</i>: de Leonora Haas, Feliz-RS, pedindo a gravação da fita para usar em sala de aula)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Arregaçando as mangas (de <u>Norma Viapiana Golfeto</u>, sobre a participação da mulheres no meio rural) • Os riscos de acidentes que ameaçam o trabalhador rural (saúde, cuidado com animais e máquinas) 	<p>causar intoxicação (descrição de algumas plantas perigosas para o ser humano)</p>		<p>Brasileiro-Alemão Der Maschinenring)</p>	<p>valor medicinal – Boletim CAMBOTA;</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Os dois mares da Palestina</i> (comparação entre o Mar da Galiléia, que reparte e não prende as águas do Jordão e o Mar Morto, que prende-as)
13 fev-mar 1983		<ul style="list-style-type: none"> • Biodigestor. Uma solução simples e barata (propriedades, características e utilidades do Biodigestor – com desenhos explicativos) 	<ul style="list-style-type: none"> • Editorial. Como estrume na lavoura (sobre o capital e sua distribuição; atuação dos sindicatos, cooperativas e igrejas junto aos pequenos agricultores) • Agricultores vão tomar grandes decisões (sobre o tema do ano da IECLB-Terra de Deus, Terra para todos; atenção voltada para a Reforma Agrária, a atuação do Dep. Gernote Kirinus e exigência no cumprimento do Estatuto da Terra; Cita de Martin Fierro sobre a união; sentido e <u>conceito de progresso</u>) • Direitos Humanos (art. XIII, e partes extraídas da Encíclica Pacem in Terris-1963, e Declaração da V Assembléia do CMI-1975) 	<ul style="list-style-type: none"> • Cartas (Contra a parede: de Adeno Saatkamp, Colônia Raul Pena – Paraguai, sobre biodigestor; Bom jornal: de Carlos E. Schmitt, presidente do STR de Estância Velha-RS; Não perco um: de Vitorino Brandalise, Herval do Oeste-SC, sobre o programa na rádio; Vale a pena ler: indicação do livro <i>No Reino do Agricultor</i>; • Venenos caseiros para pragas da lavoura (receitas para controlar os insetos e pragas, com receitas oriundas dos próprios agricultores) • Para uma boa água, faça seu poço assim (desenho mostrando as camadas de areia, carvão e pedra no fundo do poço- como filtro natural) • Pesticidas na lavoura, uma verdadeira guerra (os males dos <u>venenos</u> e a atuação dos grupos econômicos favorecida com a venda dos mesmos) • A quem você daria os bens (reflexão em torno da declaração, feita numa frase sem pontuação, a respeito da herança e a importância da escrita correta) 	<ul style="list-style-type: none"> • Confrey – uma farmácia no fundo do quintal (sobre a origem o uso alimentar/medicinal desta planta) • Panela Cheia (receitas de Sabão caseiro ou de abacate, de cera caseira e doce de laranja – esta última, de Ely Dockhorn, Três Passos) • Teologia da Terra (também sobre o confrei) 	<ul style="list-style-type: none"> • A-B-C do agricultor prático (Or. Técnica- planejamento da propriedade) • <i>Música terá encontro em Languiru.</i> <p><i>Precisa-se de Técnico Agrícola</i> (anúncio da Sociedade Patronato Agrícola Anjo da Guarda de Catanduvas-SC, que conseguiu apoio da Pão para o Mundo.)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Cooperativismo. Os maiores erros do cooperativismo. (7 apontamentos observados em pesquisas realizadas por uma equipe da universidade do FUNDAMES, de Santo Ângelo) • <i>Água que não vais beber</i> (poesia) • Cooperativismo de eletrificação rural (de H.L.M., com um modelo de <u>pequenas barragens da Alemanha</u>) 	<ul style="list-style-type: none"> • <i>"Saber não ocupa lugar". Saiba o que dizem outros jornais, livros e revistas.</i>(Males provocados pelo fumo – Jornal O Recado; <i>Amazônia poderá tornar-se o Saara II</i> – do livro Manejo ecológico do solo, de Ana Primavesi; <i>Feijão de Porco na adubação verde- A BRAZISUL Agrupecuária; O solo é renovável através do composto orgânico</i> - Cadernos da ADEA, de Eduardo Felber; <i>a natureza ensina, mas o homem...</i> - Cadernos da ADEA, de Eduardo Felber.)
14 fev-mar 1983		<ul style="list-style-type: none"> • Teologia da Terra (Cristo Libertador- sobre a abelha) 	<ul style="list-style-type: none"> • Agricultores vão tomar grandes decisões (sobre o preço dos produtos) 	<ul style="list-style-type: none"> • A-B-C do agricultor prático (Or. Técnica-silagem) 	<p>OBS: a partir deste exemplar, o número de páginas é reduzido. A primeira página, que até</p>			

		<ul style="list-style-type: none"> • <i>Enxada no ombro, rumo à terra do vizinho</i> (de Louraini Christmann Koren, comentado dois mutirões realizados na comunidade de Esquina Uruguaí e Alto Criciumal, ambas no município de Criciumal-RS) • <i>Panela Cheia</i> (Sopa de fubá, pamonha de milho verde, coserva de massa de tomate) 	<p>agrícolas, especialmente o leite e o suíno)</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Editorial. Rumo ao apocalipse</i> (secas e enchentes; seguridade social rural e crítica à proposta do candidato ao governo do Estado; crítica às obras faraônicas como a Itaipu) • <i>Direitos Humanos</i> (art XIV, com parte extraída da Encíclica Pacem in Terris-1963) • <i>O preço do leite</i> (críticas à classificação do leite imposta pela indústria de beneficiamento deste produto, a partir da análise de uma nota de leite¹ e conclamação à mobilização dos produtores) 	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Construindo o futuro</i> (espaço destinado aos jovens do meio rural; Exemplo da <u>JÊ da Com. Ev. De Vila Salgado Filho, Giruá-RS, com o CAPA cultivaram 1,4 hectares de forma orgânica</u>) • <i>Ajude a salvar a natureza</i> (sugestões para o consumo) 	então trazia poucas informações, passa a trazer artigos.			
15 abr-mai 1983		<ul style="list-style-type: none"> • <i>Teologia da Terra</i> • <i>Vamos cuidar do solo?</i> (do livro de Ana Primavesi, "Manejo ecológico do solo"- com desenhos indicados a correta aração do solo) • <i>Algumas dicas para sua horta</i> (or. Técnica) • <i>Terceira Expo-feira de produtos naturais (do LACHARES)</i> 	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Agricultores vão tomar decisões</i> (planejamento da propriedade) • <i>Editorial. Páscoa da libertação</i> (variações do preço do leite para o consumidor, e o pago para o produtor; boicote ao consumo, realizado por mulheres organizadas; necessidade da diminuição dos custos de produção) • <i>Maneiras erradas de se alimentar</i> (12 pontos sobre a alimentação-saúde) • <i>Direitos Humanos</i> (art. XIV a XXX) 	<ul style="list-style-type: none"> • <i>A-B-C do agricultor prático. As notas do leite</i> (crítica aos critérios de classificação do leite usada pela indústria) • <i>Construindo o futuro</i> (sobre o III <u>Acampamento de Jovens em Não Me Toque- RS, com o tema Ecologia e uso da Terra, a partir do método Ver-Julgar-Agir</u>) 				
16 jun-jul 1983		<ul style="list-style-type: none"> • <i>Em Aula Brasil, agricultores vêm com aplicar composto</i> (Aula Brasil, Catuibe-RS. Relato da realização de um mutirão, e entrevista com participantes, inclusive mulheres) • <i>Teologia da Terra</i> 	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Agricultores vão tomar decisões</i> (sobre o desafio lançado pelo CAPA aos formandos do Col. Getúlio Vargas, que previa o estágio dos técnicos agrícolas nas pequenas propriedades rurais com o compromisso de difundir o ideal da <i>propriedade modelo</i>) • <i>Editorial. Milho aos pombos</i> (analogia entre a música de Zé Geraldo – Milho aos pombos¹¹ e Miquéias 2.1-2. Previdência e Seguridade Social rural) • <i>As histórias do começo da bíblia e as histórias da gente</i> (fonte: Séc. Nacional da CPT, 	<ul style="list-style-type: none"> • <i>A-B-C do agricultor</i>. (Or. Técnica- planejamento da propriedade) • <i>Construindo o futuro</i> (divulgação de centros de formação e cursos para jovens agricultores) 				

			<p>Goiânia-GO)</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>A saúde em perigo</i> (sobre o alerta do prof. Luiz Carlos Pinheiro Machado da UFRGS em relação ao <u>consumo de alimentos industrializados e com origem de animais confinados</u>) 				
17 ago-set 1983		<ul style="list-style-type: none"> • <i>A sensibilidade das plantas</i> (sobre pesquisas em relação à reação das plantas em diferentes ambientes) 	<ul style="list-style-type: none"> • <i>A educação no meio rural</i> (crítica à educação de municípios no âmbito rural, observada como descontextualizada e a favor de interesses distintos do rural) • <i>Editorial. E os pequenos?</i> (apoio e críticas à Carta Aberta que não defende os interesses dos pequenos agricultores) • <i>Agricultores vão tomar decisões</i> (sobre o aumento da produção de soja, que beneficia a <u>indústria de óleos vegetais, fertilizantes, defensivos agrícolas, instituições bancárias, produtoras de sementes e a federação de cooperativas</u>. Recomendação de cautela aos agricultores na decisão de plantar) 	<ul style="list-style-type: none"> • <i>A-B-C do agricultor. A caixa composteira</i> (Or. Técnica – da ADEA- com foto e desenho da caixa) • <i>Inseticida de fumo e álcool</i> (do jornal O CHOQUE) <p><i>Amigo agricultor! Faça melhoria nos poteiros, nos pastos; faça feno; faça silagem, e seus animais não diminuirão a produção no inverno. É lucro certo!</i></p>			
18 out-nov 1983-84		<ul style="list-style-type: none"> • <i>“Vitória” pela natureza</i> (artigo sobre o dia da Igreja em Colônia da Vitória, Paróquia de Santo Ângelo – RS. Tema do Ano de 1982- <u>“Terra de Deus – Terra para todos”</u>) • <i>Consultório Jurídico</i> (orientação e respostas às perguntas enviadas pelos agricultores, por Orlando Afonso Wentz, advogado) 	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Editorial. Uma arma poderosa</i> (sobre as promessas nas eleições e o direito de voto) • <i>Agricultores vão tomar decisões. Um preço justo para o leite</i> (sobre a mobilização e a greve dos produtores, desbancada por um grupo que deveria representar os interesses dos mesmos) 	<ul style="list-style-type: none"> • <i>A-B-C do agricultor prático. Bioqás-biofertilizante</i> – presentes da <i>Natureza</i> (sobre <u>biodigestor</u>; artigo com 3 desenhos indicando diferentes tipos de biodigestores e funcionamento dos mesmos.) • <i>Quando as pragas aparecem...</i> (Orientação técnica – livro “Lavoura e Pecuária” da Secretaria da Agricultura- e <u>receitas caseiras para controle dos insetos e pragas</u>, seja da lavoura ou em casa) • <i>Fatos & dicas & perguntas – lances da vida</i> (sobre a petroquímica e a difusão <u>“ecopornográfica”</u>, através da mídia dos produtos resultantes deste <u>avanço da petroquímica- observação de José Luzenberger</u>; convite 			

				para o 3º concurso de slides sobre <u>conservação do solo</u> , promovido pela Secretaria da Agricultura)				
19 dez-jan 1984		<ul style="list-style-type: none"> • <u>Cuidados com as plantas de vasos</u> (baseado no artigo "<u>Jardinagem e ecologia</u>" do Eng. Agr. Enio Pippi da Motta, da Revista <i>Lavoura e Pecuária</i>) • <u>Panela Cheia</u> (sobre o uso do agrião) • <u>Avencas e samambaias</u> (cuidados com estas plantas; do Eng. Agr. Enio Pippi da Motta, da Revista <i>Lavoura e Pecuária</i>) • <u>Consultório Jurídico</u> (sobre a CLT e a situação de Empregador e empregado rural. Por Orlando Afonso Wentz, advogado) 	<ul style="list-style-type: none"> • <u>Editorial. Outro ano findou</u> (sobre as conquistas e as dificuldades do ano e as eleições) • <u>Agricultores vão tomar decisões. Crédito fundiário para todos!</u> (o Capa formula perguntas aos leitores e desafia-os a responderem com cartas e, inclusive, formular mais perguntas) • <u>Trânsito proibido para os clorados</u> (art. observando o nome dos <u>agrotóxicos clorados</u> mais comuns. Disposição para responder ao agricultor se o agrotóxico que ele possui em casa é ou não clorado. Por Ellemar Wojahn - Coord. do Capa na RE IV.) • <u>Atenção sindicatos</u> (divulgação do livrinho "Terra de Deus" contendo as palestras do <u>Seminário da Terra</u> -) 	<ul style="list-style-type: none"> • <u>A-B-C do agricultor prático. Ruas limpas</u> (artigo de H.L.M. tratando da pesquisa de <u>Ana Primavesi e Adema Lopes da Cruz</u> sobre "<u>culturas protetoras</u>" e <u>adubação verde</u>.) • <u>O machão que a qualquer um derruba</u> (do Folheto da Associação Brasileira de Combate ao Alcoolismo) • <u>Trabalho de preparação agrícola</u> (sobre a parceria da Escola Agrícola de São Leopoldo e o STR de Sapucaia para promover o estágio dos alunos nas propriedades) • <u>Plantas simpáticas e antipáticas</u> (sobre o plantio de diferentes variedades de plantas próximas umas às outras- <u>associações</u> de plantas que se beneficiam e que se prejudicam; indicação de plantas usadas para controlar e combater insetos.) 				
20 fev-mar 1984		<ul style="list-style-type: none"> • <u>Teologia da Terra. Deus corporificou o seu amor na Criação</u> (entrevista do P. Silvino Schneider ao Nova Paisagem) • <u>Repelentes para horta e pomar</u> (<u>repelentes caseiros</u>) • <u>Consultório Jurídico</u> (sobre a posse da propriedade rural- <u>registro e usucapião</u> de imóveis. Por Orlando A. Wentz) 	<ul style="list-style-type: none"> • <u>Editorial. "Assim prometo"</u>. (sobre os compromissos dos recém eleitos em relação aos temas: êxodo rural, política agrícola, previdência e seguridade social rural, preços dos produtos agrícolas controlados pela indústrias e educação rural) • <u>Quantos não têm terra?</u> (estatísticas entre os associados dos STRs de algumas cidades- sobre o crescimento urbano da cidade de Três de Maio- RS) • <u>Colono não quer trabalhar</u> (incentivo do CAPA para que agricultores se manifestem enviando cartas para o Centro) • <u>Imposto Territorial Rural. O que mudou? Como pagar menos?</u> (esclarecimento sobre o 	<ul style="list-style-type: none"> • <u>A-B-C do agricultor prático. Moscas! Que nojo</u> (Or. Técnica e saúde, para evitar a proliferação de moscas- com desenhos para a construção de uma caixa que permite a morte das larvas das moscas) • <u>As abelhas trabalham de graça</u> (sobre a importância da abelha na polinização da plantas, assim como dos produtos oriundos de seu trabalho, o mel) 				

			imposto e o recadastramento no INCRA)					
21 abr-mai 1984	<ul style="list-style-type: none"> Sementes do CAPA (atividades no CAPA na RE IV) Agricultores da Grande Santa Rosa querem um núcleo da CPT (a organização dos agricultores diante da construção de barragens. CAPA participa da criação da <u>APAN- Associação de Proteção ao Ambiente Natural</u>) Concurso Nova Paisagem 	<ul style="list-style-type: none"> Plantas Companheiras (possibilidades de consórcio entre diferentes plantas) A Cura Natural (alimentos importantes para a saúde) Carrapato (busca de formas de controle) Experimente esta com o tremoço (adubação verde) 	<ul style="list-style-type: none"> Editorial: Nova paisagem (política agrícola de subsídios e de manutenção do agricultor como consumidor de produtos industrializados) CAPA terá 43 propriedades modelo (obtenção de recursos para a construção de propriedades organizadas) Plantas companheiras (o consórcio milho/feijão de porco, a partir da obra de <u>Ana Primavesi – Manejo ecológico do solo</u>) 	<ul style="list-style-type: none"> A-B-C do agricultor prático. Uma vaca bem tratada dá mais leite (técnicas para a produção de leite e a dedicação aos animais) Recuperação de pastagens (Or. Técnica) Mantenha seu feijão livre dos carunchos (Or. Técnica) A polinização pelas abelhas (a importância deste inseto na polinização) 				
22 jun-jul 1984	<ul style="list-style-type: none"> Em defesa da vida (sobre a crise ecológica e o <u>II Encontro em nome do Amor à Natureza, da Semana Ecológica Alternativa</u>, promovida por entidades conservacionistas gaúchas) Dia mundial do meio ambiente (mensagem do CAPA) Concurso nova paisagem Funrural não paga hospitais, e o agricultor sofre as conseqüências (a falta de assistência médica aos agricultores) Açudes também devem ser adubados (Or. Técnica) 	<ul style="list-style-type: none"> III Seminário da terra: Uma viagem de estudos por Teutônia e Nova Petrópolis (relato da viagem de agricultores do CAPA para a região dos municípios de Teutônia, Languiru e Nova Petrópolis para conhecer as pequenas propriedades e a organização de cooperativas e associações; a viagem integrou as atividades do III Seminário da Terra) Consultório Jurídico: Usucapião (Or. Jurídica) Nova Paisagem Rádio 	<ul style="list-style-type: none"> Editorial: Assistência técnica traz retorno (o bom exemplo da Cooperativa Agropecuária Petrópolis-COAPEL-PIA) Uma previdência Social Rural Justa (a assistência prestada pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Nova Petrópolis) Panela cheia: use soja na alimentação; sabão de mamão; sabão de soja 	<ul style="list-style-type: none"> A-B-C do agricultor prático: Criação de terneiros estabulados (Or. Técnica) Horta – uma fonte de saúde (Or. Técnica) Como criar abelhas (Or. Técnica) 				
23 ago-set 1984	<ul style="list-style-type: none"> Concurso Nova Paisagem Se eu fosse ministro Sinais dos tempos: Chuvas no Sul e seca no Nordeste (as mudanças climáticas relacionadas com a intervenção humana) A economia brasileira está doente (críticas à política agrícola e destaque à formas de resistência baseadas na <u>agricultura "alternativa, orgânica, natural"</u>) 	<ul style="list-style-type: none"> Subsídios para o debate sobre "Reforma Agrária" (proposta que contempla a atuação de associações de ambientalistas na orientação dos agricultores) Conservação do solo: Um compromisso com a vida (breve histórico do uso da terra nas colonizações) Consultório Jurídico: Vizinhos e vizinhança (Or. Jurídica a respeito de fontes, rios, córregos e animais) 	<ul style="list-style-type: none"> Editorial: Por uma Nova Paisagem (crítica ao cooperativismo que se articula com os interesses de multinacionais e dos bancos- resistência através da <u>agricultura alternativa</u>) A importância do húmus (fertilização natural da terra- fonte "Cadernos da ADEA") 24 mil litros a menos (a produção de leite e formas de <u>baixar os custos de produção com adubo orgânico e biofertilizantes</u>; cooperativismo, sindicalismo) 	<ul style="list-style-type: none"> A-B-C do Agricultor Prático: Plante menos e colha mais! (Or. Técnica: <u>Diversificação de culturas, receitas caseiras de controle de insetos</u>) Horta – não basta plantar, é preciso cuidar (Or. Técnicas) Conhecendo suas abelhas (Or. Técnicas) 				

			<ul style="list-style-type: none"> • <i>Poda de formação em frutíferas</i> 				
24 out-nov, 1983	<ul style="list-style-type: none"> • Canoinhas – SC: Dia da Terra (culto e palestras do CAPA e Sílvio Meincke) • Propriedade modelo (Organização e planejamento da propriedade) • <i>Campanha de fixação do homem à terra</i> (divulgação do material de orientação do CAPA) • CAPA prepara seminário para jovens em Panambi (Sobre o IV Seminário da Terra, voltado aos jovens; Palestrantes: <u>Christa Knäpper</u> –sobre a importância da minhoca na fertilização do solo - e <u>Sílvio Meincke</u> – a respeito do Jardim-Terra, a criação) • <i>Concurso Nova Paisagem</i> 	<ul style="list-style-type: none"> • Distrito Eclesiástico Concórdia: Evangelização rural (orientação do CAPA para a resistência dos pequenos agricultores é compreendida como a prática do evangelho) • A retirada dos subsídios (crítica à política agrícola que manteve subsídios que favoreceram o consumo de adubos e produtos químicos) • Inseticidas domésticos (receitas para controle dos insetos, e para a saúde humana) • <i>Consultório Jurídico: Usucapião</i> • Ração para cavalos (cuidados especiais com animais usados no trabalho) 	<ul style="list-style-type: none"> • Editorial: O colono tem que se unir (crítica à política agrícola, ao cooperativismo que não representa a maioria dos associados e às obras de <u>grandes barragens</u>) • Sucos: A cura saborosa (alimentos para a saúde) • Controle das moscas (controle de insetos, sem uso de venenos) • Previdência Social Rural (a função do Sindicato não é de assistência médica) 	<ul style="list-style-type: none"> • A-B-C do Agricultor Prático - Não fede, não é caro, é brasileiro e já existe: propriedade modelo Nova Paisagem. (Organização e planejamento da propriedade) • Sua horta- como anda? (Or. Técnica) • Plantas melíferas (sugestão de plantas e árvores a serem plantadas para que se tenha floradas durante todo o ano, propiciando a produção de mel) 			
25 dez-jan, 1983-84	<ul style="list-style-type: none"> • <i>"Nova Paisagem"</i> (a respeito do concurso de poesias) • <i>Feliz Natal</i> (mensagem) • Ao entardecer do vigésimo nono dia (sobre o III Seminário Nacional de Coordenadores de Projetos Agrícolas na IECLB) 	<ul style="list-style-type: none"> • Descobrimo o jardim do Éden (sobre os Seminários da Terra para os jovens. Palestrantes: <u>Christa Knäpper</u> e <u>Sílvio Meincke</u>) • Centro Agrícola está pronto para o trabalho do CAPA (o CAPA na RE IV. Criação de um <u>banco de sementes</u> para variedades usadas na adubação verde) • CAPA da Região faz curso de apicultura (Or. Técnica e cuidados) • Experiência mostra o prejuízo dos detergentes (trata da experiência em que foram testados diferentes tipos de detergentes e seu caráter tóxico: o <u>sabão comum</u> apresentou a menor taxa) • <i>Consultório Jurídico: Direito de vizinhança</i> 	<ul style="list-style-type: none"> • Editorial: Uma questão de bom senso (sobre o valor pago ao produtor e o preço do produto nos mercados) • Neste Natal não corte o pinheiro! • Colonização ou reforma agrária (a respeito da política de colonização do governo e da falta de mudanças na estrutura agrária) 	<ul style="list-style-type: none"> • Minhocas podem ser criadas em viveiros (adubação natural da terra- <u>Christa Knäpper</u>) • Rama de mandioca para alimentar animais (Or. Técnica) • A sementeira (Or. Técnica) • Como povoar colméias com uso da caixa-isca (Or. Técnica) 			
26 fev-mar 1984	<ul style="list-style-type: none"> • <i>O grande mutirão</i> (poema) • Jovens (conhecem a <u>Itaipu</u>, e reúnem para debater a previsão de construção de novas <u>barragens</u>) • Juro agrícola e poupança (política) 	<ul style="list-style-type: none"> • Mel: alimento e remédio (histórico do uso e a importância para a saúde) • Os cuidados no preparo de chás (Orientações, principalmente a maceração com cachaça) • Teologia da terra 	<ul style="list-style-type: none"> • Editorial: Da supersafra à democracia (sobre o anúncio de supersafra e sua relação com a busca de empréstimos no exterior) • Outra vez: Reforma agrária (contribuições para o problema da terra) 	<ul style="list-style-type: none"> • A-B-C do agricultor (Or. Técnica – <u>adubação verde</u>) • Novos Anos - Novos planos (<u>agricultura alternativa e cuidados na horta</u>) • Saiba como conservar o mel (Or. Técnica) 			

	econômica e agrária)	<ul style="list-style-type: none"> • A-B-C da Terra: Um passo para a reforma agrária? (Crítica a respectiva cartilha do governo) 	<ul style="list-style-type: none"> • Assmann visita o CAPA (visita do coordenador da EZE) • Produtor de leite (cuidados na produção e necessidade de mobilização em sindicatos e cooperativas na obtenção de melhor preço) 				
27, abr-mai 1984	<ul style="list-style-type: none"> • Feno de rama de mandioca (Or. Técnica na alimentação de animais) • Rotação de culturas (benefícios desta prática) • CAPA treina líderes rurais (realização dos Seminários da Terra para jovens, tratando de sindicalismo, cooperativismo e práticas de cultivo orgânico) • Fabrica de adubo (sobre o uso do esterco como fertilizante) • Alimentação para o gado (uso de palha de feijão na alimentação do gado) • O funcionamento do Sindicato (esclarecimento a respeito dos objetivos e da atuação) 	<ul style="list-style-type: none"> • Princípios Cooperativos (sobre a representação, a eleição e participação dos associados) • A esperança do Reino (sobre a Reforma Agrária) • Você pode estar matando ou morrendo. E tem gente lucrando com isso: venenos organoclorados proibido no RS • Notícias do CAPA da região 4 	<ul style="list-style-type: none"> • Editorial: quem manda na cooperativa?(representação e participação) • Prevenir em vez de remediar (Orientações e destaque à agricultura biodinâmica – de Eduardo Felber, ADEA) • Fazer feno é coisa simples (Or. Técnica) • Aproveite as frutas – faça geléia (Or. Técnica) 	<ul style="list-style-type: none"> • A-B-C do Agricultor: Vida para a Terra (Uso da colza como <u>adubo verde</u>) • Controle da formiga cortadeira (<u>controle natural</u> com o plantio de gergelim) • Alho e moranguinho – fonte de renda (Or. Técnica e alternativas de renda) • Agricultor cuidadoso, abelhas calmas (cuidados que se devem tomar para a lida com elas) 			
28 jun-jul 1984	<ul style="list-style-type: none"> • Jovens preparam-se para o futuro (a atração das fábricas de calçados dentre os filhos de agricultores) • Mais uma viagem de estudos (viagem para conhecer os projetos de cooperativas agricultores) • Manejo de suínos (dicas e formas que facilitam os cuidados com o leitão) 	<ul style="list-style-type: none"> • Jovens do campo acham que a vida na cidade é melhor (êxodo rural, a falta de terras, necessidade de mudanças) • Manejo de cabras (benefícios da criação: fonte “Guia prático da auto-suficiência”) • Visitas ao CAPA (FASE, FIDENE, EMBRATER...) • <u>TEOLOGIA DA TERRA e a Teologia da Escassez (LACHARES)</u> 	<ul style="list-style-type: none"> • Editorial: anarquistas ou vítimas? (crítica à manifestação do Secretário da Agricultura do RS que julgou os colonos acampados em Erexim e Ronda Alta de anarquistas e agitadores) • CAPA sugere que cooperativas prestem assistência médica • Organize um pomar (Or. Técnica) 	<ul style="list-style-type: none"> • A-B-C do Agricultor Prático: Rios de Sangue (sobre a importância da <u>água</u> dos rios para a agricultura e a vida) • Conserve os tomates (orientações para guardar os tomates em conserva) • Cultive os pepinos e cebolas (Or. Técnica) • Apicultura no inverno (cuidados com a criação) 			
29	<ul style="list-style-type: none"> • <u>Biodigestor: gás e adubo de graça</u> (sobre as vantagens e formas de adaptar o biodigestor à realidade do pequeno agricultor) • Dia do colono: É tempo de reflexão e ação 	<ul style="list-style-type: none"> • Prós e contras ao uso de defensivos agrícolas (Dr Bernharde Hesse trata, no artigo, defender o uso responsável de agrotóxicos) 	<ul style="list-style-type: none"> • Editorial: a pequena propriedade (a importância da pequena propriedade na produção de alimentos) • Associações de produtores fazem o papel das cooperativas da Alemanha (H. 	<ul style="list-style-type: none"> • A-B-C do Agricultor: milho, feijão e soja na mesma área (Or. técnica, experimentada no CAPA da RE IV- consórcio de culturas) • Poda de frutíferas (Or. Técnica) • Formas de cultivo do 			

	<ul style="list-style-type: none"> • <i>I Seminário sobre a pequena propriedade</i> (realização do CAPA RE IV) 		<p>Musskopf trata da atuação das associações de produtores na Alemanha)</p> <ul style="list-style-type: none"> • <u>Tecnologia da escassez (LACHARES)</u> • <i>Atividades do CAPA 4</i> • <u>Amor de Deus mostra-se na criação (Palestras de Silvino Schneider na RE IV)</u> • <u>Preparo da canela (Orientação)</u> 	<p><i>tomate e da melancia</i> (Or. Técnica)</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>As abelhas como fonte de saúde</i> (os benefícios dos produtos das abelhas na saúde humana) 				
30 out-nov 1984	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Agricultura – prioridade esquecida</i> (breve histórico da política agrícola e econômica em palestra proferida por Jarbas Paes Machado) • <i>Antes que a Natureza morra</i> (sobre o I Congresso Estadual de Educação Ecológica, em Ibirubá, com a participação do CAPA) 	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Por causa de venenos, alemães querem boicotar importação de grãos do Terceiro Mundo</i> (informações da visita de H. Musskopf à Alemanha) • <i>Poda verde em frutíferas</i> (Or. Técnica) • <u>Teologia da Terra: técnicas úteis em tempos de escassez (LACHARES)</u> • <i>Consultório Jurídico: Contratos de Trabalho</i> (Or. jurídica) 	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Editorial: O Grito</i> (sobre a importância da agricultura em que se resgata técnicas como <u>adubação verde, rotação de culturas, esterco, composto energético</u>) • <i>Currículo escolar adaptado à realidade rural estancaria êxodo de jovens</i> (proposta de educação rural) • <i>A última chance</i> (comentário de Eduardo Felber em relação à obra de Dr. Anne Harrar, “A última chance”) • <i>Panela cheia</i> 	<ul style="list-style-type: none"> • <i>A-B-C do Agricultor: adubar melhor sem VBC</i> (orientação para os agricultores evitar o uso de crédito para compra de adubo, uma vez que podem produzi-lo a partir de <u>matéria orgânica</u>) • Tabela para pesar terneiros (Or. Técnicas) • <i>Calda bordaleza para o combate de musgos</i> (Or. Técnica) • <i>Banana para porcos</i> (uso da planta e da fruta na alimentação dos mesmos) • <i>O cultivo da beterraba</i> (Or. Técnicas) • <i>Produza mais mel</i> (Or. Técnica) 				

Título do artigo: em itálico

Artigo importante: negrito

Artigo importante, tratando da ecologia: negrito e sublinhado

FETAEP – Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado do Paraná.

STR- Sindicato dos Trabalhadores Rurais.

ADEA – Associação de Defesa e Educação Ambiental

CMI- Conselho Mundial de Igrejas

EZE – Evangelische Zentralstelle fuer Entwicklungshilfe

FASE – Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional

FIDENE - Fundação de Integração, Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado

EMBRATER – Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural

VBC- Valor Básico de Custeio